

O menino selvagem

**Estudo do caso de uma criança selvagem retratado
no filme "O menino selvagem"
de François Truffaut**



Trabalho realizado por Jorge Gonçalves e Maria Alexandra Peixoto no âmbito da Cadeira de História e Filosofia da Educação leccionada pela Prof. Olga Pombo ano lectivo 2000/2001. Este trabalho teve por base uma primeira versão da autoria de Mónica Caldeira e Dora Oliveira realizada no ano lectivo de 1999/2000

*”Torvado vem na vista, como aquele
que não se vira nunca em tal extremo.
Nem ele entende a nós, nem nós a ele,
Selvagem mais que o bruto Polifemo.
Começo-lhe a mostrar da rica pele
De Colcos o gentil metal supremo
A prata fina, a quente especiaria
A nada disto o bruto se movia”*

Camões, Lusíadas, V, 28

*“É na linguagem que o homem se constitui como sujeito porque só na linguagem é
que se funda a realidade”*

**Benveniste, Problèmes de linguistique générale,
Paris: Gallimard, 1996, p. 259**

ÍNDICE

- **Ficha Técnica do Filme**
- **O Realizador – François Truffat**
- **Resumo do Filme**
- **Momentos do Filme**
- **Entrevista com François Truffaut, “Como Filmei "O Menino selvagem"”**
- **Críticas ao Filme**
- **O Conceito de Selvagem: Jean-Jacques Rousseau e Lévi-Strauss**
- **Outros Casos de Crianças Selvagens**
- **Caracterização Inicial do Selvagem de Aveyron**
- **Proposições do Prof. Itard para a Educação do Menino Selvagem**
- **Educação, Ensino ou Instrução do Menino Selvagem: Alguns Exemplos**
- **Bibliografia**
- **Anexo 1- Apresentação dos textos do Prof. Itard por Albert Merani**
- **Anexo 2- Da Educação de um Homem Selvagem ou dos Primeiros Progressos Físicos e Morais do Jovem Selvagem de Aveyron por Jean-Marc Gaspard Itard**
- **Anexo 3 - Relatório Apresentado ao Excelentíssimo senhor Ministro do Interior sobre os Novos Desenvolvimentos de Victor Aveyron**

FICHA TÉCNICA DO FILME

Título: “L’enfant sauvage”

Realizador: François Truffaut

Interpretação: François Truffaut (Dr. Jean Itard), Jean-Pierre Cargol (Victor de l’Aveyron), Françoise Seigner (Mme Guérin), Paul Villé (o velho Rémy), Jean Dasté (Philippe Pinel), Claude Miller (Sr. Lémeri), Annie Miller (Mme Lémeri), Mathieu Shiffman (Mathieu), René Levert (Comissário), Pierre Fabre (enfermeiro), Nathan Miller (o bebé Lémeri), Jean Mondaroux (lê médico de Jean Itard)

Produção: Marcel Berbert e Claude Miller para "Les Films du Carrosse e Lês Artistes Associes"

Montagem: Agnés Guillemot

Música: Antómo Vivaidi, em interpretações dirigidas por Antoine Duhamel

Argumento e diálogos: François Truffaut e Jean Gruault baseado em "Mémoire et Rapport sur Victor d’Aveyron de Jean Itard (1806)"

Director de fotografia: Nestor Almendros

Operador de camera: Philippe Theaudiere

Decoração e guarda roupa: Jean Mondaroux e Gin Magnini

Som: René Levert

Exteriores: Auvergne (paisagem natural)

Gravação/Filmagem: Julho/Agosto 1969

Cópia da Cinemateca Francesa, em 35 mm, preto e branco, versão original sem legendas

Duração: 86 minutos

Estreia Mundial: Paris, 26 de Fevereiro de 1970 nas salas. Concorde, Bilboquet, Club 15, Quartier Latin, Lumière (Estreia em Portugal: Estúdio 444, 28 de Abril de 1971)

Prémios: Palma de Ouro do Festival Valladolid, Christopher Award, Fémina Belge.

O REALIZADOR – FRANÇOIS TRUFFAUT

Cineasta francês, nasceu em Paris a 6 - II - 1932 e morreu em Neuilly, nos arredores da capital francesa, a 21 - X - 1984. «Em nenhum cineasta (...) o desejo de filmar foi tão absoluto. Mas também, talvez por isso, nenhum cineasta como Truffaut sacrificou tanto à conservação deste privilégio». Quem o afirmou foi o realizador português António Pedro Vasconcelos. E, de facto, Truffaut pode ser considerado como um dos cineastas de todo o mundo que mais viveu para o cinema, que mais o serviu com obras incomparavelmente belas.

O seu interesse pela Sétima Arte revela-se ainda muito cedo, na adolescência, quando depois de viver uma infância atribulada e miserável, começa por frequentar assiduamente a Cinemateca Francesa e numerosos cine-clubes. A partir de 1951, passa a integrar o corpo redactorial dos já então bem conhecidos e críticos *Cahiers du Cinema*. Formando equipa, não só a nível do trabalho como também de amizade, com figuras como André Bazin, Alain Resnais, Jean-Luc Godard ou Eric Rohmer, F. Truffaut vai fazer parte, nos últimos anos da década de 50 até aproximadamente 1965, do movimento artístico da *nouvelle vague*. Três títulos sobressaem deste período: *Quatrocentos Golpes*, a sua primeira longa metragem e logo vencedora do grande prémio para a realização do Festival de Cannes de 1959, *Disparem sobre o Pianista*, de 1960 e *Jules e Jim*, rodado dois anos depois. Principalmente nesta última obra, Truffaut consegue impor um estilo pessoal e novo, um discurso sensível e sentimental, intimamente ligado aos personagens que cria, seres tímidos, vulneráveis, secretos e ávidos de vida e pelos quais se parece apaixonar e prender, preocupando-se com a sua dificuldade em viver, os seus conflitos interiores, as suas ambivalências. *Os Quatrocentos Golpes*, são uma narrativa de natureza autobiográfica de uma criança vagabunda de doze anos, que revela toda a sua rebeldia e sinceridade, prolongando, de certo modo, o seu trabalho de crítico. Por outro lado, esse filme denotava o apreço e reconhecimento que Truffaut sente por cineastas que o marcaram como Jean Vigo, Claude Renoir, Roberto Rossellini, Alfred Hitchcock, Ernest Lubitsch, Howard

Hawks, Max Ophüls e tantos outros. A sua paixão pelo cinema, no entanto, não se exprime unicamente pela admiração ou pela herança reconhecida de alguns dos grandes mestres universais da Sétima Arte. O cinema, para Truffaut é, antes de mais, uma forma de partilhar sonhos, sentimentos e emoções; Daí, o seu notável instinto ao dar vida a ficções e personagens. Talvez em virtude do seu desejo de conservar o cinema no domínio inviolável do espectáculo popular, películas como *Angústia*, de 1964 ou *A Sereia do Mississipi* realizada em 1969, apesar de serem consideradas por muitos críticos como das melhores da sua carreira, são encaradas pelo próprio realizador como obras um pouco «falhadas» e «ingratas».

O conjunto da obra de Truffaut revela-se prudente e calculada, mas sempre coerente e sincera. Depois de dirigir *O Menino Selvagem* (1970), protagonizado por ele próprio (tal como em *A Noite Americana e Quarto Verde* - facto que nos leva a encarar o artista sob outro prisma, admirando-o pela simplicidade e franqueza com que representa, e será curioso a este propósito referir essa personagem por ele interpretada, quase diríamos, por ele criada, em *Encontros imediatos do Terceiro Grau*, de Steven Spielberg), Truffaut realiza, em 1973, *A Noite Americana*, um dos mais belos momentos da sua inspiração. O filme é premiado em Hollywood com o Oscar para o melhor filme estrangeiro. Com a mesma entrega com que sempre trabalhou, Truffaut dá aí, satisfação aos seus fantasmas e sonhos, sem no entanto nunca tocar o mau gosto, a imoralidade ou o desrespeito. O seu tema fundamental é o amor mais forte do que a morte e capaz de desprezar a liberdade, um sentimento fulgurante e arrebatador que tão bem ficou explicitado nos seus últimos cinco filmes: *História de Adèle H.*, *O Quarto Verde*, *O Último Metro*, *A Mulher do Lado* e *Finalmente Domingo*, a sua derradeira película.

Filmografia de Truffaut

1958:Les Mistons

1959:Histoire d'eau

Lês 400 coups

1960:Tirez sur le pianiste

1961:Jules et Jim

1962:L'Amour à vingt ans

1963:La peau douce

1966:Fahrenheit 451

1967:La mariée était en noir

1968:Baisers volés

1969:La Sirene du Mississipi

L'enfant sauvage

1970:Domicile conjugal

1971:Deux anglaises et le continent

1973:La nuit américaine

1975:L'histoire d'Adèle H.

1977:L'argent de poche

L'Homme qui aimat les femmes

1980:La chambre verte

L'Amour en fuite

Le Dernier Metro

1981:La Femme d'à côte

1983:Vivement dimanche

RESUMO DO FILME

Num dia de Verão do ano de 1798, numa floresta francesa, foi encontrada por caçadores uma criança selvagem. Levada para Paris, foi observada pelo mais célebre psiquiatra da época, Pinel, que a considerou como um idiota irrecuperável e pelo jovem médico Itard que, ao contrário, considerou ser possível recuperar o atraso provocado não por inferioridade congénita mas pelo seu isolamento total. Para provar a veracidade das suas razões, Itard pediu a tutela desta criança. Assim, na sua casa em Batignoles, com a ajuda da sua governanta, Mme Guérin, iniciou a difícil tarefa de desenvolver as faculdades dos sentidos, intelectuais e afectivas de Victor, nome pelo qual se passou a chamar esta criança.

MOMENTOS DO FILME

1º Momento: Na Selva

Uma camponesa anda a colher bagas na floresta. Ouve um barulho de arbustos a mexer. Olha e, ao ver um animal estranho, larga o cesto e foge.

Esse animal estranho era um ser humano. Um menino que andava com os pés e as mãos, trepava às árvores, comia bolotas e raízes, coçava a cabeça e o corpo como os animais, tinha um olhar vago ...

Entre as árvores, como elas baloiçando ao vento, a criança era parte integrante da natureza



2º Momento: A Caçada

A camponesa vai chamar três caçadores que vieram com cães e espingardas tentar caçar esse “ser” selvagem.

Sentindo-se perseguido, o menino começa a fugir e, acossado pelos cães, sobe a uma árvore. Mas, ao pendurar-se num ramo, cai e, nesse momento, um dos cães apanha-o e morde-o. Contudo o jovem selvagem consegue defender-se. Embora com menos força e biologicamente mais mal preparado, a sua inteligência é maior o que lhe permite resolver a situação em seu favor: aperta o pescoço do cão até o matar.



A caçada prossegue. Quando os caçadores estão prestes a apanhar o menino, ele foge novamente escondendo-se num buraco no chão. O caçador acende então uma tocha com fumo que mete dentro do buraco. O menino é obrigado a sair. Tenta ainda fugir mas os caçadores conseguem apanhá-lo. Tapam-no e levam-no com eles para uma Quinta.



3º Momento: Conhecimento público da descoberta da criança selvagem

O menino selvagem é entregue aos cuidados de um aldeão que o protege da curiosidade dos camponeses.

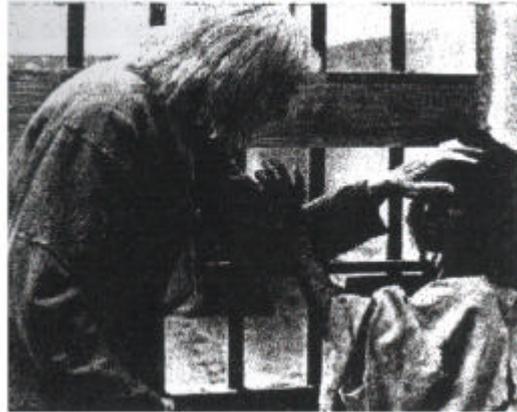
Entretanto, em Paris, um médico lê uma notícia sobre este acontecimento e reconhece como seria útil examinar esta criança e determinar o seu grau de inteligência. Itard compreende que se trata de uma situação excepcional: um adolescente privado de educação por ter vivido afastado dos indivíduos da sua espécie.



4º Momento: Ida para a prisão de Rodez

Acorrentado num palheiro, o menino tenta fugir diversas vezes. Para evitar tal facto é transferido para a prisão de Rodez.

Entretanto, em Paris, a criança capturada na floresta e conhecida como “*Selvagem de Aveyron*” torna-se um fenómeno de moda. A curiosidade pública é enorme. Cuvier e Sicard conseguem uma autorização do Ministério do Interior para transferirem o selvagem para Paris.



Na prisão, um guarda tenta dar-lhe banho. O selvagem revolta-se e morde-o. Só a presença e a ternura do aldeão que o havia recebido, permitem acalmá-lo.

5º Momento: Ida para Paris

O selvagem de Aveyron é levado para Paris numa carruagem, preso por uma trela. Ao atravessar um rio, os passageiros são obrigados a sair da carruagem. Nesse momento o selvagem consegue fugir para a margem do rio. Afinal o seu objectivo era apenas beber água.

Já em Paris, Truffaut mostra-nos uma conversa entre Itard e Pinel a propósito de uma notícia do jornal na qual se afirmava que o selvagem iria, aos poucos, tomar os hábitos dos homens civilizados e se deixaria



maravilhar com as belezas da capital. Todos esperavam que uma educação rápida permitisse recolher informações sobre a vida passada do selvagem.

6º Momento: Exames realizados ao Menino Selvagem

O selvagem é levado ao professor Itard e ao professor Pinel que o observaram de imediato: media 1,39 m de altura, tinha pele fina, cor escura, rosto oval, olhos negros, grandes pestanas, boca média, língua normal e bem distinta, dentição normal. Os observadores calcularam que deveria ter entre 11 a 12 anos. Sentado de costas para a porta do consultório não reage ao barulho da porta que se fecha. Tal facto parece revelar surdez. No entanto, o aldeão que dele se ocupou na aldeia afirmou tê-lo visto voltar-se quando se partia uma noz nas suas costas. Os sentidos da criança estavam invertidos: o olfacto mais desenvolvido, seguido do gosto, visão e por fim o tacto.

Tinha quatro cicatrizes no braço esquerdo, no ombro e na perna direita e umas quinze cicatrizes, arranhões e rasgões pelo resto do corpo, a maior parte devidas a mordeduras de animais. A hipótese colocada pelos médicos foi a de o selvagem deveria ter tido necessidade de matar animais para sobreviver. Tinha uma cicatriz diferente das outras no pescoço, uma sutura de 40mm, que parecia ser um corte provocado por um instrumento afiado. "Os que o abandonaram devem ter querido assassiná-lo", afirma o professor. Com o cair das folhas, o ferimento deve ter cicatrizado por si. Nessa altura, deveria ter três a quatro anos de idade porque, se fosse mais novo, não teria sobrevivido pelos seus próprios meios. Como afirma o professor Itard: "O ferimento não pode ser a causa do mutismo e ele não fala". A "única causa é o isolamento em que viveu até aqui".

Segue-se uma cena muito curiosa em que o menino olha para o espelho, de frente, de lado, como se estivesse a tentar descobrir o que era aquilo que via. Colocam-lhe uma maçã sobre a cabeça e o menino, de frente para o espelho, tenta agarrá-la, primeiro, no espelho e depois sobre a sua cabeça.

7º Momento: No colégio dos surdos-mudos

No colégio de surdos-mudos, para onde é levado, durante os recreios, foge das outras crianças e esconde-se debaixo de montes de folhas. Quando o pretendem deitar, refugia-se debaixo da cama, onde dorme. Se chove, em vez de se abrigar como qualquer outra criança, fica alegre, corre e salta ao som da chuva.



Maltratado pelas outras crianças, explorado pelos guardas (os parisienses fazem excursões ao colégio para verem o "menino selvagem"), o menino selvagem tornava estridente a sua diferença radical.

O professor Itard e o professor Pinel decidem retirá-lo da instituição. Os maus tratos que aí sofria provoca mesmo interrogações sobre a legitimidade de terem retirado aquela criança ao seu mundo natural. Será possível e legítimo educá-la ou teria sido melhor tê-la deixado na floresta?

Neste momento inicial do filme, Truffaut põe em confronto duas teses. Por um lado, o professor Pinel considera o selvagem como um idiota, em tudo semelhante aos que tratava em Bicêtre. Sugere, por isso, que seja levado para aquela instituição de deficientes mentais. Segundo Pinel, o selvagem tinha sido abandonado e esfaqueado pelos pais por ser anormal.

Pelo contrário, para o professor Itard, ele não é idiota. É uma criança que teve o infortúnio de passar seis ou sete anos na floresta em isolamento total e ,apenas como resultado desse isolamento, parece hoje ser idiota. Supunha ter sido abandonado por ser filho ilegítimo e por isso um estorvo. Propõe-se tentar educá-lo e, nesse sentido, pede à Administração que lho confie. Concedida essa autorização, leva-o para sua casa, perto da aldeia de Batignolles, onde a sua governanta, Mme Guérin, cuida dele.

8º Momento: Chegada a casa do Prof. Itard e habituação à vida civilizada

Ao chegar a casa do Prof. Itard, a governanta recebe a criança com efusiva manifestação de ternura. Corta-lhe as unhas, o cabelo, veste-o e, seguindo o conselho do professor, vai sempre falando



com ele: “Vais ficar bem aqui!”, “Cuidamos bem de ti.”. Mesmo que ele não a compreendesse era necessário falar-lhe o máximo possível.

Itard, pelo seu lado, está inteiramente dedicado à tarefa de educação do menino. O que o apaixona é verificar que tudo o que o menino faz, é feito pela primeira vez.

O professor verifica que a criança é insensível ao fumo do tabaco, a todas as manifestações afectivas (“nunca ninguém o viu chorar”) e suportava muito bem o calor pois apanhou brasas com as mãos. O professor decide, então, dar-lhe banho em água a escalear com o objectivo de o “amolecer” para lhe retirar força muscular. Simultaneamente, salpica-o com água fria para lhe estimular a sensibilidade cutânea.



Coloca-se de novo a questão da surdez. Será que ele ouve? Como o professor Itard explica, ele "ouve

sem escutar, tal como olha sem ver". Será necessário ensinar-lhe tudo, inclusivamente ensinar-lhe a escutar e a ver.

Também a marcha é objecto de ensino, o professor obriga-o a uma postura direita e ensina-o a andar sem dobrar os joelhos.

À refeição, quando a Mme Guérin lhe põe um prato de sopa à frente, o menino imediatamente debruça a cara sobre o prato como um animal. Então, a governanta ensina-o a comer com a colher. A regra enunciada por Itard é a de que ele "tem que aprender desde já".



Quando o professor lhe pretende calçar os sapatos pela primeira vez, o menino reage fortemente. Não consegue andar. Tem que ser amparado e, quando o desamparam, atira-se para o chão, mostra-se agressivo e agitado.

Um dia em que é deixado no quarto ao frio e sentado junto às suas roupas, tenta vestir-se. Aos poucos tornou-se sensível à temperatura. Acende velas com fósforos, e começa a apreciar as roupas, que até então recusava. Espirra pela primeira vez e, curiosamente, manifesta uma reacção de medo perante o seu próprio espirro, ficando a bater os dentes.

O que mais agrada e alegra o menino selvagem são as saídas ao campo. Diariamente, o prof. Itard leva-o a uma propriedade vizinha onde a Sra. Lémeri o habitua ao leite. Essas saídas eram antecedidas por certos preparativos sempre idênticos: o prof. entra no quarto sempre pelas quatro horas, de chapéu na cabeça, com a camisa de sair à rua no braço e de bengala na mão. Quando vê o bosque, o menino manifesta uma imensa alegria e vai de uma janela para a outra da carruagem impacientíssimo. Ao acompanhar o Prof. Itard, o menino não é

capaz de andar calmamente ao seu lado. Recupera o seu estilo de marcha, sempre “trotando ou galopando”.

Ao chegar a casa da Sra. Lémeri, esta dá uma taça de leite ao menino que se dirige para a janela aí ficando a beber e a olhar para o campo. A certa altura, o menino começa a bater no vidro da janela. A Sra. diz-lhe que pode ir para a rua brincar com Matheu. Este sentou o menino no seu carrinho de mão e empurrou-o, o que provocou no menino selvagem grande manifestação de alegria, batendo com as mãos no carrinho.

Após o regresso a casa, o menino põe a mesa com os respectivos talheres, tal como a Mme Guérin lhe tinha ensinado. Vai à cozinha buscar uma taça e começa a bater no avental da Mme Guérin. Ao observar esta reacção, o professor Itard explica que ele está a “querer dizer” que tem fome. Encorajado com estes progressos das capacidades comunicativas do menino, o professor começa a fazer alguns jogos: coloca três copos em cima da mesa, mostra-lhe uma noz, mete-a dentro de um dos copos e, depois de alterar diversas vezes as sua posições, pede ao menino que indique onde está a noz. A inteligência está a ser estudada.

Quando regressa à propriedade vizinha, o menino dirige-se de imediato ao armário de onde a Sra. Lémeri tirava a taça do leite, batendo na porta para a tentar abrir. Um dia, ao ver o que estava a suceder, o professor pega na mão do menino ajudando-o a



abrir a fechadura da porta. Volta a fechá-la e ajuda-o a tentar abri-la sozinho. Perante o sucesso do menino, o Prof. dá-lhe a taça pretendida com leite. Como era seu hábito, o menino dirige-se para a janela que estava aberta. Distraído a

olhar para o campo, parte a tigela. No quintal, vê o carrinho e como o pequeno Matheu não está, o menino vai puxar o Sr. Lémeri para empurrar o carrinho.

Aos poucos, o prof. Itard tenta reduzir-lhe os passeios, as refeições e o tempo de cama. O seu objectivo é tornar os seus dias mais proveitosos. Nesse sentido, vai complicando a brincadeira dos



copos: em vez de utilizar objectos comestíveis, utiliza um soldado de chumbo.

Num certo dia, durante a brincadeira, o professor e a Mme Guérin, apercebem-se que a criança se volta para trás ao ouvir o som "o", razão pela qual começam a chamar-lhe Victor.

Quando Victor pede água com o copo na mão, o professor tenta que ele diga a palavra "água". Mas não consegue. O salto que é exigido ao menino é demasiado grande.

Ao voltarem a casa do Sr. Lémeri, Victor leva escondida debaixo do casaco uma tigela e vai ter com a Sra. Lémeri, mostrando-lha. Como ele tinha partido a outra tigela, deve ter pensado que a Sra. não lhe daria mais leite.

Ao perceber o gosto especial que Victor tem pelo leite, o professor tenta que ele diga a palavra leite. E, de facto, ele articula um som semelhante a leite, mas apenas depois de o prof. lho ter servido. Victor só diz a palavra leite após o professor lhe dar a tigela com o leite. Se a palavra saísse antes da concessão da coisa desejada, ele teria aprendido a função da palavra. A comunicação com Victor seria então possível. Mas não é isso que acontece. A palavra para Victor é apenas expressão insignificante e inútil do prazer sentido.

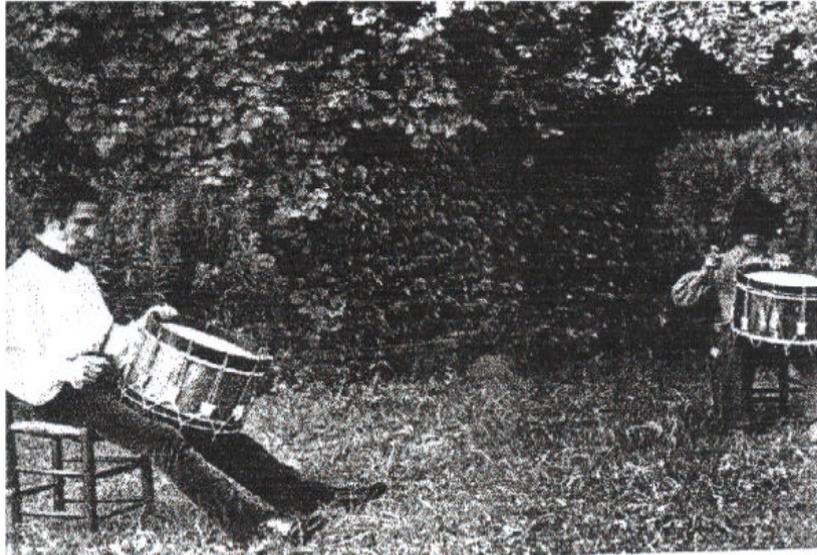
9º Momento: Passados três meses

Passados três meses, o professor Itard tenta despertar o ouvido de Víctor que, durante anos, só lhe serviu para o avisar na floresta da queda de um fruto ou da aproximação de um animal.

O professor coloca Víctor de frente para um espelho com uma vela acesa à sua frente e tenta que este o imite a fazer determinados sons. Depois, coloca a mão de Víctor no seu pescoço para que este sentisse as cordas vocais quando o Prof. articulava alguns desses sons.

Numa outra cena, Víctor, com um tambor no colo e de olhos vendados, imita o som emitido pelo professor no tambor. Nunca se engana, mesmo quando o professor o tenta confundir, batendo ora em cima, ora de lado.

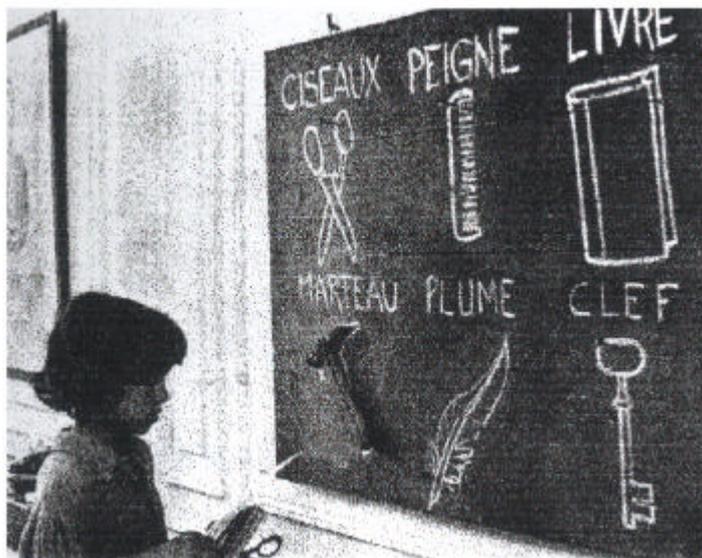
A Mme Guérin ensina Víctor a descascar ervilhas, coisa que



Víctor aprende com grande facilidade, conseguindo, inclusivamente, descascar tantas ervilhas quantas a Mme Guérin.

A certa altura, quando a Mme Guérin arruma a casa, troca acidentalmente o lugar de certos objectos. Víctor volta a colocá-los no sítio correcto. O professor Itard resolve então aproveitar esta sua “paixão pela arrumação”, procurando situações em que a aplicação da sua memória visual seja posta ao serviço da aprendizagem da escrita e da leitura.

O Prof. Itard começa por desenhar vários objectos no quadro, pedindo a Victor que pendurasse os próprios objectos no quadro, por cima de cada desenho. O menino consegue colocar os objectos no sitio. O professor recompensa-o com um copo de água. Victor gosta muito de água. Habitualmente,



colocava-se à janela, olhando para o campo, como se nesses momentos de deleite, esse filho da natureza procurasse juntar os dois únicos bens que sobreviveram à perda da sua liberdade: beber água límpida e a olhar o sol e o campo.

O professor complica a tarefa. Agora inverte os desenhos várias vezes. Victor, um dia, chega, inclusivamente a sair de casa. Quando o professor se apercebe que ele tinha saído, pensa que tinha fugido, voltando à sua antiga liberdade (a floresta). Porém, ao sair para a rua à sua procura, ouve um ruído de uma árvore. Olha para os ramos mais altos e lá está Victor sentado. Leva-o consigo para casa e desta vez, Victor conseguiu colocar os seis objectos no respectivo desenho. Como habitualmente, o professor recompensa-o com um copo de água.



A etapa seguinte consiste em apagar o desenho dos objectos deixando apenas o seu nome. Victor olha e tem um ataque de raiva, esperneando no chão. O professor culpa-se do seu erro,

reconhece que a distância entre passar da representação de um objecto para a sua representação alfabética é um salto enorme e uma dificuldade insuperável para Victor. Vai ter que procurar um método adequado às capacidades do menino selvagem. Vai procurar um método progressivo em que cada dificuldade vencida o eleve ao nível de dificuldade a vencer.

Nesse sentido, manda fazer um alfabeto de madeira. Victor aprende depressa a classificar as letras. No entanto, o prof. Itard apercebeu-se que o fazia com manha, amontoando as letras pela ordem inversa da sua classificação alfabética. O menino tinha conseguido inventar um expediente de memória que o dispensava da comparação e da apreciação. O que honrava a sua astúcia.

A etapa seguinte consiste em o professor misturar as letras e pedir a Victor para as colocar no devido lugar. Novo ataque de raiva. Para não o sobrecarregar, Itard decide aumentar o período dos passeios.



Num dia de chuva, Victor sai para a rua e brinca com alegria.

10º Momento: Passados sete meses

O professor Itard vai a Paris defender a causa de Victor face à análise pessimista do professor Pinel. Ao comparar o Selvagem de Aveyron com as crianças "idiotas" observadas em Bicêtre, Pinel concluía que Victor seria incapaz de conviver e que nada haveria a esperar de uma instrução metódica e mais prolongada.

Reiniciando os exercícios, o professor tenta novamente que Victor coloque as letras do alfabeto de madeira, mas este tem outro ataque de cólera.

O professor recorre ao quarto escuro. No entanto, actua consciente da necessidade de não abusar do procedimento. Como diz, "se ele falhar, qualquer outro tratamento semelhante será inútil". Quando o tira do quarto escuro, Victor chora pela

primeira
vez.

Vencida
esta crise,
o menino
começa a
colocar as
letras do
alfabeto de
madeira
no lugar
certo.

No
dia

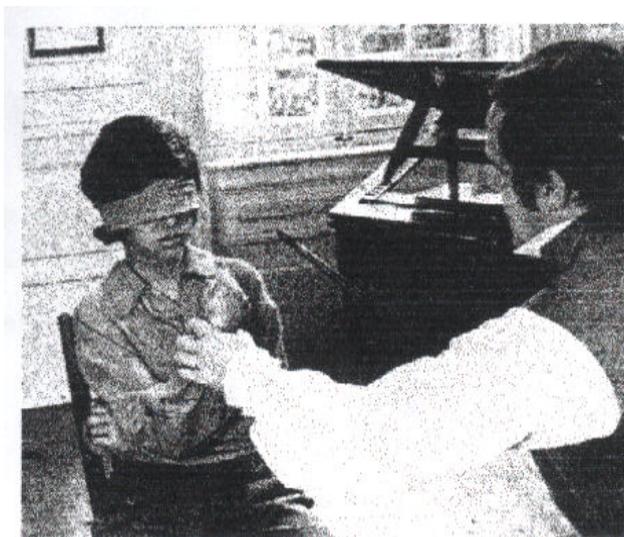


seguinte, quando Victor pede para lhe darem leite, o professor deu-lhe as letras de madeira para ele formar a palavra leite. Após umas tentativas, o menino consegue fazê-lo correctamente.

Quando volta a casa do Sr. Lémeri, Victor leva consigo as letras de madeira, necessárias à escrita da palavra leite e coloca-as em cima da mesa, como forma de pedir leite à Sra. Lémeri.



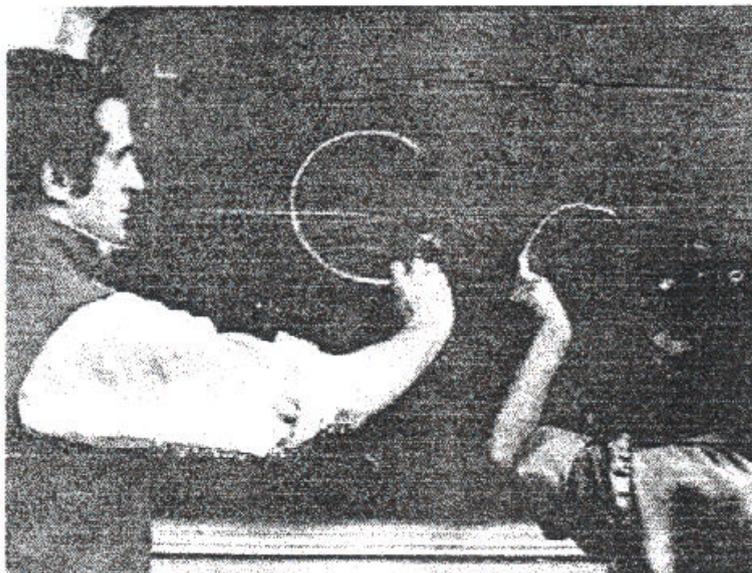
O Professor também tenta ensinar as vogais, associando cada letra a um dos dedos da mão.



Perante o fracasso de Victor, Itard fica desencorajado, decepcionado, a ponto de querer desistir. Mesmo com os olhos vendados, Victor apercebe-se da desilusão do professor pela sua entoação de voz e as lágrimas caem-lhe por baixo da venda de veludo.

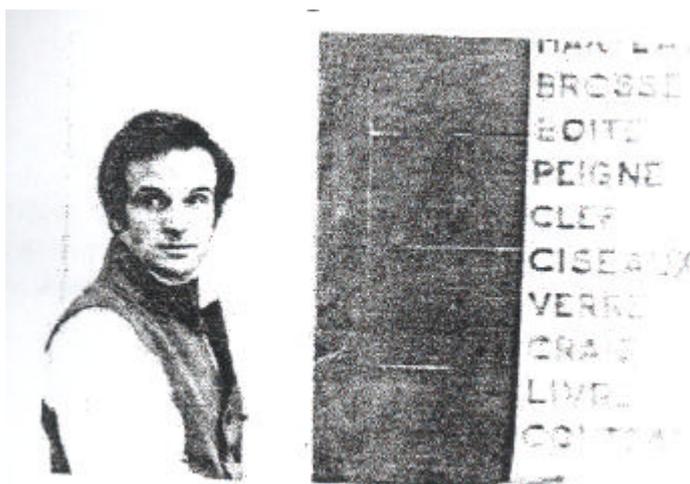
Chega uma carta renovando a pensão anual de cento e cinquenta francos, atribuída à Mme Guérin, pelos cuidados prestados ao jovem aluno. Este facto alegra o professor e dá-lhe ânimo para continuar.

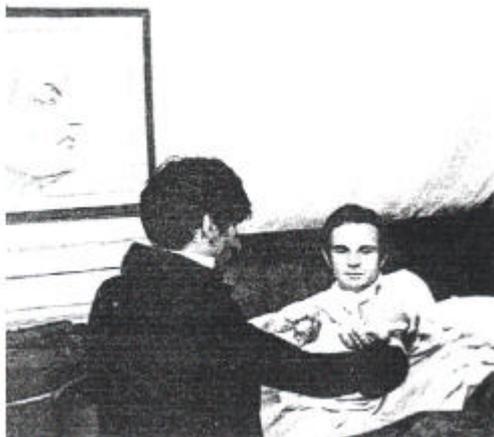
O Prof. Itard tenta então ensinar Victor a escrever no quadro com giz. À medida que o professor escreve, o menino imita-o.



Certo dia, o professor descobriu um objecto, um porta-giz, feito a partir de um osso de carneiro, que teria sido construído por Victor. A sua alegria é enorme perante o objecto inventado pelo selvagem. "Victor é um inventor". Como Itard constata: "é preciso ter passado pelas angústias de uma instrução tão penosa, acompanhar a evolução laboriosa da criança, desde o primeiro momento de atenção até ao irromper da imaginação, para se ter uma ideia do que sinto, e considerar perdoável uma tal ostentação por um facto tão simples e vulgar".

Entretanto, o professor consegue que Victor aprenda a relação dos objectos com a sua representação alfabética. Quando lhe pede para ir buscar certos objectos, apontando para a palavra e pronunciando-a, ele traz esses mesmos objectos. O professor recompensa-o, então, com um copo de água.





Há vários dias que Victor está privado das suas saídas diárias. O professor está doente com reumatismo. Mme Guérin chama o médico. Como não gosta de pessoas estranhas em casa, vai buscar o chapéu e a bengala do médico, coloca-lhe o chapéu na cabeça, a bengala na mão e empurra-o para a porta, fazendo com que este se vá embora.

Mme Guérin manda Victor buscar água. Ao ver a janela aberta, Victor corre para a floresta onde dorme nessa noite. Contudo, já não consegue sobreviver na floresta. Na manhã do dia seguinte é visto numa quinta, quando tentava roubar uma galinha, mas fugiu ao ser descoberto. Ao regressar a casa, Victor fez passar as mãos de Mme Guérin no seu rosto.



Ao assistir a esta cena o professor faz-lhe uma festa na cabeça:

“já não és selvagem, embora não sejas ainda um homem”.

Mme Guérin leva Victor para descansar. As últimas palavras são do professor:

“Amanhã recomeçaremos os exercícios”

ENTREVISTA COM FRANÇOIS TRUFFAUL – COMO FILMEI “O MENINO SELVAGEM”

Tive que esperar três anos para realizar "O Menino selvagem". Tinha lido no *le Monde*, em 1966, a recensão de uma tese de Lucien Malson sobre "As crianças selvagens", quer dizer, crianças privadas de todos os contactos com os humanos e que, por uma razão ou outra, cresceram em isolamento. Entre os cinquenta e dois casos creíveis referidos por Lucien Malson, da criança lobo de Hesse (1344) ao pequeno Ives Cheneau de Saint-Brévin (1968), o exemplo de isolamento mais nítido e mais instrutivo parece ter sido o de Victor de Aveyron, longa e minuciosamente estudado pelo Dr. Itard que por ele se interessou, desde a sua captura por caçadores, em plena floresta, durante o ano de 1798.

O "selvagem" estava hirsuto e deslocava-se como um animal, quer a quatro patas, quer sob as suas pernas. Vivia naturalmente nu. O corpo estava coberto de cicatrizes, tinha unhas como garras e exprimia-se apenas por grunhidos. Na floresta, alimentava-se unicamente de castanhas, de glanes e raízes e pensa-se que, entre o momento do seu abandono e o da sua captura, deve ter passado entre sete a oito anos em solidão absoluta. As cicatrizes que Victor tinha no corpo eram marcas de luta. Provavelmente, mordeduras de animais com que se havia batido. Mas, no pescoço, à altura da artéria uma cicatriz mais profunda que as outras parecia a marca de um golpe de faca. Tratava-se talvez de uma criança que alguém teria querido matar, de que teriam querido desembaraçar-se, quando ela teria três ou quatro anos de idade e que, julgando-a morta, teria sido abandonada na floresta. Pode supor-se que a ferida, com a ajuda de poeira e de folhas que se lhe tenham vindo colar, tenha cicatrizado por si própria. Mera hipótese aliás, uma vez que o mistério do abandono do selvagem de Aveyron nunca foi esclarecido.

Transferido para a esquadra de Rodez, a "criança selvagem" tomou-se rapidamente um tal objecto de curiosidade pública que dela falaram os jornais da época, as gazetas, por exemplo, "O Jornal dos Debates". Foi por isso que, muito rapidamente, os sábios parisienses pediram para a examinar. A criança foi

transferida da esquadra de Rodez para o Instituto de surdos-mudos de Paris, um grande edifício que ainda existe, na Rua de S. Jacques. Os médicos que examinaram o "selvagem" em Paris pensaram que se tratava de uma criança débil ou idiota que, por essa razão, tinha sido abandonada na floresta e que, portanto, seria inútil que alguém dela se tentasse ocupar. Segundo esses médicos, o selvagem deveria ser enviado a Bicêtre para junto dos loucos e dos incuráveis. Essa não era porém a posição de Jean Itard, um jovem médico que fazia investigação sobre a surdez. Ele pensava que o selvagem de Aveyron era digno de receber educação e pediu autorização para se encarregar dele, na sua casa perto de Paris. Inicia então a educação de Victor, inventando e utilizando toda a espécie de procedimentos de que nos servimos hoje ainda para a reeducação de crianças surdas-mudas e atrasadas.

O assunto do filme correspondia a temas que me interessam. Dou-me hoje conta de que "O Menino Selvagem" tem a ver com os "Quatrocentos Golpes" e "Fahrenheit 451". No "Quatrocentos Golpes", mostrei uma criança a quem faltou ser amada, que cresceu sem ternura; em "Fahrenheit 451", é o homem a quem faltam os livros, quer dizer, a cultura. Com o Victor de Aveyron, a "falta" é ainda mais radical, a linguagem. Estes três filmes são pois construídos sobre uma frustração maior. Pois, mesmo nos meus outros filmes, dediquei-me a descrever personagens que estão fora da sociedade: elas não recusam a sociedade, é a sociedade que as recusa.

Quando comecei, com o meu amigo Jean Gruault, a escrever o cenário de "O Menino Selvagem" a dificuldade principal resultava do facto de se tratar transpor um texto constituído na realidade por dois relatórios redigidos pelo Dr. Itard: o primeiro, datado de 1801, destinado provavelmente à Academia de Medicina; o segundo, escrito em 1806, tinha por fim a renovação da pensão concedida à Mme. Guérin que se ocupava da criança. Para tirar desses dois textos um único cenário, imaginámos que o Dr. Itard, em vez de escrever esses relatórios, linha feito um relato quotidiano, o que dá à narrativa a dimensão de uma crónica e permite preservar o estilo do autor, simultaneamente científico, filosófico, moralista, humanista, umas vezes lírico e outras familiar. Permaneci pois fiel aos

relatórios do Dr. Itard cujo estilo muito aprecio e que reli sem cessar durante a filmagem a fim de "repeçar" uma ou outra ideia ou, simplesmente, para dele me impregnar.

Documentei-me mas não sistematicamente. Li apenas algumas obras sobre surdos-mudos bem como o livro de Maria Montessori. Tenho sempre medo que o excesso de documentação, ao mostrar-me toda a vastidão do assunto, me faça renunciar a uma ideia. Desde o começo que me procuro limitar. Já a duração do filme tinha que ser limitada a uma hora e trinta minutos e, evidentemente, para tratar um tema destes, era possível acumular detalhes para três horas de projecção.

Também não quis fazer apelo a um conselheiro médico durante a filmagem. Não queria que me viessem impedir de fazer certas coisas. Contentei-me com fazer algumas consultas, por vezes mesmo durante a filmagem. Por exemplo, tendo que manipular um diapasão, não quis servir-me dele de qualquer maneira. Convidei para jantar um "otorrino" que me deu duas ou três indicações precisas sobre a questão. A partir daí, pude improvisar duas pequenas cenas sobre a educação do ouvido de que eu não sabia quase nada. Em segundo lugar passei à ideia inversa que era a de retornar um pouco os «Les Mistons», o meu primeiro filme. Nele dirigei 5 crianças de Nimes das quais uma ou duas tinham verdadeiramente qualquer coisa de muito selvagem. Agora, evidentemente, eles são homens casados e pais de família, pois rodei «Les Mistons» em 1957. Mas eu gostaria de encontrar um rapazinho deste género. Enviei a minha assistente à saída das escolas: - Arles, Nimes, Marselha, etc. Foi numa rua de Montpellier que ela viu, interrogou e fotografou entre outros um rapazinho cigano, Jean-Pierre Cargol. Jen-Pierre, o pequeno cigano que finalmente escolhi para interpretar este papel, é um rapaz belo e penso que ele tem o ar de ter saído da floresta. O papel de Victor é um papel que pode parecer penoso para um menino. Ao dirigir Jean-Pierre tive sempre que encontrar termos de comparação. Para os olhares eu dizia-lhe: «como um cavalo». Imitava Harpo Marx quando era preciso exprimir a ideia de encantamento com os olhos enormes. Mas os risos nervosos ou os risos maliciosos eram-lhe difíceis porque Jean-Pierre é uma criança muito meiga, muito

feliz e muito equilibrada e não podia senão fazer coisas tranquilas. As cenas difíceis como as hemorragias do nariz, as crises nervosas não foram senão esboçadas. Parava-se muito depressa. Evitou-se o espectacular. Não se tratava de provocar medo ou de impressionar mas de contar. Sei, a este propósito, que fazer entrar uma criança no cinema ou no teatro tem em geral má reputação.

Pessoalmente não creio absolutamente que a personalidade das crianças seja massacrada por se tornarem actores. Pelo contrário. Além disso eles são muito bem protegidos por um regulamento de emprego bastante severo. Uma comissão estuda o cenário, os médicos examinam a criança, o director da escola tem a sua opinião. O «caso» passa por uma comissão. Os pais não tocam em mais do que vinte por cento do «cachet» da criança, sendo o restante depositado numa conta de uma Caixa de Poupança. Se o filme é rodado durante o período escolar, um professor ocupa-se da sua instrução. No preciso caso de «O Menino Selvagem», o director da comissão decidiu, aliás, escolher este filme como teste por várias razões: é um filme onde a criança não faz nada de chocante: não é envolta em histórias de bandidos nem em histórias sexuais; rodava com uma equipa que tem a reputação de cuidar muito bem das crianças. Escolhi rodar o filme em Julho e Agosto precisamente para não perturbar a escolaridade da criança seleccionada. Naturalmente, foi um papel fatigante. Fizemo-lo passar por testes psicológicos exigentes. Quando o filme terminou, apercebemo-nos que o cinema o tinha feito evoluir. Na minha opinião, a diferença entre Jean-Pierre Cargol antes e depois da rodagem é notória. A equipa do filme ofereceu-lhe uma pequena câmara de 8 mm no fim das filmagens. Ele disse: «Serei o primeiro realizador cigano».

No princípio do filme, Victor caminha a quatro patas. Não conseguia manter-se em pé; não suportava as roupas, comia como um animal. Ele começa do nada e, a pouco e pouco, vai adaptar-se. Como não será nunca um homem normal, um homem como os outros, pode desejar-se que teria sido melhor deixá-lo na floresta. No entanto, penso como Itard que a vida que ele aí levava era miserável. A marca de várias cicatrizes no seu corpo mostra bem que teve que lutar, e talvez mesmo matar, para sobreviver. Graças a Jean Itard, Victor fez

enormes progressos na maneira de se comportar: caminhava normalmente, suportava as roupas, podia executar certos trabalhos e prestar serviços. Mas nunca conseguiu falar, porque o exercício da fala é, de todas as funções vitais, a mais profundamente ligada à primeira infância. Foi Jean Itard que escolheu o nome de Victor para o selvagem, porque notou que o menino era particularmente sensível ao som «O» e que não se deixava nunca de virar quando o ouvia pronunciar atrás de si.

"Creio que a força desta história reside na situação: esta criança cresceu à margem da civilização de tal modo que tudo o que faz no filme, faz pela primeira vez: quando aceita deitar-se numa cama em vez de se deitar no chão, é a primeira vez; quando veste roupa, é a primeira vez; quando come à mesa, é a primeira vez. Espirra pela primeira vez, chora pela primeira vez. No meu ponto de vista, cada passo em frente constitui já uma sorte formidável e o filme tira a sua força de todos esses passos em frente acumulados"

"Podíamos desejar saber qual o fim da história verdadeira que o filme nos conta. Victor viveu até aos quarenta anos sempre sob a guarda de Mme. Guérin, a governanta do prof. Itard, numa pequena casa da rua dos Feuillantines que era uma dependência do instituto de surdos-mudos. Prestava pequenos serviços e vivia tranquilamente."

"Quanto à moral da história, o estudo de Malson insiste nisso e eu creio que o filme o mostra: recebemos a natureza por herança, mas a cultura não nos pode ser dada senão pela educação. Donde a importância dessa educação e a beleza deste tema "

François Truffault

CRÍTICAS AO FILME

Para ilustrar a forma como o filme realizado por François Truffaut foi recebido pela comunidade cinematográfica de então, apresentam-se alguns excertos de críticas, por nós traduzidos, publicados por vários jornais franceses e um documento mais extenso que faz parte do portfólio da Cinemateca Portuguesa.

Torna-se bastante interessante verificar como, apreciando diferentemente a obra de Truffaut, todos realçam o inegável valor desta obra. O seu carácter autobiográfico, o seu classicismo, a sua fiel proximidade aos factos reais, a ternura com que a figura do selvagem é tratada, a sobriedade formal que Truffaut utiliza, o despojamento de imagem e a fé no homem que o filme manifesta são pontos comuns sublinhados pelos críticos de cinema da época.

HENRY CHAPIER

Na filigrana de «O Menino Selvagem», há reminiscências de Rousseau, um questionamento da nossa civilização prisioneira das paredes, um protesto implícito de uma alma sensível contra esta ruptura brutal entre nós e a natureza, preço de um mito moderno

de progresso, à qual a nossa forma de espírito nos condena. Um filme de uma pureza extraordinária que situa François Truffaut na linha dos idealistas mais entusiastas. «O Menino Selvagem» é uma lufada de ternura que nos volta a dar esperança...

(*Combat*, 1 de Março 1970)

PIERRE MAZARS

Raramente os espectadores participam com uma tal simpatia na emoção dos protagonistas de um filme.

O papel (mudo) do Selvagem é certamente o mais difícil

que alguma vez foi confiado a uma criança. A pureza do pequeno Jean-Pierre Cargol é espantosa.

(*Le Figaro*, 9 de Março 197

ERIC LEGUEBE

Com este filme, François Truffaut apresenta um aspecto novo do mito da criança selvagem, com menos fantasia que Edgar Rice Burroughs com «Tarzan» e menos poesia que Rudyard Kipling

com «Mowgli». Mas talvez que, apesar das aparências, não esteja assim tão longe de Walt Disney na medida em que a ternura é o denominador comum.

(Le Parisien Libéré, 7 de Março 1970)

FRANÇOIS MAURIN

Não foi por acidente que Truffaut determinou a sua escolha de interpretar ele mesmo o papel de Dr. Itard, foi um meio suplementar que se lhe ofereceu para se exprimir, de uma maneira total e mesmo, diremos nós, de tomar partido e de afirmar, de uma forma directa, a sua fé no homem.

Que esta atitude seja, no fundo, sentimental e ligeiramente tingida de idealismo, não pode ser posto em dúvida. O documento bruto, na sua realidade intrínseca, reenvia-nos às descobertas modernas

começando pelas do sec. XIX nos trabalhos de Darwin, Marx e Engels. Limitando-se ao contexto da época, François Truffaut não os invoca da mesma maneira que passa em silêncio o destino reservado à continuação à criança da qual se desinteressa. É pena. Isso não impede no entanto que «O Menino Selvagem» seja um filme a recomendar.

(L'Humanité, 7 de Março 1970)

JEAN ROCHEREAU

Com certeza que num e noutro caso se trata de fazer aceder ao estado de ser humano uma criança privada à partida da mínima felicidade. Todavia pode-se apreciar na recordação de «Milagre no Alabama» e na recente visão de «O Menino Selvagem» que Truffaut nos terá dado outras coisas além das memoráveis sessões de engrandecimento do filme de Penn. Com efeito, nada há de menos espectacular que «O Menino

ROBERT CHAZAL

Mas talvez por causa do fascínio irracional exercido sobre nós por Mowgli no «Livro da Selva» e certamente do facto do relativo revés do Dr. Itard, perguntamo-nos se não teria valido mais deixar esta criança em liberdade. Expressões marcantes nesta narrativa: captura-se, fecha-se, pune-se para ensinar o que é o bem

Selvagem», François Truffaut, ao abordar um assunto que lhe toca o coração e lhe faz lembrar a sua própria salvação por André Bazin, resguarda-se de todos os efeitos especiais e adopte mesmo, uma vontade afirmada de classicismo, as aberturas e encerramentos à moda de que datam a obra, a situam na idade de ouro do cinema. Deste modo, pela obliquidade da técnica, o cineasta afirma a sua recusa de estar na moda.

(*La Croix*, 11 de Março 1970)

e o que é o mal. O tema do filme deveria ter sido talvez mais o esforço e o trabalho do Dr. Itard que a aventura penosa da criança. Interpretando ele mesmo o médico e apagando-se perante a sua pequena vedeta, Truffaut deslocou o centro de interesse da sua obra.

(*France Soir*, 27 Fevereiro 197

CLAUDE GARSON

A moderação do filme de François Truffaut dá todo o relevo necessário aos progressos imperceptíveis da criança selvagem em contacto com a civilização. O

jovem intérprete é absolutamente extraordinário, assim como o educador na própria pessoa de François Truffaut.

(*L'Aurore*, 27 Fevereiro 1970).

MICHEL MOHRT

François Truffaut executa ele próprio com uma sobriedade exemplar o papel de Jean Itard. Trata a história de Victor, a criança-lobo, como um caso dependente da ciência e da medicina. Nenhuma dramatização abusiva,

nenhum apelo à emoção. O jogo dos actores, o seu estilo, são de uma frieza voluntária. Este despojamento confinado produz uma grande sinceridade deixa um vestígio profundo no espírito e no coração.

(*Carrefour*, 4 Março 1970).

PIERRE DUMAYET

Vi este filme a preto e branco como uma tentativa de salvamento transmitida em directo na televisão. Neste caso, toda a gente brinca justamente para ajudar a vítima. É o que sucede aqui, Truffaut é perfeito, a governanta é perfeita e

os outros também. O gracejo é formidável; as paisagens brincam com a água e com as árvores que Victor ama filialmente. Numa palavra, depois de ter visto este filme, fiquei contente por saber ler. O que não acontece todos os dias.

(*Pariscope*, 9 de Março 1970).

GEORGES CHARENSOL

Nada de mais tradicional que «O Menino Selvagem» que nos toca por uma sinceridade da qual o autor está longe de fazer prova quando faz imitações dos thrillers hollywoodescos. O filme situa-se na continuação dos «Quatrocentos Golpes» e de «Beijos Roubados» recusando as bizarras que visavam recordar-nos que o autor se situava na vanguarda. Aquilo que distingue este filme daquelas duas outras obras inspiradas por experiências pessoais, é que para François Truffaut, os quarenta anos aparecem no horizonte. Será tempo, pensa ele sem

JEAN-LOUP PASSEK

Este «Menino Selvagem» não é de maneira alguma o Truffaut intimista, o cronista malicioso e subtil das adolescências perigosas e dos amores por vezes graves e desleixados. Este é um «terno Truffaut», como nos agrada denominá-lo a fim de melhor o caracteriza por uma aflitiva comodidade de linguagem. «O Menino Selvagem» apresenta-se como um documentário (para quê

dúvida, de passar do grupo das crianças ao dos pais. Se bem que tenha sido um adolescente difícil, é visível que aqui se identifica, não ao Victor mas ao Itard, que se substitui ao pai que o menino selvagem nunca conheceu. Se é significativo que Truffaut tenha interpretado o jovem médico, não é pois sem nostalgia que esta mutação se opera. Por isso, o filme foi dedicado a Jean Pierre Léaud, encarnação do autor, criança, no «Quatrocentos Golpes» e adolescente nos «Beijos Roubados».

(*Les Nouvelles Littéraire*, 5 Março 1970).

escondê-lo ?), mas um documentário apaixonado. Para dizer a verdade, a emoção toma mesmo curiosos caminhos secretos que visam atingir o espectador que se arrisca a alguma perturbação pela estrita ordenação de uma obra quase científica. A qualidade rara de defeito menor segundo as inclinações vivas dos espectadores em querer a todo o custo participar numa acção ou identificar-se com o herói no ecrã. (*L'Actualité*, 5 Março 1970).

JEAN COLLET

«O Menino Selvagem» é um filme incompleto. É de admirar que Truffaut tenha suprimido os episódios mais pitorescos de «Memória» do Dr Itard, ou mesmo os mais picantes como os da puberdade. Mas, nem por isso deixe de ser mais forte, mais preciso, mais verdadeiro. Incompleto ele deve sê-lo como toda a educação. O seu objectivo todavia é conseguido após uma experiência da qual o Dr. Itard se pode enfim surpreender: em resposta a uma

injustiça, a criança mordeu o doutor que, mais tarde, anota esta frase sublime « Como me foi agradável neste momento poder fazer-me entender pelo meu aluno e dizer-lhe até que ponto que a sua mordidela encheu a minha alma de satisfação.» Sim. Esta revolta foi a prova de que o menino selvagem acedia à elevação do homem moral. É a esta descoberta capital que nos convida o último filme de Truffaut.

(Télérama, 7 Março 1970).

SAMUEL LACHISE

Com «O Menino Selvagem», filme aberto (podia-se entrar em polémica com o autor, precisamente com este tema: ser-se civilizado é comer obrigatoriamente a sopa com uma colher ?), Truffaut faz crescer o âmbito da sinceridade

artística. Não há assuntos tabu. E se o artista não pode, sem dúvida, tudo, ele pode muito. É uma questão de talento e de nobreza de espírito!«O Menino Selvagem» é um filme que vos recomendo de todo o meu coração.

(L'Humanité-Dimanche, nº 261).

MICHEL AUBRIANT

Vejam que sai precipitadamente «O menino Selvagem», o último Truffaut. Confessemos que não gostámos muito da «A Sirene do Mississipi» deste realizador sensível e secreto. Sempre que dispõe de importantes orçamentos, Truffaut não é de maneira alguma ele mesmo. Sente-se que ele se rende perante os problemas de administração e direcção de actores demasiado irrequietos. Mas num registo mais íntimo, ele reencontra o melhor das suas qualidades: perfeição, inteligência e coração. «O Menino

CLAUDE VEILLOT

Filme a preto e branco tratado sobriamente como uma crónica, passando de um quadro para outro graças a misturas de olhares repetidos como Griffith e os outros grandes «anciãos», «O Menino Selvagem» é soberbamente, insolentemente clássico. Não se pode falar do desempenho dos actores porque não há senão personagens

Selvagem» é sem dúvida o seu filme mais profundo, o mais sério, o mais pensado. O mais despido também. Mas esta preocupação de rigor, este «jansenismo», é testemunha de uma absoluta superioridade sobre um assunto que teria sido provavelmente insuportável se não tivesse sido tratado com simplicidade e com tacto. Truffaut não procura provocar emoção. Ela nasce muito naturalmente de um gesto, de um olhar, de um pedaço de diálogo, e de um movimento quase imperceptível da câmara.

(*Le Journal de Dimanche*, 1 de Março 1970).

surpreendidas na vida da sua existência: Jean-Pierre Cargol, pequeno lobo mal domesticado, vigiando a lua cheia da sua janela; Françoise Seigner a governanta encarnando a compaixão em estado safado; François Truffaut, enfim, que não teve que imitar aquilo que sentia nas suas profundezas.

(*L'Express*, 2 de Março 1970)

CLAU DE MAURIAC

O trabalho de Truffaut não é o de um actor, se bem que seja tão bom como o melhor dos comediantes. Ele não brinca. Ele é ele mesmo tal como o deseja: um homem que ajuda depois de ter sido

ajudado. Proferindo diante de nós o texto, ele é por vezes Itard e Truffaut. É aplicado e sério como nunca pôde ser nenhum intérprete de um papel histórico.

(*Figaro Littéraire*, 23 Fev. 1970).

MICHEL CAPDENAC

É para Truffaut, dir-se-á, um regresso às fontes mais profundas da sensibilidade aquela que deram aos «Quatrocentos Golpes» o seu cunho inimitável. Este cunho encontramos-lo no «Menino Selvagem», fortificado por uma arte hoje em dia maior e capaz de fazer fogo em toda a madeira, quer dizer, na circunstância de se libertar totalmente de «clichés» românticos

e das convenções da ficção género série negra, para extrair a sua inspiração de um facto verdadeiro, insólito sem dúvida, mas autêntico.

Uma aventura extremamente apaixonante e intensamente dramática, cujo carácter científico exigia ser tratado com o máximo respeito e exactidão.

(*Les Lettres Françaises*, 25 Fev. 1970).

JOÃO BENARD DA COSTA

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA

CULTURA/NATURA

11 de Junho de 1999

Em **L' Enfant Sauvage** Truffaut assinou uma das suas obras mais concentradas que opera um singular corte na sua carreira (pelo menos com os filmes que imediatamente a precederam e imediatamente se lhe seguiram) e é porventura um dos pontos mais altos da sua filmografia, se não for mesmo a sua obra-prima. Regressando ao preto e branco (pela primeira vez depois de **La Peau Douce**, de 1964) e surgindo, como actor, no papel de Dr. Itard, Truffaut escolhe para tema deste filme a "memória" científica elaborada pelo cientista daquele nome, acerca dos resultados que obtivera na educação dum "menino selvagem" encontrado na floresta de l'Aveyron em 1798, com cerca de doze anos (doze anos era a idade de Antoine Doinel nos **400 Coups**).

Itard tinha escrito dois textos acerca de Victor: um, elaborado em 1801, destinava-se provavelmente à Academia de Medicina; outro datado de 1806, tinha por objectivo conseguir que o Ministério do Interior renovasse a Mme Guérin a pensão que lhe permitia manter a criança.

Truffaut e Gruault, para extrair desses dois escritos um argumento, imaginaram (escreveu Truffaut) *"que o Dr. Itard em vez de redigir esses relatórios, mantinha um diário, o que dá à narração o tom duma crónica e preservo o estilo do autor, simultaneamente científico, filosófico, moralista, humanitário ora lírico ora familiar. Mantivemo-nos, pois, fiéis às "memórias" do Dr. Itard, de cujo estilo gosto imenso, e que reli, vezes sem conta, durante as filmagens, para "repensar" uma ou outra ideia ou simplesmente para me impregnar do texto"*.

Impregnado, pois, do texto e do estilo de Itard, Truffaut debruçou-se sobre a relação entre o médico e a criança, levando às últimas consequências uma interrogação que já tivera lugar relevante noutras obras suas (**Lês 400 Coups/ Fahrenheit 451**): qual a natureza do acto de educar, que relação se estabelece

entre duas pessoas com experiências e conhecimentos totalmente diversos, em que se assume que uma dessas experiências e um desses conhecimentos são valor a salvaguardar e transmitir e outros são a eliminar e corrigir?

Um dos grandes méritos de Truffaut foi ter evitado tomar partido, o que é tanto mais de admirar e reter quanto o realizador passou para o lado de lá da câmara e quis representar o papel do médico, que lhe punha à partida a escolha duma possível identificação. Não a houve; a câmara não desposa o ponto de vista de nenhum dos personagens: nem se cola a Itard, nem faz a fácil e demagógica apologia do "bom selvagem". De chapéu alto e sobrecasaca (numa imagem que não deixa de evocar o Fonda do **Young Mr. Lincoln** de John Ford), Itard-Truffaut é o pai, o mestre, o senhor, o doutor, o civilizado, na complexidade que estes estatutos envolvem e é visto sempre com a distância e a neutralidade necessárias ao "recuo" que se pretende por parte do espectador. Admite erros, tem certezas que nos parecem erradas e até, por vezes, odiosas (o comportamento que assume quando pretende inculcar no miúdo o sentido da justiça)/ está porventura mais interessado na sua obra do que na criança (como vai notando Mme Guérin, imagem materna tão ambígua e complexa quanto a imagem paterna de Itard) e sobretudo evolui numa afectividade controlada, fria, incapaz de bolir com os seus hábitos e práticas quotidianas. Dirigindo-se a si próprio e as outros intérpretes à Bresson (num dos filmes de Truffaut em que a influência desse autor é mais visível), o cineasta-actor olhou-se e olhou todos os outros a considerável distância, cortando quaisquer pontes para colagens sentimentais.

Esta atitude assume togo relevância particular nas primeiras sequências, as da "caçada" ao selvagem.

Se este nos aparece (planos da floresta) num décor à Flaherty em profunda harmonia com a natureza que o cerca e se os camponeses que o perseguem são filmados à Renoir, recortados, contra o céu, "destoando" do acordo possível ao miúdo, Truffaut não vai mais longe do que à evocação, nesses planos, do conflito cultura-natureza; mostrados o "bicho" (e na composição da personagem de Victor guardou-se sempre de o tornar comovente ou imediatamente atractivo) e homens e mulheres suficientemente anónimos para que nenhuma conotação mora! ("bons

ou maus") se lhes possa acrescentar, E a mesma posição é adoptada no conflito que opõe os dois médicos (Itard e Pinei), em que transparecem mais duas concepções filosóficas do que dois comportamentos morais. Para Itard, a educação prevalece sobre a natureza (Victor tornou-se anormal devido às condições em que viveu), para Pinel as condições em que Victor viveu já se deveriam a uma anormalidade congénita.

Itard consegue fazer prevalecer o seu ponto de vista e leva a criança para casa, confiando-a a Mme Guérin. Como no futuro **La Chambre Vert** e (que em alguns aspectos tanto herdou de **L'Enfant Sauvage**), nessa casa vão viver uma velha, um homem e um miúdo, numa relação donde a afectividade se não exclui mas também não extravasa. As imagens de pai e mãe propostas a Victor, não são imagens de casal, são imagens onde o sexo está ausente (note-se que Truffaut eliminou do texto todas as passagens referentes à educação sexual do miúdo).

A casa é um mundo onde o prazer está excluído, e onde se impõe a norma trabalho. E um mundo onde se recusa sintomática mente qualquer aprendizagem fundada no prazer ou qualquer prazer da aprendizagem. Quando o miúdo diz, pela primeira vez, uma palavra ("leite") o médico mostra-se desapontado e tem esse comentário revelador da sua visão do mundo: "*Se a palavra tivesse saído da boca de Victor antes da concessão da **coisa** desejada, então sim: era sinal que compreendera o verdadeiro uso da palavra, que estabelecia um ponto de comunicação conosco (,,). Mas em vez disso, só obtive uma expressão, insignificante para ele e inútil para nós, do prazer que experimentou". Insignificante para o miúdo, inútil para os adultos, o prazer é o oposto da aprendizagem, é o que não interessa.*

Mas neste filme "suspenso", neste filme "sem fim", onde tudo existe para encenar um texto, Truffaut não se deteve apenas no que o autor desse texto considerava útil e significativo. E suspendeu o seu olhar entre o que é dado a ler e o que é dado a ver, iluminando a narração com outra ordem e outros apelos. Os sopros de Vivaldi, os espelhos que tanto atraem Victor e o fogo, perante o qual o miúdo pela primeira vez tem medo antes de experimentar (num grande plano bellissimo, com a vela) o seu fascínio, são os sinais doutra irredutibilidade: a que impede a certeza

da “*elevação do homem selvagem à altura do homem moral*” e destaca a terrível frase que escapa a Itard, depois de Victor o morder, a seguir à punição injusta: “*À quel point la douleur même de sa morsure remplissait mon âme de satisfaction? Pouvais-je me réjouir faiblement?*”. Essa “*faible réjouissance*” perante o que o próprio Itard classificou como “*quelque chose d'abominable*”, ou melhor a associação entre os dois sentimentos é talvez o cerne desta obra singular.

O CONCEITO DE SELVAGEM

Sem termos a pretensão de definir exactamente o conceito de selvagem, pensámos que seria interessante mostrar duas visões distintas de Selvagem. Assim, apresentamos dois excertos, um de **Rousseau**, que não teve qualquer contacto directo com selvagens e que, portanto, nos dá uma imagem de selvagem que tem o estatuto de uma ficção; e outro de **Levi-Strauss**, que viveu e contactou directamente com tribos primitivas e que, desse modo, nos dá uma descrição realista da forma como vivem e se organizam esses grupos de humanos em perdição que, ainda hoje, têm na selva o seu lugar matricial.

Jean- Jacques Rousseau

“Vejo um animal menos forte do que alguns, menos ágil do que outros, mas de qualquer modo organizado de uma forma mais vantajosa do que todos os outros. Vejo-o alimentando-se debaixo de um carvalho, matando a sede no primeiro riacho, encontrando a sua cama junto da mesma árvore que lhe forneceu o alimento e vendo assim satisfeitas as suas necessidades.

A terra, abandonada à sua fertilidade natural e coberta de imensas florestas que o machado nunca mutilou, oferece por todo o lado armazéns e refúgios aos animais de toda a espécie. Os homens, misturados no meio deles, observam, imitam a sua indústria, e elevam-se deste modo até ao instinto dos animais, com a vantagem de cada espécie não ter senão o seu próprio, e o homem, não tendo talvez nenhum que lhe seja exclusivo, se apropriar de todos, se alimentar igualmente da maioria dos diversos alimentos que os outros animais partilham entre si e encontrar, por conseguinte, a sua subsistência muito mais facilmente do que qualquer deles o consegue fazer.

Acostumados desde a infância às intempéries e ao rigor das estações, habituados à fadiga e obrigados a defenderem, nus e sem armas, a sua vida e a

sua presa contra os outros animais ferozes, ou a escapar-lhes pela corrida, os homens adquirem um temperamento robusto e quase inalterável. As crianças trazendo já ao inundo a excelente constituição dos pais e fortalecendo-a ainda pelos mesmos exercícios que a produziram, adquirem deste modo toda a força de que a espécie humana é capaz. A natureza comporta-se precisamente com elas como a lei de Esparta fazia aos filhos dos cidadãos: torna fortes e robustas as que são bem constituídas e faz morrer todas as outras; difere nisto das nossas sociedades, em que o Estado, tornando os filhos onerosos aos pais, os mata indistintamente antes do seu nascimento.

Sendo o corpo do homem selvagem o único instrumento que ele conhece, emprega-o para diversos fins que os nossos corpos não conseguem realizar por falta de exercício, sendo a nossa indústria que nos tira a força e a agilidade que a necessidade obriga a adquirir. Se tivesse um machado, o seu pulso seria capaz de quebrar ramos tão fortes? Se tivesse uma funda, seria capaz com a mão de lançar uma pedra com tanta firmeza? Se tivesse uma escada, seria capaz de subir com tanta agilidade a uma árvore? Se tivesse um cavalo, seria tão rápido a correr? Deixai ao homem civilizado o tempo de reunir todas as máquinas à sua volta; ninguém duvidará que ele ultrapassa com facilidade o homem selvagem; mas, se quiserdes ver um combate ainda mais desigual, então colocai-os nus e desarmados em face um do outro, e facilmente reconhecereis qual a vantagem de ter continuamente todas as suas forças à disposição, de estar sempre preparado para qualquer casualidade e de andar, por assim dizer, todo inteiro consigo.”

Lévi-Strauss

“Os Nambikwara acordam com o dia, reanimam o fogo, aquecem-se como podem, do frio da noite, e depois alimentam-se ligeiramente com os restos da véspera. Um pouco mais tarde, os homens parlem, em grupo ou separados, para uma expedição de caça. As mulheres ficam no acampamento, onde tratam dos afazeres culinários. O primeiro banho é tomado quando o Sol começa a subir. As mulheres e as crianças banham-se muitas vezes juntas, por brincadeira, e, por vezes, é acendida uma fogueira diante da qual se acocoram para se reconfortarem ao sair da água, exagerando por gosto uma natural tremura. Outros banhos têm lugar durante o dia. As ocupações quotidianas variam pouco. A preparação da alimentação é a que toma mais tempo e exige mais cuidados: é preciso ralar e espremer a mandioca, fazer secar a polpa e cozê-la; ou então, partir e ferver as nozes de cumaru, que acrescentam um perfume de amêndoa amarga à maior parte dos cozinhados. Quando disso sentem necessidade, as mulheres e as crianças partem em expedição de colheita ou de apanha. Se as provisões são suficientes, as mulheres tecem, acoradas no chão ou de joelhos, com as nádegas apoiadas nos calcanhares. Ou então talham, polem e fiam pérolas de casca de noz ou de concha, brincos ou outros ornamentos. E, se o trabalho as aborrece, catam os piolhos umas às outras, passeiam ou dormem.

Nas horas mais quentes, o acampamento fica emudecido; os habitantes, silenciosos ou adormecidos, gozam a sombra precária dos seus abrigos. Durante o resto do tempo, as tarefas desenrolam-se no meio das conversas. Quase sempre alegres e risonhos, os indígenas atiram gracejos e, por vezes, também, frases obscenas ou escalo lógicas, saudadas por grandes gargalhadas. O trabalho é a espaços interrompido por visitas ou perguntas; basta que dois cães ou dois pássaros familiares copulem, para que toda a gente pare e contemple a operação com uma atenção fascinada; depois, o trabalho retoma, após uma troca de comentários acerca deste importante acontecimento.

As crianças preguiçam durante uma grande parte do dia, entregando-se as raparigas, por momentos, às mesmas tarefas que as mais velhas, enquanto os

rapazes se mantêm ociosos ou pescam na margem dos cursos de água. Os homens que ficaram no acampamento consagram-se a trabalhos de cestaria, fabricam flechas e instrumentos de música e prestam, por vezes, pequenos serviços domésticos. Geralmente a tranquilidade reina entre os casais. Por volta das três ou quatro horas, os outros homens regressam da caça, o acampamento anima-se, as conversas tornam-se mais vivas, formam-se grupos diferentes das aglomerações familiares. Comem bolos de mandioca e alimentam-se de tudo o que se apanhou durante o dia. Quando cai a noite, algumas mulheres, designadas em cada dia, vão apanhar ou cortar, no mato vizinho, a provisão de madeira para a noite. Adivinha-se o seu regresso no crepúsculo, tropeçando sobre o feixe, seguro pela faixa de transporte. Para soltarem a carga, acocoram-se e inclinam-se um pouco para trás, deixando o seu cesto de bambu pousado no solo, a fim de soltarem a tira da testa.

A um canto do acampamento, os ramos são amontoados e todos vão aí buscar os seus fornecimentos à medida das suas necessidades. Os grupos familiares reconstituem-se em torno das fogueiras respectivas, as quais começam a brilhar. O serão passa-se em conversas, ou então em cantos e danças. Por vezes, essas distrações prolongam-se pela noite adentro, mas, geralmente, após alguns jogos de carícias e lutas amigáveis, os casais unem-se mais estreitamente, as mães apertam contra si a sua criança adormecida, tudo se torna silencioso, e a noite fria já não é animada senão pelo estalar de uma acha..”

OUTROS CASOS DE CRIANÇAS SELVAGENS

O menino de Aveyron é apenas um entre muitos outros casos de humanos que sobreviveram entregues a si próprios, longe da civilização. Apresenta-se a seguir um quadro enumerando os casos mais importantes. Como se pode verificar pelas suas simples designações, na maior parte dos casos, as crianças sobreviveram com apoio de animais.

<u>Nome do caso</u>	<u>Data da Descoberta</u>	<u>Idade quando da descoberta</u>	<u>Primeira comunicação de alguma importância sobre o caso</u>
1 Menino-lobo da Hesse	1344	7 anos	Camerarius, 1602
2 Menino-lobo de Weteravia	1344	12 anos	Von Schreber, 1775
3 1.º menino-urso de Lituânia	1661	12 anos	Linneo, 1758
4 Menino-carneiro da Irlanda	1672	16 anos	Tu/p/ 1672
5 Menino-boi de Bamberg	1680	—	Linneo/ 1758
6 2.º menino-urso da Lituânia	1694	10 anos	Condiliac, 1746
7 3.º menino-urso da Lituânia	-	12 anos	Connor, 1698
8 Menina de Kranenburg	1717	19 anos	Limeo. 1738
9 Rapaz dos Pirenéus 1.º	1719	—	fíoussseau, 1754
10 Rapaz dos Pirenéus 2.º	1719	—	Linneo- 1758
11 Pedro, o selvagem de Hannover	1724	13 anos	fíousssau, 1754
12 A menina de Sogny	1731	10 anos	Racme, 1747
13 João de Liége	-	21 anos	Drgby, 1644
14 Tomko de Zips (Hungria)	1767	—	Wagner, 1794
15 A menina-urso de Karpfen (Hungria)	1767	18 anos	Bünneterre/ 1800
16 Victor de Aveyron	1799	11 anos	ilard, 1801
17 Gaspard Hauser de Nuremberg	1828	17 anos	Von Feuerbach, 1832
18 A menina-cabra de Salzburgo	-	22 anos	Horn/ 1831
19 O menino de Hasanpur	1843	—	SJaeman/ 1858
20 O 1.º menino de Sultanpur	1843	—	Sleeman, 1858

21	O 2º menino de Sultanpur	1848	-	Sleeman, 1858
22	O menino de Chupra	1849	-	Sleeman, 1858
23	O 1º menino de Lucknow	-	-	Sleeman, 1858
24	O menino de Bankipur	-	-	Sleeman, 1858
25	O menino do Capitão Egerton	-	-	Sleeman, 1858
26	Clemens, o menino cerdo, de Overdyke	-	-	Tylor, 1863
27	O menino Lobo de Overdyke	-	-	Tylor, 1863
28	Dina Sanichar, de Sekandra	1872	6 anos	Ball, 1880
29	O 2º menino de Sekandra	1874	10 anos	Ball, 1880
30	O menino de Shajahampur	1875	6 anos	Ball, 1880
31	O 2º menino de Lucknow	1876	-	Ball, 1880
32	A menina de Jalpaiguri	1892	8 anos	Journal da Sociedade Antropológica de Bombaim
33	O menino de Batzipur	1893	14 anos	Frazer, 1929
34	O menino-lobo de Kronstadt	-	23 anos	Rauber, 1885
35	A menina das neves de Justedal	-	12 anos	Le Roux, 1895
36	O nenino de Sultampur	1895	4 anos	Ross, 1895
37	Lucas, o menino macaco da África do Sul	1904	-	Foley, 1940
38	O menino-pantera índio	1920	-	Demaison, 1953
39	Amala de Midnapore	1920	2 anos	Squires, 1927
40	Kamala de Midnapore	1920	8 anos	Squires, 1927
41	O 1º menino-leopardo	-	-	Stuart Baker, 1920
42	O menino de Maiwana	-	-	"The Pioner", 1927
43	O menino de Jhansi	1933	-	Zingg, 1940
44	Um menino-lobo índio	-	-	Hutton, 1939
45	O menino de Casamance	1930	16 anos	Demaison, 1953
46	Assicia de Libéria	1930	-	Demaison, 1953
47	O 2º menino-leopardo	-	8 anos	Zingg, 1940
48	Ana da Pensilvânia	1938	6 anos	Davis, 1940
49	Edith de Ohio	1940	-	Maxfield, 1940
50	O menino-gazela da Síria	1946	-	Demaison, 1953
51	Ramon, o menino de Nova Deli	1954	-	Agência France Presse, 1954
52	O menino-gazela da Mauritània	1960	-	Auger, 1963
53	O menino-macaco de Teerão	1961	14 anos	Agência France Presse, 1961

CARACTERIZAÇÃO INICIAL DO SELVAGEM DE AVEYRON

O Selvagem foi privado do seu habitat – a selva, em Setembro de 1799. Depois de uma curta estadia em casa de camponeses, foi levado para um hospício de surdos-mudos de Saint-Affrique e depois transferido para Rodez, onde ficou alguns meses.

O Selvagem foi alvo de uma enorme curiosidade por parte da sociedade em geral, mas principalmente pela comunidade científica, que se sentia responsável e obrigada a integrar este Selvagem num mundo civilizado.

Sendo assim, o Selvagem foi submetido aos mais variados exames físicos e intelectuais sob a orientação de um médico bastante conceituado – Philippe Pinel.

Pinel, caracteriza então o Selvagem como um ser muito inferior a alguns dos animais domésticos. Analisando os sentidos do Selvagem, Pinel demonstra o olhar sem fixação, sem expressão, o ouvido insensível aos ruídos fortes, a voz reduzida a um estado completo de mudez, um olfacto indiferente e um tacto restringido às funções mecânicas de apreensão dos corpos.

Quanto às funções intelectuais, Pinel considera o Selvagem incapaz de manter a atenção, desprovido de memória, de juízo, de capacidade de imitação ou de qualquer meio de comunicação.

Pinel acrescenta ainda a insensibilidade deste Selvagem a qualquer demonstração de afecto.

Numa só palavra, Pinel conclui que este Selvagem não passa de um idiota, ou seja, de um ser não susceptível a nenhuma espécie de sociabilidade e de instrução.

No entanto, mesmo perante este negro quadro, o professor Itard atreve-se a pensar que tem capacidade para educar este Selvagem e integrá-lo na sociedade francesa. Supõe que a criança teria sido abandonada com quatro ou cinco anos de idades, e portanto já detentora alguma educação, mas que, devido ao isolamento, se apagara completamente da sua memória.

Partindo desta suposição, Itard considerou o Selvagem um caso puramente médico e cujo tratamento pertencia à medicina mental.

Sendo assim, tendo em mente o estado primitivo do Selvagem, o professor Itard desenvolve cinco proposições, que não são mais do que cinco objectivos principais a atingir no desenvolvimento do Selvagem.

PROPOSIÇÕES DO PROF. ITARD PARA A EDUCAÇÃO DO MENINO SELVAGEM

Quando o Professor Itard, em oposição àqueles que colocavam o menino selvagem num patamar de imbecilidade, defende que é possível a sua educação, reduz a cinco proposições principais os seus objectivos relativamente à educação do selvagem de Aveyron.

- **PRIMEIRA PROPOSIÇÃO - “Atraí-lo para a vida social, tornando-lha mais suave do que a que levou até então e, sobretudo, mais parecida com a vida que acabava de deixar”**

Tendo constatado que a criança conhecia apenas quatro coisas: dormir, comer, não fazer nada e correr pelos campos e não querendo quebrar totalmente as rotinas da sua vida passada, Itard tinha como objectivos, e alcançou-os, tornar as corridas do selvagem mais raras, a sua alimentação menos “copiosa” e menos frequente, a sua estadia na cama menos prolongada e, também consequentemente os dias da semana melhor aproveitados para a sua instrução.

O Prof. Itard propõe-se, então, sem uma intenção de sociabilização agressiva e sem uma quebra repentina das rotinas, aproximar os tempos da criança e seu aproveitamento dos tempos de um ser humano socializado.

- **SEGUNDA PROPOSIÇÃO - “Despertar a sensibilidade nervosa com os estimulantes mais energéticos e às vezes pelas emoções mais vivas da alma”**

Partindo de uma realidade que testemunhava uma inacção da generalidade dos sentidos da criança e tendo, por base, a ideia de que “ a sensibilidade está em

razão directa com a civilização”, o prof. Itard tentou aquilo que denominou como uma excitação geral dos órgãos. Após apenas três meses, o tacto mostrava-se sensível à impressão dos corpos quentes e frios, lisos e rugosos, moles ou duros. O olfacto demonstrava uma reacção (espirrava) à menor irritação. O próprio paladar estava mais refinado, o que se reflectia na escolha e tratamento que dava aos alimentos.

Se o objectivo inicial de uma excitação geral dos órgãos não foi totalmente alcançado deve-se ao facto de o ouvido e a vista não terem reagido da mesma forma, realçando, segundo Itard, a sua complexidade e a necessidade de tratamento particular e aprofundado.

Este tratamento será alvo de análise quatro anos mais tarde no seu segundo relatório.

- **TERCEIRA PROPOSIÇÃO - “ALARGAR A ESFERA DAS SUAS IDEIAS CRIANDO-LHE NECESSIDADES NOVAS E MULTIPLICANDO AS SUAS RELAÇÕES COM OS SERES QUE O RODEIAM”**

O professor Itard tenta atingir este objectivo, principalmente, através de uma série de situações, que passam por divertimentos relacionados com as necessidades digestivas.

Apesar disso, Itard assume que não conseguiu criar no menino selvagem gostos que seriam próprios para a sua idade. O professor ressalta também a influência poderosa que os jogos de infância têm os primeiros desenvolvimentos do pensamento.

- **QUARTA PROPOSIÇÃO - “Levá-lo ao emprego da palavra, determinando o exercício da imitação pela lei imperiosa da necessidade”**

O Professor Itard é o primeiro a avançar com a ideia de que este objectivo é bastante ambicioso. Este aspecto está presente quando afirma que se quisesse mostrar só aspectos positivos não entraria com esta quarta proposição.

Baseado no facto de que para falar são precisas duas operações distintas, a percepção do som da voz e a apreciação da articulação desse som, Itard considera que a palavra é uma espécie de música à qual alguns ouvidos, embora bem constituídos podem ser insensíveis.

Assim, a dificuldade em empregar a palavra no selvagem estará directamente ligada ao facto de não possuir uma série de capacidades próprias de uma criança mais nova que facilitam o uso da voz e da linguagem. Itard, considera ainda que o uso da palavra é ainda mais inibido pela facilidade com o selvagem exprime as suas necessidades doutra maneira, que não pelo uso da palavra

- **QUINTA PROPOSIÇÃO - “Exercitar, durante algum tempo, sobre os objectos das suas necessidades físicas, as mais simples operações do espírito, determinando de imediato a aplicação sobre objectos de instrução”**

Nesta proposição os objectivos propostos passam por uma exercitação continua da atenção, memória, juízo e todas as faculdades dos seus sentidos. Para atingir o proposto, Itard utiliza características que o menino já trazia consigo. Por um lado, através procura da satisfação das suas necessidades, era possível fomentar o desenvolvimento da memória e da sua inteligência. Por outro, o Professor utiliza o gosto do menino pela ordem para exercitar a atenção sobre as coisas.

EDUCAÇÃO, ENSINO OU INSTRUÇÃO DO MENINO SELVAGEM: ALGUNS EXEMPLOS

Educação, Ensino e Instrução são termos que desde sempre nos habituámos a ouvir e a utilizar. Trata-se de conceitos tão “vulgares” que raramente paramos para perguntar qual o seu verdadeiro significado. Utilizados como sinónimos quer pela comunicação social, quer numa simples conversa informal, os conceitos são muitas vezes confundidos.

Mas basta pensar nos diferentes conteúdos a ser transmitidos, nas formas dessa transmissão e nas personagens intervenientes, para que se encontrem em cada um dos conceitos, *Educação / Ensino / Instrução*, diferenças significativas.

Procuraremos identificar e analisar os procedimentos e os resultados obtidos pelo professor Itard segundo este prisma.

Educação

A *Educação* é um processo que se inicia aquando do nascimento da criança. Os pais e toda a família empenham-se ao máximo para que o novo ser se sinta bem e para que aprenda a viver na sociedade em que nasceu. Trata-se de um processo inconsciente mas contínuo.

Enquanto cresce, a criança apercebe-se (ou é forçada a aperceber-se) de coisas que pode e deve fazer. Pode dizer-se que o que constitui o conteúdo da *Educação* são as regras, os valores e as crenças (por exemplo: o horário, o sentido de justiça ou a religião) que são transmitidos à criança. Essa transmissão é feita através do simples exemplo, da imposição, de mecanismos mais ou menos subtis de recompensa-castigo ou pelo discurso normativo.

A criança, de uma forma espontânea, por imitação ou por obrigação, vai interiorizando a forma de ser ou de estar que dela é esperada. Pode então dizer-

se que a *Educação* corresponde à preparação para o “ Saber-Estar “ ou o “ Saber-Ser “.

Processo contínuo (sem um final definido) a educação não tem um local específico para a sua transmissão. Em casa, no jardim, na igreja ou na escola, nos mais variados locais assiste-se constantemente a este modo de transmissão.

Existem duas visões opostas relativamente ao conceito de *Educação*. Para a primeira, *Educar* é adaptar, impor, condicionar o ser humano aos valores sociais; Enquanto que para a segunda, *Educar* consiste apenas em desenvolver o potencial já existente em cada ser humano.

A primeira teoria é conhecida pelo modelo da “ caixa – vazia “ ou da “ tábua – rasa “ e defendida por Wattson, Skinner e Pavlov entre outros. Quanto à segunda, exemplarmente ?? por Rousseau, há como que uma “ semente “ em todo e qualquer ser humano, que cabe à educação desenvolver. Aliás, a própria palavra *Educação* agrupa na sua raiz epistemológica estes diferentes pontos de vista. Do Grego “ *Educere* “; segundo a primeira teoria (“ e “ – para , “ ducere “ – conduzir) Educação é sinónimo de adaptação, condução, condicionamento. Do ponto de vista da segunda teoria, temos ” *Exducere* “ (“ex “ – para fora) ou seja, a exteriorização daquilo que o indivíduo já possui.

As situações de *Educação* podem ser categorizadas da seguinte forma: *Educação da Sensibilidade*, relacionada com os sentidos, *Educação dos Sentimentos*, relacionada com a variedade de sentimentos desenvolvidos para com as diferentes pessoas, *Educação da sociabilidade*, relacionada com os hábitos quotidianos e *Educação Moral*, relacionada com o sentido de justiça, do bem e do mal.

Educação da Sensibilidade

Itard reserva toda a primeira série do seu relatório à descrição dos exercícios que desenvolveu com o seu aluno, tendo por objectivo a educação e o refinamento dos sentidos. Itard considerava que só depois deste obstáculo

superado é que o selvagem estaria apto para o desenvolvimento das capacidades intelectuais e afectivas.

Sendo então o ouvido um dos sentidos mais importantes no desenvolvimento das faculdades intelectuais, Itard decidiu iniciar o seu processo por este sentido. Passando de sons mais fortes e estridentes até ao som mais refinado da voz humana, Victor (o nome que o professor atribuiu ao Selvagem) desenvolveu a capacidade de escutar distintamente algumas palavras de sílabas e conseguiu distinguir com precisão diferentes entoações da linguagem, quer exprimissem censura, cólera, tristeza ou amizade.

Itard passa então ao desenvolvimento da visão, fazendo-o comparar, distinguir letras de metal e colocá-las na ordem para formar algumas palavras.

Através da audição e da visão, victor desenvolveu a capacidade de ler algumas palavras. É de realçar no entanto, que Victor lia sem perceber o significado real das palavras, não se trata portanto de uma situação de *Ensino*, mas sim de uma leitura meramente intuitiva.

Exercitado este sentido, Itard desenvolveu o tacto, com o intuito de levar Victor a distinguir a configuração dos objectos pela sua forma. Victor chegou a distinguir, pelo tacto, letras como o B do R e o I do J.

O sentido do olfacto foi retirado dos objectivos do professor Itard, por considerar que este sentido está relacionado apenas com funções digestivas, e para além disso, já o havia excitado numa situação inicial (1º relatório).

Pelo contrário, Itard, considera importante o exercitar do sentido do paladar, pois considerava que este sentido ultrapassava as funções limitadas que lhe são atribuídas pela natureza, dado que a civilização o converteu em órgão de prazeres variados. Tendo em conta, que Itard pretendia inculcar no jovem Victor os vícios das grandes sociedades (por exemplo o álcool e as glutices), a educação deste sentido também se poderia integrar na *educação da sociabilidade*. Victor desenvolveu o gosto por várias comidas que até então recusava, mas curiosamente repugnava as bebidas fortes.

Tendo então despertado e aperfeiçoado estes sentidos, o professor Itard considerava que o jovem Victor estava agora apto a desenvolver as faculdades intelectuais e afectivas.

Educação dos Sentimentos

Na terceira série do seu relatório, Itard descreve os tipos de relacionamentos que o Selvagem desenvolveu e a evolução dos mesmos.

Pela descrição inicial do Selvagem (feita por Pinel) , em que o Selvagem foi considerado como um ser indiferente a qualquer demonstração de afecto, seríamos levados a supor que este não seria capaz de mostrar qualquer tipo de sentimentos, como gratidão ou amizade.

No entanto, não foi o que de facto ocorreu. Como resultado da convivência diária com o professor Itard e com a Sr^a Guérin, o Selvagem desenvolveu diferentes sentimentos. Sentimentos esses, que eram inicialmente apenas despertados pelas suas necessidades, mais tarde deram origem a sentimentos menos interessados, demonstrando gratidão e amizade por aqueles que o rodeavam.

Naturalmente que o jovem Victor demonstrava um apego mais expansivo pela Sr^a Guérin, uma vez que os seus cuidados representavam uma utilidade e satisfação imediata, enquanto que os ensinamentos do professor não lhe proporcionavam qualquer utilidade imediata.

Se inicialmente se podia supôr que as demonstrações de afecto de Victor, não passavam de um puro acto de egoísmo, mais tarde, com o aumento das suas necessidades e o reforço consequente da sua relação com o professor e a governanta, essa suposição é derrubada.

Por exemplo, quando o jovem Victor foge de casa do prof. Itard pela última vez, ao se encontrar de novo a Sr^a Guérin, manifesta a sua enorme alegria com gritos agudos e movimentos expansivos, como se se lançasse nos braços de

uma mãe. De semelhante forma, mostra ao professor a sua amizade e o seu arrependimento por ter fugido. (10º Momento)

Ao longo do desenvolvimento do Selvagem, Itard assiste à demonstração de sentimentos de euforia e alegria quando Victor consegue superar as dificuldades dos exercícios que o professor lhe propõe, mas também a sentimentos de frustração, fracasso e impotência quando este não consegue alcançar o pretendido.

Não só nos exercícios, mas também nas pequenas ocupações domésticas Victor demonstra zelo e prazer em ser útil.

O professor Itard realça que, apesar do Selvagem mostrar alguns sentimentos de homem civilizado, não deixa de se mostrar sensível aos sentimentos relacionados com a sua vida primitiva, como a paixão pelo campo, o êxtase ao ver a lua cheia ou a reacção ao barulho de um vendaval.

Educação da sociabilidade

Ao longo de toda a descrição de evolução do Selvagem, são vários os gestos e os hábitos quotidianos que o professor lhe transmite com o intuito de o sociabilizar, ou seja, com o objectivo de tornar o Selvagem um membro da sociedade igual ou equivalente a tantos outros.

O professor mostrou ao Selvagem como andar de forma erecta, como caminhar ao seu lado quando passeavam, a Srª Guérin ensinou-o como comer de faca e garfo, como se vestir, como cumprimentar as pessoas. Incutiram no Selvagem hábitos de higiene, de alimentação, de sentido do horário.

Tendo o Selvagem interiorizado todas estas normas de como estar e ser perante as outras pessoas, este estaria apto a conviver com a sociedade em geral, como qualquer outro jovem da sua idade.

É interessante reparar na forma como estes ensinamentos modificaram o selvagem, facto que se verifica aquando da sua última fuga. Ao aperceber-se que já não consegue sobreviver por si próprio, Victor vê-se obrigado a voltar para os cuidados da Srª Guérin.

Educação Moral

O professor Itard não só teve a preocupação em despertar no Selvagem sentimentos como a alegria ou a tristeza, mas também se preocupou em desenvolver no Selvagem o sentido interior de justiça.

No início, Itard reparou que, por várias vezes, o jovem Victor quando sentia fome tirava comida sem que lhe dessem autorização. Mas tirava-a de uma forma bastante natural e por isso não se podia dizer que este a roubava. No entanto, como Itard pretendia inculcar-lhe hábitos e normas decidiu reprimir esta tendência. Aplicando castigos, quando o apanhava em flagrante, o professor Itard fez com que o Selvagem desenvolvesse a capacidade de roubar subtilmente. Para acabar de vez com estes actos, Itard arrancava-lhe das mãos a comida roubada e comia-a à sua frente. Com estes gestos, Itard conseguiu acabar com os pequenos delitos do jovem Victor.

Mas para se certificar da interiorização do sentido da justiça, o professor Itard decidiu castigar injustamente Victor, tentando-o fechar num quarto escuro depois deste ter sido bem sucedido nos seus exercícios. Victor, sentido-se injustiçado, resistiu de uma forma violenta e mordeu o professor.

Sendo assim, esta reacção de Victor representava um acto inegável de que o sentimento de justo e injusto estava presente nele. O professor Itard considerou então, que ao provocar o desenvolvimento deste sentido, elevava este Selvagem ao nível do homem moral.

Ensino

Ao contrário da Educação, o *Ensino* desencadeia-se normalmente apenas pelos seis anos (actualmente cada vez mais cedo) quando a criança inicia a sua vida escolar.

A escola é portanto, o local de eleição para o processo de *Ensino*, o qual se realiza de uma forma descontínua e intencional.

O professor, alguém formado e especializado, tenta transmitir aos seus alunos conhecimentos teóricos gerais ou mais específicos conforme o nível que lecciona. O *Ensino* é então o correspondente ao “ Saber – Saber “, o saber científico, neste caso.

O professor explica, mostra e demonstra, o aluno, por sua vez, compreende e assimila aquilo que é pretendido.

Educação e *Ensino* são muitas vezes confundidos pelos próprios professores. Sendo uns, defensores de que o professor é também um educador, outros pelo contrário negam e recusam essa segunda função. No entanto, num ponto ambos concordam, é bastante difícil ensinar sem educar, ainda que de uma forma inconsciente.

Podendo ser considerado difícil ensinar sem educar, a verdade é que, no caso do menino selvagem, o Prof. Itard cumpriu, na generalidade, o seu papel de educador não conseguindo, no entanto, a passagem para o ensino.

Assim, a partir do relatório ou do filme identificam-se momentos em que o real objectivo do Prof. Itard é o ensino. É também claro que os resultados que obteve não passaram de actos mecanizados, de imitação, realizados sem compreensão. É possível identificar esta situação quando o Prof. Itard tenta ensinar o alfabeto (9^o momento), ainda antes do “ a, e, i, o, u “, (10^o momento), ou mesmo, quando pretende que Víctor associe as letras para formar palavras, conseguindo apenas actos mecânicos e intuitivos.

Tanto a oralidade como a escrita faziam parte dos objectivos do Prof. Itard, não só como fins em si mesmos, mas como meios para conseguir efectivamente prosseguir uma via de ensino. A incapacidade de atingir estes objectivos remetem, como já foi referido, para momentos de Instrução que limitaram o seu trabalho, assim como, o desenvolvimento do próprio Víctor.

Instrução

Se Educar e Ensinar são usualmente confundidos, o mesmo já não acontece com o conceito de *Instrução*.

A *Instrução* é um processo que está relacionado com conhecimentos práticos, que implicam habilidade, repetição e imitação. Pode dizer-se que corresponde ao “Saber – Fazer”.

O professor, ou melhor, o mestre, mostra ao seu aprendiz como se faz, fazendo e este, por tentativa – erro, imita e repete aquilo que o seu mestre faz.

A *Instrução* pode ocorrer em vários locais, como as oficinas, os atelier's, os ginásios ou as piscinas. Trata-se de uma transmissão de conhecimentos que de alguma forma implicam capacidades físicas, ao contrário do Ensino, que apenas implica capacidades intelectuais. É pois, um processo descontínuo, que pode ser transmitido de uma forma intencional ou não.

A Instrução está presente no acompanhamento que o Prof. Itard fez ao desenvolvimento de Victor em situações distintas.

Se por um lado, a aprendizagem tinha em vista um conjunto de técnicas próprias da Instrução, por outro, existiram momentos em que os objectivos a alcançar no selvagem iam além do *saber fazer*.

No entanto, como já foi referido no tópico referente ao Ensino, a maior parte, senão todos, os momentos em que o Prof. Itard se dispôs a ensinar ficaram confinados à Instrução.

Assim, é possível identificar momentos de Instrução em situações respeitantes a este dois níveis.

No primeiro nível, respeitantes a momentos em que o Prof. Itard ou a Mme Guérin assumem, de alguma forma, os papéis de mestre e Victor o de aprendiz, identifica-se: o aprender a pôr a mesa, a abrir a porta do armário, que continha o

leite, a acender as velas (8º momento), o descascar das ervilhas (9º momento) ou mesmo o serrar, que se assiste num certo momento do filme.

Para o segundo nível, em que Itard se posiciona como professor, mas alcança momentos semelhantes ao do primeiro nível identifica-se: o dizer a palavra “ lait “, apenas após lhe darem o leite (8º momento), o colocar as letras (LAIT) correctamente (10º momento), o colocar os objectos no sítio correcto associado com as figuras, ou mesmo o associar a representação alfabética com os objectos (9º momento) e quando Victor tenta imitar o Prof. Itard a desenhar (10º momento).

BIBLIOGRAFIA

Lévi-Strauss, C. (1993). *Tristes Trópicos*. Edições 70.

Malson, Étienne (1967). *As crianças selvagens*. Porto: Livraria Civilização.

Merani, Alberto L. (1978). *Natureza humana e educação*. Lisboa: Editorial Notícias.

(1970, Out/Nov) *Cahiers du cinéma*, pp 8-10

Sites consultados

<http://www.plu.edu/~jensenmk/271wild.html>

<http://www.francetv.fr/html/prix2.html>

<http://www.art2u.com/movies/truffaut.html>

<http://www.record.com.br/record/releases/05057.htm>

<http://iihm.imag.fr/truffaut/>

<http://www.indiana.edu/~livreser/media/lenfant-sauvage-the-wild-child.html>

ANEXO 1

APRESENTAÇÃO DOS TEXTOS DE JEAN-MARC GASPARD ITARD POR ALBERT L. MERANI

Jean-Marc Gaspard Itard não teve em vida, nem tão-pouco no século XIX, quando realizou a sua obra, a importância científica que lhe concedemos agora. Foi um otólogo de prestígio mas cujo trabalho fora da prática quotidiana da medicina não teve eco nessa época. Nasce a 24 de Abril de 1774 em Oraison, Baixos Alpes (França). O seu pai, mal terminou os estudos secundários, como diríamos hoje, destina-o à banca, experiência infeliz que dois anos depois o deixa sem profissão e sem orientação definida numa sociedade que não admite as mudanças nem a procura profissional e, menos ainda, a recusa do modo de vida fixado pela tradição familiar. Mas a Revolução eclodiu, e os acasos da guerra levam-no a trabalhar no hospital militar de Soliers, embora nada saiba de medicina. Ali descobre o grande interesse da sua vida e, estimulado por uma paixão médica repentina, segue as lições de Larrey, professor de anatomia. Em 1796, Larrey está no Val de Grâce e chama para junto de si o seu aluno de Soliers, fazendo-o concorrer a um posto de cirurgião, que obtém. Época tumultuosa, tanto nos campos da vida como do pensamento, também o é para a medicina, dividida na França de então em duas tendências fundamentais: uma que confia na estratégia científica; outra partidária da tática científica. A primeira tem à cabeça Pinel, grande figura da renovação, na ordem nacional e mundial, do tratamento dos doentes mentais; a segunda responde aos ensinamentos de Corvisart, famoso renovador da clínica, que chegaria a médico privado e conselheiro de Napoleão I.

Itard escolhe a estratégia, a arte de dirigir o doente através dos passos da doença até à cura definitiva, e que se baseia, sobretudo, na observação. Interessado em se tornar realmente médico (o cirurgião era ainda um personagem secundário na arte de curar), vai para Paris, onde, ao mesmo tempo que exerce, estuda. Um dia, o abade Sicard, famosíssimo pelos seus métodos para a educação dos surdos-mudos, tem um acidente e recorre aos cuidados de Itard. A relação do médico com o doente transforma-se em amizade, e, por fim, propõe Itard para o cargo de médico-chefe da Instituição que dirige na Rua Saint-Jacques. O ano de 1801-ano IX, mês Pluvioso, do calendário republicano-, inicia-o Itard no seu novo posto. Tem apenas 25 anos e prepara uma tese sobre o pneumotórax, que apresentará em 1803, ano em que o Selvagem de Aveyron é levado a Paris, e enviado à Instituição da Rua Saint-Jacques. um pouco porque em alguns aspectos a sua conduta era idêntica à dos surdos-mudos e, sobretudo, porque não se sabia ao certo para que serviço médico o enviar. Como médico, Itard examina-o, observa-o especialmente durante algum tempo/ e depois, contra

o parecer de todos, de Pinel em primeiro lugar, que já o estudara antes dele, decide educá-lo.

A sua arte de pedagogo é nula; nunca se interessaram pela pedagogia, nem sequer pela dos surdos-mudos que vigiava do ponto de vista da saúde, e esta desvantagem aparente converte-se em vantagem de primeira ordem, que lhe permite encarar a situação do seu singular aluno sem preconceitos didácticos nem fins declamatórios. que outrora como agora só abafariam as melhores intenções dos educadores. Mas Itard é um grande observador, tem o que se veio a chamar «olho clínico certo», a intuição dos factos para além das realidades de que estão acompanhados, e os pormenores mais insignificantes servem-lhe para desembaraçar a meada das suas deduções. Durante quatro anos trabalha tenaz e incansavelmente com Victor de Aveyron; a profissão de médico revela-se-lhe inútil perante o caso, mas o seu conceito da vida, da natureza humana, e sobretudo a sua fé nos princípios humanitários que a Grande Revolução de 1789

proclamara e que assimilara na sua adolescência, a sua confiança sem limites na razão, à qual vira levantarem-se altares como «Deusa Razão», levam-no a insistir na sua tarefa educativa e a publicar uma *Memória* e um *Relatório* referentes ao «Selvagem», aos seus progressos, às suas limitações, e à didáctica que cria para o conduzir ao conhecimento e à linguagem.

Otólogo reputado, Itard ganhou entretanto uma boa clientela, que recebe todas as manhãs no seu consultório particular, enquanto dedica totalmente as tardes à Instituição de Surdos-Mudos e, em particular, ao seu aluno Victor. Em 1821 é eleito membro da Academia de Medicina e publica uma obra: *Traité des maladies de l'oreille et de la fonction*, que hoje reconhecemos como o trabalho mais importante da época sobre a matéria, desde que Duvernay escrevera acerca do mesmo assunto em 1683. Teórico da fisiologia, da medicina, por influência do seu contacto com o «Selvagem», Itard dedica-se à prática, à didáctica aplicada ao ensino dos surdos-mudos. Em oposição com o seu tempo, com as ideias do seu – famoso amigo e protector abade Itard, com o método seguido na Instituição Imperial: o ensino do gesto e da mímica, Itard considera que se deve dar voz aos surdos-mudos e procura impor a leitura do movimento dos lábios e a expressão oral. Com este método adianta-se dum quarto de século aos seus contemporâneos, e durante quase quarenta anos consagra-se inteligentemente à aplicação do alto método com as crianças da Instituição. A sua paixão por essa tarefa leva-o a renunciar praticamente aos benefícios da sua rica e abundante clientela; isola-se na sua casa de Saint-Jacques, na Instituição de Surdos-Mudos, e apenas atende —provinciano transplantado para a capital — os doentes que vêm do interior. Além disso, convence-se pouco a pouco de que só se chega a saber muito por meio da experiência, que só é lúcida pela dúvida e inteligente pela aceitação dos limites do saber adquirido.

De saúde fraca, todos os anos, a partir de 1832, se vê obrigado a tirar férias de vários meses, que passa no agradável retiro de Beau-Séjour, em Passy. Em Outubro de 1837, sem nenhuma ilusão, porque pressentia o seu fim próximo, lega em testamento aos seus diversos amigos objectos como recordação: a um sobrinho —morreu celibatário—, a sua biblioteca; à Academia de Medicina, uma renda anual de mil francos para um

«prêmio trienal em favor da melhor memória de medicina prática e de terapêutica aplicada», e à Instituição de Surdos-Mudos uma renda oito vezes maior, para a criação duma classe de «instrução complementar», estritamente oral, e para que, para além da sua existência, sejam mais bem tratadas as crianças infelizes, às quais tinha consagrado todas as suas forças e a capacidade do seu pensamento. Morreu a 5 de Julho de 1838, aos 64 anos de idade, convencido, como escreveu, de «que nada pode subtrair o homem às tristes condições da sua existência, que são sofrer e morrer».

A vida de Itard apresenta-se-nos, tanto no aspecto humano como de criação genial, intimamente ligada com a de Victor de Aveyron, de quem a *Memória* e o *Relatório* nos dão a biografia até 1806. Desde então, não escreveu nada sobre o seu singular aluno; os progressos tinham parado, já não era um problema de natureza humana e de educação, de ortopedia mental, mas de degeneração do indivíduo. No entanto, continua a ocupar-se dele; pensa que a mudez de Victor, como a dos surdos-mudos em geral, só tem origens orgânicas; que, quando a atenção não permite ouvir; a memória, conservar; a educação vocal, repetir, a palavra não pode aparecer; enfrenta, assim, uma vez mais. o consenso científico da época e ultrapassa, uma segunda vez, o que os seus contemporâneos são capazes de compreender. Para Itard, mudez e atraso mental, «imbecilidade», como era corrente dizer então, são entidades nosologicamente separadas. A mudez pode dar à criança aspectos de «imbecil», mas a «imbecilidade» não se acompanha necessária e obrigatoriamente de mudez: a etiologia e a nosologia são diferentes. Ao desenvolver estas ideias, entre 1822 e 1828, redige numerosos relatórios, em especial três para a Academia de Medicina, que são notáveis, e em 1831 escreve uma *Memória* sobre o mutismo causado por lesão das funções intelectuais. Em 1828, quando as forças de Itard já começavam a declinar, Victor morre quase quadragenário, tratado pela Senhora Guérin, que cuidou dele desde a sua chegada a Paris, e cuja tutela lhe tinha sido entregue quando o «Jovem» fez 18 anos. Viviam numa dependência da Instituição de Surdos-Mudos, no n.º 4 do Beco Feuil-lantines, sustentados por uma pensão de 150 francos que o Ministério do Interior lhes atribuiu em 1806, devido ao *Relatório* de Itard.

Não é questão aqui de abrir uma vez mais o processo das «crianças selvagens», ou «filhos de lobos», como se lhes chamou modernamente, nem de relatar as oposições com que Itard se debateu, e as discussões que se sucederam desde então até aos nossos dias, muitas vezes com maior desejo de sensacionalismo jornalístico do que seriedade científica. No entanto, é útil recordar que a tarefa de Itard, embora limitada nos seus alcances práticos com Victor, esta na base de toda a pedagogia moderna. As suas ideias e os seus métodos fazem dele um dos primeiros grandes educadores de surdos-mudos e o primeiro pedagogo que se ocupou de débeis mentais. Em 1891, quando se funda a primeira «Biblioteca de Educação Especial» que a história conhece, o seu director, Bourneville, apressa-se a publicar como segundo volume a *Memória* e o *Relatório* de Itard, reunidos num título comum, *Rapports et mémoires sur fé Sauvage de l'Aveyron*, e Étienne Marie Esquirol, a grande figura da neurologia e da psiquiatria

da primeira metade do século passado, escreveu: «Com toda a justiça devemos considerar Itard como o promotor da educação dos atrasados mentais.»

Maria Montessori, com dois anos de médica, descobre em 1898 os escritos de Itard, que serão decisivos na sua vocação pedagógica. Em 1926 escreveu: «Devemos lembrar-nos de que as descrições minuciosas de Itard foram os primeiros ensaios da pedagogia experimental... Pela minha parte, realizei as minhas experiências em Roma, em deficientes, durante dois anos, segundo o livro de Séguin ¹ e aproveitando as admiráveis tentativas de Itard. Guiada pelas suas provas, concebi e fiz construir um abundante material. Nas *Mémoires* de Itard vê-se que meios muito parecidos aos utilizados pelos iniciadores da psicologia científica conseguiram transformar um indivíduo, extra-social a ponto de parecer ao mesmo tempo surdo-mudo e idiota, num homem que entendia e compreendia a linguagem... Logo que o tempo fortaleceu a minha confiança nesses métodos, deixei parte da minha actividade consagrada aos diminuídos mentais para me dedicar ao estudo das obras de Séguin e de Itard. Senti a necessidade de meditar nelas: recopiei em italiano os seus escritos, da mesma forma que, outrora, o leria feito um beneditino.» Mais próximo ainda de nós, outro apóstolo da educação dos débeis mentais, Alicia Descoedres, aplicadora genial dos princípios de Décroly, verá na Memória e no Relatório de Itard «uma obra-prima», da qual tomará, para a sua didáctica, as técnicas e os exercícios criados para educar Victor de Aveyron e, a exemplo do velho mestre, far-se-á partidária duma «ortopedia mental», destinada à educação dos sentidos.

Por fim, quando em 1961 a UNESCO publicou o *Relatório Estatístico sobre o Ensino Especial*, os seus autores destacaram que «quando se citam números para caracterizar a inspiração geral dos métodos e das técnicas utilizadas são, salvo excepção, os dos grandes clássicos deste ensino, dos quais alguns também foram os pioneiros da escola activa», e «não parece que uma renovação sensível se tenha dado, neste domínio, desde a sua época». Alguns desses pioneiros, Montessori ou Descoedres, modificaram a pedagogia de Itard, mas conservaram o seu conteúdo e, sobretudo, o princípio fundamental, a crença de que «se a criança conhece bastante bem o nome e o sinal das coisas destinadas ao seu uso, se conhece bastante bem o valor do sim e do não para deles fazer uma aplicação justa, se tem a ideia de que pode melhorar, a esperança não está perdida».

Alberto L. Merani

¹ Edouard Onésime Séguin (1612-20), médico e pedagogo francês que seguiu fielmente as pegadas de Itard. Por razões políticas, emigrou para os Estados Unidos da América, onde fundou a Escola Experimental de Albany e o Asilo de Idiotas de Syracuse. Entre as suas obras destacam-se: *Tratamento Moral, Higiene e Educação dos idiotas e Outras Crianças Atrasadas* (1852) e *Idiotas e Seu Tratamento pelo Método Fisiológico* (1852).

ANEXO 2

DA EDUCAÇÃO DE UM HOMEM SELVAGEM OU DOS PRIMEIROS PROGRESSOS FÍSICOS E MORAIS DO JOVEM SELVAGEM DE AVEYRON POR JEAN-MARC GASPARD ITARD

Prefácio

Posto neste globo sem forças físicas e sem ideias inatas¹, incapaz de obedecer por si próprio às leis constitucionais da sua organização, que o destinam à primeira fila do sistema dos seres, o homem só pode encontrar no seio da sociedade o lugar eminente que lhe foi designado na natureza, e seria, sem a civilização, um dos animais mais fracos e menos inteligentes: verdade sem dúvida muito rebatida mas que ainda não foi rigorosamente demonstrada... Os filósofos, que foram os primeiros a emití-la e que depois a defenderam e propagaram, deram como prova o estado físico e moral² de alguns povos errantes, que consideravam incivilizados porque o não eram à nossa maneira e nos quais foram recolher os traços do homem no estado puro de natureza. Não, diga-se o que se disser, não é propriamente aí que se deve procurá-lo e estudá-lo. Na tribo selvagem mais vagabunda como na nação da Europa mais civilizada, o homem é apenas aquilo que dele se fizer; necessariamente educado pelos seus semelhantes, deles adquiriu os hábitos e as necessidades; as suas ideias não lhe pertencem; goza da mais bela prerrogativa da sua espécie, a susceptibilidade de desenvolver o seu entendimento através da força da imitação e da influência da sociedade.

Por conseguinte, deveria procurar-se noutro lado o tipo de homem verdadeiramente selvagem, aquele que nada deve aos seus semelhantes, e deduzi-lo dos relatos particulares sobre o pequeno numero de indivíduos que,

¹ Itard recusa totalmente, aqui e no que se segue, a teoria do inatismo de Descartes que dominava na psicologia e na filosofia da sua época, e segundo a qual o homem possui ideias inatas nascidas com o próprio espírito ou com o sujeito pensante, como são as ideias de coisa, de pensamento, de verdade, de circulo, de peso, de Deus... A demonstração da origem empírica desses conceitos na criança é, nos nossos dias, de Henri Wallon, *Les origines de la pensée chez l'enfant*, Paris, 1945, e de Jean Piaget, *Les mecanismes perceptives*, Paris, 1961. (A. L. M.)

² Cada vez que Itard emprega a expressão *moral* fá-lo de acordo com o uso da época e referindo-se ao conjunto da vida psíquica. Assim deve ser entendido aqui e no que se segue. (A. L. M.)

durante o século XVII, foram encontrados, com intervalos diferentes, vivenda isolados nos bosques onde tinham sido abandonados desde a mais tenra idade³.

Mas, nesses tempos, foi de tal modo defeituosa a marcha do estudo da ciência entregue à mania das explicações, à incerteza das hipóteses e ao trabalho exclusivo de gabinete, que a observação não tinha importância nenhuma e esses factos preciosos se perderam para a história natural do homem. Tudo o que os autores contemporâneos deixaram reduz-se a uns pormenores insignificantes cujo resultado mais surpreendente e mais geral é o de esses indivíduos não terem conseguido qualquer aperfeiçoamento notável; sem dúvida porque se queria aplicar à sua educação, e sem considerar a diferença das suas origens, o sistema corrente do ensino social¹. Se esta aplicação obteve êxito completo com a criança selvagem encontrada em França nos começos do século passado, é que, por ter vivido no bosque com uma companheira, devia a esta simples associação um determinado desenvolvimento das suas faculdades intelectuais, uma verdadeira educação, como o admite Condillac² ao supor que duas crianças abandonadas numa completa solidão e nas quais só a influência da sua coabitação devia dar muito à memória, à sua imaginação, e fazê-lo criar, inclusivamente, um pequeno número de sinais³: suposição inteligente que justifica plenamente a história dessa criança, na qual a memória se encontrava desenvolvida de tal modo que se lembrava de certas situações da sua estada no bosque, e com muitos pormenores, sobretudo referentes à morte violenta da sua companheira⁴.

Desprovidas destas vantagens, as outras crianças encontradas em estado de isolamento individual só trouxeram para a sociedade faculdades profundamente embotadas, contra as quais fracassaram todos os esforços e direcções tentados na sua educação. Esforços duma metafísica nos começos, ainda limitada pelo

³ Linneo faz chegar o seu número até dez e representa-os constituindo uma variedade da espécie humana, que denomina *Homo ferus* (Homem selvagem). Nesta nota, Itard refere-se a décima terceira edição do «*Systema naturae*», Leipzig, George Immanuel Beer, 1778, Tomo I, pág. 21, pois na primeira edição da sua obra, Stockholm, Laurentii Salvii, 1758. Tomo I, pág. 20, Linneo apenas cita sete exemplos. Ver o «repertório dos casos mais importantes. (A. L. M.)

¹ Etienne Bonnot de Condillac, *Essai sur le origine des connaissances humaines*, II parte. Quarta secção. Capítulo II, pp. 202-205, cita «a segunda criança-urso da Lituânia», encontrada em 1694, que se calculou ter aproximadamente dez anos e da qual foi o primeiro a dar uma comunicação de algum relevo. (A. L. M.)

² Ibidem

³ Otto Jespersen, *Die Sprache, ihre Nature, Entwicklung und Entstehung, Heidelberg*, 1825, cita e analisa o caso dos «gémeos dinamarqueses», duas crianças que cresceram Juntas "fechadas num quarto duma quinta, sem contactos humanos continuados a que chegaram a criar uma linguagem com sons próprios e particulares com a qual se entendiam sumariamente. Deste exemplo não se pode excluir uma primeira aprendizagem da língua materna, esquecida depois, e os contactos, embora breves, com quem lhes dava as alimentos. (A. L. M.)

⁴ Companheira que, infelizmente, tinha morto com uma forte pancada na cabeça, um dia em que acharam um terço, cuja possessão exclusiva disputavam [Racine, *Poème de Ia Religion*. (Aqui, evidentemente, Itard não cita em primeira mão, visto que a *Religion* não contém esta referência, que esta na *Epître II*, uma outra obra distinta do mesmo autor.) (A. L. M.)].

Este relato, embora seja um dos mais circunstanciados, está no entanto, tão mal feito que, se se deixar primeiro o que tem de insignificante e depois o que tem de inacreditável, só oferece um pequeno número de particularidades dignas de destaque e das quais a mais notável é a faculdade que aquela jovem selvagem possuía de recordar o seu estado passado.

preconceito das ideias inatas e duma medicina, cujos pontos de vista, necessariamente limitados por uma doutrina completamente mecânica, não podiam atingir as considerações filosóficas das enfermidades do entendimento. Iluminadas pela sabedoria da análise, e apoiando-se mutuamente, essas duas ciências perderam, nos nossos dias, os seus velhos erros e realizaram progressos enormes. Deste modo, é de esperar que, se alguma vez se apresentar um indivíduo semelhante aos que acabamos de citar, empregarão no seu desenvolvimento físico e moral todos os recursos dos seus conhecimentos actuais; ou que, pelo menos, se esta aplicação se tornasse impossível ou infrutífera, se encontrará neste século da observação alguém que, recolhendo cuidadosamente a história dum ser tão surpreendente, determinasse o que é (e deduzisse o que lhe falta) o máximo até hoje não calculado dos conhecimentos e das ideias que o homem deve à sua educação.

Atrever-me-ei a pretender que me propus essas duas grandes empresas? Não me perguntem se alcancei a minha finalidade. Seria uma pergunta muito prematura, à qual apenas poderia responder num tempo ainda longínquo. No entanto, tê-la-ia esperado em silêncio, sem querer ocupar o público com os meus trabalhos, se não tivesse sido para mim tanto uma necessidade como uma obrigação provar, com os meus primeiros êxitos, que a criança com a qual os obtive não é, como duma maneira geral se pensou, um imbecil desesperado, mas um ser interessante que merece, sob todos os aspectos, a atenção dos observadores e os cuidados particulares que lhe oferece uma administração esclarecida e filantrópica.

Os Progressos de um Jovem Selvagem

Um rapaz de 11 ou 12 anos que tinha sido entrevisto alguns anos atrás nos bosques da Caume ¹, completamente nu, procurando bolotas e raízes com que se alimentava, foi encontrado, no mesmo sitio, no fim do ano VII². por três caçadores que o apanharam quando trepava a uma árvore para fugir aos seus perseguidores. Levado para uma aldeola da vizinhança e confiado aos cuidados duma viúva, fugiu uma semana depois e refugiou-se nas montanhas, por onde andou durante os frios mais rigorosos do Inverno, mais revestido do que vestido por uma camisa em farrapos, retirando-se de noite para lugares solitários, aproximando-se de dia das aldeias das redondezas, levando, assim, uma vida errante, até entrar um dia, por sua vontade, numa casa habitada no cantão de Saint-Servin.

Voltou a ser apanhado, vigiado e tratado por uns dois ou três dias; dali transferiram-no para o hospício de Saint-Affrique, depois para Rodez, onde foi mantido vários meses. Durante a sua estada nesses diversos lugares, viram-no sempre igualmente feroz, impaciente e irrequieto, tentando continuamente fugir e proporcionando material para as mais interessantes observações, recolhidas por testemunhos dignos de fé e que não me esquecerei de citar nos artigos deste ensaio onde for melhor destaca-los ³. Um ministro, protector das ciências ⁴ achou que a ciência do homem mora poderia tirar alguns ensinamentos deste acontecimento, e ordenou que a criança fosse levada a Paris, onde chegou no fim do ano VIII ⁵ sob a guarda dum pobre e respeitável ancião, que, obrigado a deixá-la pouco depois, prometeu vir buscá-la e fazer de seu pai, se a sociedade alguma vez a abandonasse.

¹ Comuna do Sul da França/ nas margens do rio Aude, no Departamento do mesmo nome e cuja capital é Carcassore. (A. L. M.)

² O ano VII do calendário republicano vai desde Setembro de 1798 até Agosto de 1799; isto é, foi apanhado em *Fructidor*, ou seja, Agosto de 1799. (A. L. M.)

³ Se pela expressão *se/vagem* se entendeu, ale aflora, o homem pouco civilizado, devemos convir que quem o não é não merece, da modo nenhum, rigorosamente esta denominação. Conservarei, pois, o nome pelo qual sempre se designou, até me dar conta dos motivos que me obrigarão a dar-lhe outro.

⁴ Conde de Charnpagny, duque de Cadore (1756-1834). (A. L. M.)

⁵ Isto é, em Agosto *de* 1800. (A. L. M.)

As esperanças mais brilhantes e menos racionais tinham precedido em Paris o *Selvagem de Aveyron*¹. Muitos curiosos alegravam-se de antemão imaginando qual seria a sua surpresa ao ver todas as coisas belas da capital. Por outro lado, muita gente, recomendável para além do mais pelo seu saber, esquecendo que os nossos órgãos são proporcionalmente menos flexíveis e a imitação proporcionalmente mais difícil, quanto mais longe o homem está da sociedade e da época da sua primeira idade, pensaram que a educação desse indivíduo seria apenas uma questão de alguns meses e que em breve o ouviriam referir-se à sua vida passada contando os pormenores mais picantes. Em vez de tudo isto, que viram?: uma criança horrivelmente suja, afectada por movimentos espasmódicos e muitas vezes convulsivos, que se balanceava sem parar como alguns animais do zoológico, mordida e arranhava quem a servia; enfim, indiferente a tudo e não prestando atenção a ninguém.

Imagina-se facilmente que um ser desta natureza só podia provocar uma curiosidade momentânea. Acorreu-se em multidão, viu-se sem observar, julgou-se sem conhecer e não se falou mais do assunto. No meio desta indiferença geral, os administradores da Instituição Nacional dos Surdos-Mudos e o seu célebre director² não esqueceram que a sociedade, ao trazer para o seu seio este jovem infeliz, tinha contraído para com ele obrigações indispensáveis que lhe compelia cumprir. Compartilhando então as esperanças que eu punha num tratamento médico, decidiram que a criança fosse confiada aos meus cuidados.

Mas, antes de apresentar os pormenores e os resultados desta medida, é necessário expor o ponto donde partimos, recordar e descrever aquela primeira época, para apreciar melhor até onde chegámos, e, opondo assim o passado ao presente, determinar o que se deve esperar do futuro. Obrigando, pois, a voltar a factos conhecidos, expô-los-ei rapidamente e, para não ser suspeito de os ter exagerado com o fim de destacar os que lhes vou opor, permitir-me-ei referir-me de maneira muito analítica à descrição que fez dele a uma sociedade científica, e numa sessão onde tive a honra de ser admitido, um médico tão conhecido pelo seu génio de observador como pelos seus profundos conhecimentos nas enfermidades do intelecto.

¹ O que acabo de dizer e o que direi no que se segue, sobre a história desta criança antes da sua estada em Paria, encontra-se confirmado pelos relatórios oficiais dos cidadãos Guiraud e Constant da Saint-EstÈvs, comissários do Governo, o primeiro no cantão de Saint-A-nrique, o segundo no de SaÍnt-Servin, e pelas observações do cidadão Bonnelerre, professor de História Natural na Escola Central do Departamento de Aveyron. consignadas muito pormenorizadamente na sua *Notice historique sur le sauvage de l'Áveyron*, Paris, ano VIM (1800).

O nome completo do autor e o título na íntegra (ia obra 530: Pierre-Joseph Bonneterre, «Notice historique sur le sauvage de l'Aveyron et sur quelques autres individus qu'on a trouvés dans les forêts à dffferentes époques», Paris, Vve, Panckoucke. ano VIII (1800). Bonneterre conhecia Linneo (loc. cit.) e von Schreber (Johann Christian DanieÍ von Schreber, «Die Sängthiere in Abbild-ungen nach der Natur mit Beschreibungen» Erlanger, Wolfgang Walther, 1775), que aos casos citados por Linneo (loc. cit.) junta outros dois. (A. L. M.)

² Refere-se ao abade Sicard (1724-1822), famoso educador de surdos-mudos, sucessor do célebre abade de l'Epée (1712-1789), fundador da Instituição dos Surdos-Mudos, a quem ensinou a fazerem-se compreender por sinais convencionais. (A. L. M.)

Procedendo primeiro à exposição das funções sensoriais do jovem selvagem, o cidadão Pinel ¹ apresenta-nos os seus sentidos reduzidos a tal estado de inércia que concluímos encontrar-se ele, nesse aspecto, numa condição muito inferior a alguns dos nossos animais

domésticos; os seus olhos sem fixação, sem expressão, erravam no vazio, dum objecto para outro, sem nunca se deterem em nenhum, tão pouco instruídos noutra aspecto, e tão pouco exercitados pelo tacto que não distinguiam um objecto em relevo dum corpo desenhado; o órgão do ouvido insensível aos ruídos mais fortes como à música mais comovedora; o da voz reduzido a um estado completo de mudez e deixando apenas escapar um som gutural e uniforme; o olfacto tão pouco cultivado que recebia com a mesma indiferença o aroma dos perfumes e a exalação fétida das fezes que enchiam a sua cama; por último, o órgão do tacto restringido às funções mecânicas da apreensão dos corpos. Ao passar de imediato ao estado das funções intelectuais desta criança, o autor do relatório apresenta-a incapaz de atenção, salvo para os objectos das suas necessidades, e, conseqüente mente, de todas as operações do espírito que ela contém, desprovido de memória, de juízo, de capacidade de imitação e de tal modo limitada nas ideias relativas, inclusivamente às suas necessidades, que ainda não tinha conseguido abrir uma porta nem subir a uma cadeira para chegar aos alimentos que se punham fora do alcance das suas mãos: finalmente, desprovida de qualquer meio de comunicação, não dando intenção nem expressão aos gestos e movimentos do seu corpo, passando com rapidez, e sem nenhum motivo presumível, dum tristeza apática a acessos de riso mais imoderados; insensível a qualquer espécie de afectos morais; o seu discernimento só era um cálculo de glúte; o seu prazer uma sensação agradável dos órgãos do gosto; a sua inteligência, a susceptibilidade de produzir algumas ideias incoerentes, relativas às suas necessidades; a sua existência completa, numa palavra, uma vida puramente animal.

Ao relatar depois várias histórias, recolhidas em Bicêtre¹, de crianças irremediavelmente atacadas de idiotia² o cidadão Pinei estabeleceu entre o estado desses infelizes e o que apresentava a criança em questão as comparações mais rigorosas, o que dava, necessariamente, uma identidade completa e perfeita entre esses jovens e o *Selvagem de Aveyron*. Esta identidade levava forçosamente a concluir que, atacado de uma enfermidade até agora considerada incurável, não era susceptível de nenhuma espécie de sociabilidade e de instrução. Tal foi a conclusão a que chegou o cidadão Pinel, que, no entanto, "fez acompanhar dessa dúvida filosófica que aparece em todos os seus escritos, e que põe nos seus presságios aquele que sabe apreciar a ciência do prognóstico e só vê no mesmo um cálculo mais ou menos incerto de probabilidades e de conjecturas³.

¹ Philippe Pinel (1745-1826), um dos primeiros que reformaram a assistência psiquiátrica no Mundo e célebre nosógrafo das doenças mentais. (A. L. M.)

² Hospício para velhos e alienados, famoso na história da psiquiatria, situado no bairro do mesmo nome na municipalidade de Gentilly (Seine). França.

³ Itard emprega este termo, técnico na sua época e agora da linguagem familiar, para se referir ao que clinicamente hoje se chama *idiotia*. (A. L. M.)

³ É oportuno recordar que para Pinel, como para todos os grandes médicos da época, a *nosografia*. isto é, a classificação metódica das doenças, foi um evangelho, o que lhes permitia, estabelecido o quadro

Não partilhei de modo nenhum essa opinião desfavorável e, apesar da verdade do quadro e da justeza das comparações, atrevi-me a alimentar algumas esperanças. Fundamentei-as na dupla consideração da *causa* e da *curabilidade* dessa idiotia aparente. Aliás, não posso continuar sem insistir um momento sobre duas considerações. Referem-se ao momento presente e baseiam-se numa série de factos que devo narrar e aos quais mais de uma vez me verei forçado a interligar as minhas próprias reflexões.

Se me fosse dado resolver este problema de metafísica: *determinar qual seria o grau de inteligência e a natureza das ideias dum adolescente que, privado desde a sua infância de qualquer educação, tivesse vivido completamente separado dos indivíduos da sua espécie*, enganar-me-ia grosseiramente, ou a solução do problema reduzir-se-ia a estipular que esse indivíduo tem uma inteligência relativa ao pequeno número das suas necessidades e despojada, por abstracção, de todas as ideias simples e complexas que recebemos pela educação e que se combinam no nosso espírito de tantas maneiras, apenas pelo meio do conhecimento dos sinais¹. Pois bem, o quadro moral deste adolescente seria correspondente ao do *Selvagem de Aveyron* e a solução do problema daria a medida e a causa do seu estado intelectual.

Mas, para admitir ainda com maior razão a existência desta causa, é preciso provar que actua há muitos anos e responder à objecção que se poderia fazer, e que aliás nos foi feita, de que o pretendido selvagem era apenas um pobre imbecil, que os pais, fartos dele, tinham abandonado há pouco nos limites dalgum bosque. Os que supuseram isso não tinham observado a criança logo que esta chegou a Paris. Haviam visto que todos os seus hábitos apresentavam vestígios duma vida errante e solitária; aversão insuperável pela sociedade e pelos seus costumes, pelas nossas roupas, pêlos nossos móveis, pela permanência nos nossos apartamentos, pela preparação das nossas comidas; indiferença profunda pelos objectos dos nossos prazeres e das nossas necessidades factícias; gosto apaixonado pela liberdade dos campos ainda tão viva no seu estado actual, apesar das suas novas necessidades e dos seus affectos nascentes, que durante uma breve estada que fez em Montmorency se tinha infalivelmente evadido para a floresta sem as precauções mais severas e que duas vezes se escapou da casa dos surdos-mudos, apesar da vigilância da sua vigilante; locomoção extraordinária, muito pesada desde que calçado, mas sempre notável pela dificuldade em acompanhar o nosso passo lento e comedido e pela tendência contínua de retomar o trote ou o galope; hábito de cheirar invariavelmente tudo o que se lhe apresenta, inclusivamente os corpos que consideramos inodoros; mastigação não menos surpreendente ainda, unicamente executada pela acção precipitada dos dentes incisivos, indicando bem claramente, pela sua analogia com alguns roedores, que, à semelhança desses animais, o nosso selvagem vivia

analítico da situação real e actual do doente, aplicar a «dúvida metódica» cartesiana e aceitar transformações ulteriores, isto é. nunca estabelecer uma prognose definitiva, mas provável. (A. L. M.)

¹ Com mais de 120 anos de antecipação, Itard reconhece o que chamamos agora «inteligência sensitivo-motriz» e destaca a importância do sinal e do significado, tão brilhantemente estudada por Henri Wallon (*De l'acte à la pensée*, Paris, Flammarion, 1942). (A. L. M.)

normalmente de produtos vegetais; digo normalmente porque parecia, segundo o aspecto de acordo com o narrado a seguir, que em certas circunstâncias tivesse feito sua presa de animaizitos privados de vida. Apresentou-se-lhe um canário morto e num ápice o pássaro foi despojado das penas grandes e pequenas, aberto com a unha, cheirado e deitado fora.

Outros índices de vida inteiramente isolada, precária e vagabunda deduzem-se da natureza e do número de cicatrizes de que está coberto o corpo desta criança. Sem falar da que se vê na parte da frente do pescoço e da qual falarei mais adiante, pertencente a outra causa e merecendo atenção particular, contam-se quatro sobre o rosto, seis no braço esquerdo, três a uma certa distância do ombro direito, quatro na circunferência do púbis, uma sobre a nádega esquerda, três numa perna e duas na outra; o que soma vinte e três cicatrizes, entre as quais algumas parecem ser devidas a dentadas de animais e as outras a rasgões e a esfoladuras mais ou menos grandes, mais ou menos profundas; testemunhos numerosos e inequívocos do grande e total abandono deste infeliz e que, considerados do ponto de vista mais geral e mais filosófico, depõem tanto contra a debilidade e insuficiência do homem entregue aos seus próprios meios como em favor dos recursos da natureza, que, segundo leis em aparência contraditórias, trabalha abertamente para reparar e conservar o que surdamente tende a deteriorar e a destruir¹.

Quando se ligam a estes factos deduzidos da observação outros não menos autênticos que os habitantes dos campos vizinhos do bosque onde esta criança foi encontrada testemunharam, sabe-se que, nos primeiros dias que se seguiram à sua entrada na sociedade, só se alimentava de bolotas, de batatas e de castanhas cruas, que não produzia nenhuma espécie de som; que, apesar da vigilância mais activa, tentou várias vezes escapar; que manifestava grande repugnância em se deitar numa cama, etc. Sabe-se, sobretudo, que foi visto mais de cinco anos atrás completamente nu e fugindo da proximidade dos homens². o que faz supor que já estava, antes da sua primeira aparição, habituado a esse género de vida; hábito que não podia ser o resultado de dois anos ou menos de estada em lugares desabitados. Assim, esta criança passou em solidão absoluta mais ou menos sete anos em doze, que representam a idade que podia ter quando foi apanhado no bosque da Caume. É, pois, provável e quase certo que foi abandonado com a idade de 4 ou 5 anos e que, se nessa época possuía já algumas ideias, algum princípio de educação, tudo se apagara da sua memória em consequência do seu isolamento.

Aqui está o que me pareceu ser a causa do seu estado actual. Compreende-se por que augurei favoravelmente o êxito dos meus cuidados. Com efeito, no pouco tempo que contactou com os homens, o *Selvagem de Aveyron* era muito menos um adolescente imbecil do que uma criança de 10 ou 12 meses e uma criança que tivesse contra ela esses hábitos anti-sociais, um descuido obstinado,

¹ Neste parágrafo, Itard adianta-se à sua época e contrapõe ao pensamento nosográfico, encarnado por Pinel, a *observação*, e estabelece entre estas e as causas uma relação que unicamente será aceite após Claude Bernard e as suas investigações de «medicina experimental». Ver Desiderio Papp, C. *Bernard*, Buenos Aires, Centro Editor de América Latina, 1968. (A. L M.)

² Lettre du citoyen N... incluída no Journal des Débats, 5 pluvioso, ano 8 (25 de Janeiro de 1800). O título completo da carta é: «Lettre du citoyen N...sur le sauvage de l'Aveyron.(A. L M.)

órgãos pouco flexíveis e uma sensibilidade acidentalmente embotada. Deste ponto de visitar a sua situação convertia-se num caso puramente médico e cujo tratamento pertencia à medicina moral¹, a essa arte sublime criada em Inglaterra por Willis e Crichton, e expandida há pouco em França pêlos êxitos e os escritos do professor Pinel.

Guiado pelo espírito da sua doutrina, embora menos pelos seus preceitos, que não podiam adaptar-se a este caso imprevisto, reduzi a cinco proposições principais o tratamento moral ou a educação do *Selvagem de Aveyron*.

Primeira proposição: *Atrai-lo para a vida social, tornando-lha mais suave do que a que levou até então e, sobretudo, mais parecida com a vida que acabava de deitar.*

Segunda proposição: *Despertar a sensibilidade nervosa com os estimulantes mais enérgicos e às vezes pelas emoções mais vivas da alma.*

Terceira proposição: *Alargar a esfera das suas ideias criando-lhe necessidades novas e multiplicando as suas relações com os seres que o rodeiam.*

Quarta proposição: *Levá-lo ao emprego da palavra, determinando o exercício da imitação pela fel imperiosa da necessidade.*

Quinta proposição: *Exercitar, durante algum tempo, sobre os objectos das suas necessidades físicas, as mais simples operações do espírito, determinando de imediato a aplicação sobre objectos de instrução.*

¹ Hoje diríamos, com a expressão de Binet, «ortopedia mental».(A. L. M.)

ANEXO 3

RELATÓRIO APRESENTADO AO EXCELENTÍSSIMO SENHOR MINISTRO DO INTERIOR SOBRE OS NOVOS DESENVOLVIMENTOS DE VICTOR DE AVEYRON*

A Sua Excelência o Ministro do Interior.
Monsenhor:

Falar-vos do *Selvagem de Aveyron* é repetir um nome que já não inspira nenhuma espécie de interesse; é recordar um ser esquecido por aqueles que mal o viram e desprezado pelos que pensaram julgá-lo. Eu, que me dediquei até agora à sua observação e lhe dei os meus cuidados, completamente indiferente ao esquecimento de uns e ao desdém de outros, baseando-me em cinco anos de observações diárias, darei a Vossa Excelência o Relatório que espera de mim, relatar-lhe-ei o que vi e o que fiz; explorei o estado actual deste jovem, os caminhos longos e difíceis que percorreu, os obstáculos que transpôs, assim como os que não pôde superar. Se todos estes pormenores vos parecerem, Monsenhor, pouco dignos da vossa atenção e muito por cima da ideia favorável que concebestes, queira Vossa Excelência, para a minha desculpa, ficar intimamente persuadido de que, sem a ordem formal que de Vós recebi, me teria fechado num profundo silêncio e condenado ao esquecimento eterno os trabalhos, cujos resultados oferecem muito menos a história dos progressos do aluno do que dos fracassos do Instituto. Mas, julgando-me a mim mesmo com imparcialidade, creio, no entanto, que abstraindo-me do fim proposto, na tarefa que voluntariamente me impus, e considerando que esta empresa dum ponto de vista mais geral, não deixareis de ver sem satisfação, Monsenhor, na diversas experiências que tentei, nas numerosas observações que recolhi, uma colecção de factos capazes de esclarecer a história da filosofia médica, o estudo do homem não civilizado e a direcção de algumas educações particulares.

Para apreciar o estado actual do jovem *Selvagem de Aveyron*, será necessário recordar o seu estado passado. Este jovem, para ser julgado devidamente, só pode ser comparado consigo próprio.

Comparado com um adolescente da mesma idade, não passa dum se infeliz, pária da natureza, como o foi da sociedade. Mas, se nos centrarmos nos dois termos de comparação que oferecem o estado passado e o estado presente de Victor, ficaremos surpreendidos com o espaço imenso que os separa e pode-se

* Redigido em 1806, foi publicado em Paris, pela Imprimerie Impériale, em 1807.

estabelecer se Victor não é mais diferente do *Selvagem de Aveyron* que chegou a Paris do que doutros indivíduos da sua idade e da sua espécie.

Não vos apresentarei, Monsenhor, o quadro horrível deste homem-animal tal como era ao sair do bosque. Num folheto¹ que mandei imprimir há alguns anos, e do qual tenho a honra de vos oferecer um exemplar, retratei este ser extraordinário, segundo os próprios traços que tirei dum relatório realizado por um médico perante uma sociedade científica. Aqui lembrarei unicamente que a comissão que esse médico informou, depois dum grande exame e de numerosas tentativas, não conseguiu que esta criança fixasse por um momento a tenção, e procurou em vão extrair das suas acções e determinações algum acto de inteligência, ou algum testemunho de sensibilidade. Estranho e essa operação reflexiva que é a primeira fonte das nossas ideias, não prestava atenção a nenhum objecto que provocasse nos seus sentidos uma impressão duradoura. Os seus olhos viam mas não olhavam; os seus ouvidos não escutavam, embora ouvissem, e o órgão do tacto, restringido à apreensão mecânica dos corpos, nunca tinha sido utilizada para comprovar as suas formas e existência. Tal era, em resumo, o estado das faculdades físicas e morais desta criança que se encontrava ao último nível da sua espécie, mas também ao último escalão dos animais e da qual se pode dizer, de certo modo, que só diferia de uma planta na medida em que tinha a faculdade de se mover e gritar. Entre esta existência menos do que animal e o estado actual do jovem Victor existe uma diferença prodigiosa e que pareceria muito mais nítida se suprimisse os pontos intermédios e me dedicasse a aproximar os dois termos da comparação. Porém, convencido de que não se trata de fazer contrastar esse quadro, mas de o apresentar fiel e completo, terei todo o cuidado em expor passo a passo as mudanças que o estado do jovem selvagem sofreu e para que a enumeração dos factos seja mais ordenada e interessante apresentá-lo-ei em três séries distintas, relativas ao triplo desenvolvimento das funções dos sentidos, das funções intelectuais e das faculdades afectivas².

² Desde 1801, data em que Itard publicou *Da educação dum homem selvagem*, até à data deste «Relatório», deram-se grandes transformações políticas e sociais em França. Napoleão Bonaparte tinha-se coroado imperador; com os novos fastos desapareceu o espírito da «Grande Revolução» e da simplicidade republicana, a esperança do ternário «sagrado» de «Liberdade, Igualdade e Fraternidade», que se concretizava na vida diária pelo tratamento de «cidadão», ficaram sepultados pela rigidez militar da nova ordem e pela solenidade do cerimonial imperial. Este «Relatório», comparado com *Da educação dum homem selvagem*, é um exemplo inegável. As consequências do XVIII Brumário, a derrocada do Directório por Napoleão, regressado do Egipto, tinham enterrado as aspirações republicanas de que estava embebida a primeira obra de Itard. Agora reinava o espírito do liberalismo e já se fazia sentir com força o irracionalismo do Romantismo teórico. Apesar de tudo, Itard revela-se ligado aos ideais da «Razão». (A. L. M.)

Desenvolvimento das Funções dos Sentidos

I. Deve-se aos trabalhos de Locke¹ e de Condillac² a possibilidade de avaliar a poderosa influência que a acção isolada e simultânea dos nossos sentidos tem sobre a formação e o desenvolvimento das nossas ideias. O abuso que se fez desta descoberta não destrói a verdade nem as aplicações práticas que se podem fazer dum sistema de educação médica. Foi de acordo com estes princípios que, quando cumpro os pontos de vista principais a que primeiro me propusera e que expus na minha primeira obra, centrei todos os meus cuidados para exercitar e desenvolver separadamente os órgãos dos sentidos do jovem Victor.

II. Como, de todos os nossos sentidos, o ouvido é o que ajuda mais particularmente o desenvolvimento das nossas faculdades intelectuais, pus em acção todos os recursos possíveis para tirar do seu grande embotamento os ouvidos do nosso selvagem. Convenci-me de que para educar esse sentido era preciso, de certo modo, isolá-lo, e que, tendo à minha disposição, em todo o sistema da sua organização, só uma dose muito pequena de sensibilidade, devia concentrá-la sobre o sentido que desejava pôr em acção, paralisando artificialmente o da vista, no qual se despende a maior parte dessa sensibilidade. Consequentemente, cobri com uma venda espessa os olhos de Victor e fiz ressoar aos seus ouvidos os sons mais fortes e mais discordantes. O meu propósito não era só fazê-los ouvir, mas também fazê-los escutar. Para obter este resultado, cada vez que produzia um som, punha Victor a reproduzir um parecido, fazendo ressoar o mesmo corpo sonoro e batendo noutra a partir do momento em que o seu ouvido o advertia de que acabava de mudar de instrumento. Os meus primeiros ensaios tiveram por finalidade fazer-lhe distinguir o som dum sino e dum tambor, e, como um ano antes havia levado Victor da grosseira comparação de dois bocados de cartão, variadamente coloridos e de feitio diferente, à distinção das letras e palavras, tinha o direito de acreditar que o ouvido, segundo a mesma progressão de atenção que o sentido da vista, acabaria em breve por distinguir os sons mais análogos e os tons mais diferentes do órgão vocal, ou a palavra. Dediquei-me, por conseguinte, a tornar progressivamente os sons menos díspares, mais complicados e mais próximos. Em breve não me contentei em exigir que distinguisse o som dum tambor e dum sino, mas também a diferença de som que produz um toque de baqueta na pala ou no aro, ou no corpo dum tambor, num pêndulo ou numa pá muito sonora.

III. Depois, adaptei este método comparativo à percepção dos sons dum instrumento de sopro, que, mais análogos aos da voz, formam o último grau da escala, esperando assim levar o meu aluno à audição das diferentes entonações da laringe. O êxito correspondeu ao que esperava, e quando comecei a martelar o ouvido do nosso selvagem com o som da minha voz encontrei o ouvido sensível às entonações mais fracas.

IV. Nestas últimas experiências não exigi, como nas precedentes, que o aluno repetisse os sons que percebia. Este duplo trabalho, ao dividir a atenção,

¹ *Loc. cit.* (A. L. M.)

² *Loc. cit.* (A. L. M.)

teria estado fora do programa a que me propunha, ou seja realizar separadamente a educação de cada um dos órgãos. Reduzi-me, pois, a exigir a simples percepção dos sons. Para estar certo deste resultado, pus o meu plano em face de mim, olhos vendados, punhos fechados, e fi-lo estender um dedo todas as vezes que eu produzia um som. Esse método de comprovação foi rapidamente compreendido: mal o som lhe chegava ao ouvido o dedo era levantado com uma espécie de impetuosidade e muitas vezes também com demonstração de alegria que não permitiam duvidar do prazer que o aluno sentia com essas singulares lições. Com efeito, fosse porque encontrava um verdadeiro prazer ao estudar o som da voz humana ou que finalmente tivesse superado o aborrecimento de estar privado de luz durante horas inteiras, mais duma vez o vi, no intervalo dessa espécie de exercícios, vir ter comigo, com a venda na mão, pedindo-me que lha aplicasse sobre os olhos e saltar de contente quando sentia que as minhas mãos a atavam fortemente detrás da cabeça. Foi apenas nestas últimas experiências que se manifestaram esses testemunhos de contentamento. Felicitei-me de antemão e, em vez de os reprimir, até os estimulei, sem pensar que preparava um obstáculo que depressa interromperia a continuação dessas experiências úteis e anularia os resultados tão penosamente obtidos.

V. Depois de me ter assegurado bem, pela experiência que acabo de indicar, de que Víctor tinha a percepção de todos os sons da voz, qualquer que fosse o seu grau de intensidade, dediquei-me a fazer-lhos comparar. Não se tratava, neste caso, de enumerar simplesmente os sons da voz, mas de captar as diferenças e de apreciar todas essas modificações e variedades de tons de que se compõe a música da palavra. Entre este trabalho e o precedente há uma grande diferença para um ser cujo desenvolvimento se efectuava por esforços graduais e que só caminhava para a civilização porque era conduzido por um caminho quase imperceptível. Ao abordar esta dificuldade que aqui se apresentava, armei-me mais do que nunca de paciência e de doçura, animado, além disso, pela esperança de que, uma vez franqueado esse obstáculo, teria realizado todo o trabalho com o sentido do ouvido. Começámos com a comparação das vogais, e também empregámos a mão para nos assegurarmos do resultado das nossas experiências. Cada um dos cinco dedos foi designado para ser o sinal duma das cinco vogais e para comprovar uma percepção distinta. Assim, o polegar representava o A e devia levantar-se à pronúncia desta vogal; o indicador era o sinal do E; o médio do I, e assim sucessivamente.

VI. Não foi sem esforço e só depois de muito tempo que consegui que distinguisse as vogais. A primeira que distinguiu nitidamente foi o O, depois o A. As outras três ofereceram maiores dificuldades e durante certo tempo foram confundidas entre si; por fim, começou a ouvi-las distintamente e foi então que reapareceram com toda a vivacidade essas demonstrações de alegria de que já falei e que momentaneamente tinham interrompido as nossas novas experiências. Mas, como estas exigiam da parte do aluno uma atenção muito maior, comparações delicadas, juízos repetidos, aconteceu que esses acessos de alegria, que até então só tinham animado as lições, começaram finalmente por as transtornar. Nesses momentos todos os sons eram confundidos e levantava indistintamente os dedos, muitas vezes todos ao mesmo tempo, com uma impetuosidade desordenada e gargalhadas verdadeiramente impacientes. Para

reprimir esta alegria inoportuna, deixei que o meu demasiado alegre aluno utilizasse a vista e prossegui deste modo as nossas experiências, intimando-o com um aspecto severo e inclusivamente um pouco ameaçador. Desde então, nada de alegria, mas, por outro lado, distrações contínuas dos sentidos do ouvido, pois a vista estava ocupada com os objectos que o rodeava. À menor transformação na disposição dos móveis ou nas roupas, o mais ligeiro movimento das pessoas que estavam à sua volta, uma mudança um pouco brusca na luz do sol, tudo atraía o seu olhar, tudo era para ele motivo de distração.

Voltei a colocar a venda nos olhos e as gargalhadas recomeçaram. Então procurei intimidá-lo com acções, visto que não podia contê-lo com os meus olhares. Armei-me com um dos paus do tambor que empregava para as nossas experiências e batia-lhe ao de leve nos dedos quando se enganava. Tomou esta correcção por uma brincadeira e a sua alegria ainda foi mais ruidosa. Achei que devia, para o desenganar, tornar a correcção um pouco mais sensível. Fui compreendido e somente com mistura de dor e de prazer vi na fisionomia ensombrada do jovem em que medida o sentimento de injúria era mais forte que a dor do golpe. Correram lágrimas por debaixo da venda; apressei-me a tirá-la; mas, fosse surpresa ou medo, fosse preocupação profunda dos sentidos interiores, uma vez desembaraçado da venda continuou com os olhos fechados. Não posso explicar a expressão dolorosa que davam à sua fisionomia as duas pálpebras fechadas e das quais caíam cada vez mais lágrimas. Oh, como lamentei nesse momento, tal como em muitos outros disposto a renunciar à tarefa que me tinha imposto e considerando perdido o tempo que lhe dedicava, ter conhecido aquela criança, condenada à estéril e desumana curiosidade dos homens que foram os primeiros a arrancarem-na a uma vida inocente e feliz !

VII. Esta cena pôs fim à ruidosa alegria do meu aluno. Mas não tive ocasião de me felicitar por este êxito e desfiz-me desse inconveniente para cair noutra. Um sentimento de medo ocupou o lugar daquela alegria louca, e os nossos exercícios acabaram por ser ainda mais perturbados. Quando eu emitia um som, tinha de esperar mais de um quarto de hora pelo sinal convencionado e, mesmo que fosse bem feito, era-o muito lentamente, com tal incerteza que, se por acaso eu fazia o menor ruído ou o mais ligeiro movimento, Victor, assustado, encolhia subitamente o dedo, com medo de ser castigado, e levantava outro com a mesma lentidão e circunspecção. Não desesperei e consolei-me considerando que o tempo, muita doçura e maneiras animadoras poderiam dissipar aquela incómoda e excessiva timidez. Esperei-o em vão, e tudo foi inútil. Assim se desvaneceram as mais brilhantes esperanças, baseadas, talvez com alguma razão, numa cadeia ininterrupta de experiências tão úteis como interessantes. Várias vezes desde essa altura, e com grandes intervalos, tentei as mesmas experiências e fui forçado a renunciar de novo, detido pelo mesmo obstáculo.

VIII. No entanto, esta série de experiências realizadas sobre o sentido do ouvido não foram completamente inúteis. Victor deve-lhes a possibilidade de escutar distintamente algumas palavras duma sílaba e sobretudo de distinguir com muita precisão diferentes entonações da linguagem, quer exprimam censura, cólera, tristeza, desprezo ou amizade; inclusivamente quando estes diferentes sentimentos da alma não são acompanhados de nenhum jogo da fisionomia, nem dos gestos naturais que constituem o carácter exterior.

IX. Mais afligido do que desencorajado pelo pouco êxito obtido com o sentido do ouvido, decidi dar todos os meus cuidados aos da vista. Os meus primeiros trabalhos já o tinham melhorado muito e haviam contribuído para lhes dar fixidez e atenção, de forma que na época do primeiro relatório¹ o meu aluno já conseguia distinguir letras de metal e colocá-las na ordem adequada para formar algumas palavras. Daqui à percepção distinta dos sinais escritos e ao mecanismo da sua escrita, estava ainda muito longe; mas infelizmente todas essas dificuldades passaram ao mesmo plano, de forma que foram facilmente superadas. Ao cabo de alguns meses o meu aluno sabia ler e escrever razoavelmente uma série de palavras, muitas das quais diferiam pouco entre si para serem distinguidas por um ouvido atento. Mas esta leitura ainda era intuitiva; Victor lia as palavras sem as pronunciar, sem conhecer o seu significado . Por pouca importância que se dê a este modo de leitura, o único que foi praticável por um ser desta natureza, não se deixará de me perguntar como é que eu tinha a certeza de que lia de forma suficientemente distinta para não serem confundidas palavras entre si que não pronunciava e às quais não dava nenhum significado, nada mais simples do que o método que empreguei para ter a certeza. Todas as palavras submetidas a leitura estavam igualmente escritas em duas ardósias; eu pegava numa e dava outra a Victor; depois, percorrendo sucessivamente com a ponta do dedo todas as palavras da ardósia que tinha nas mãos, exigia que me mostrasse na outra ardósia o duplo de cada palavra que eu assinalava. Tinha a precaução de seguir critério diferente na ordenação dessas palavras, de maneira que o lugar que eu ocupava numa das ardósias não indicasse de forma nenhuma o que a sua semelhante tinha na outra. Daqui a necessidade de estudar, de qualquer modo, a fisionomia particular de todos os sinais para os reconhecer à primeira vista.

X. Quando o aluno, enganado pela aparência de uma palavra, e assinalava em vez doutra, fazia-o rectificar o erro, sem lha indicar, levando-o apenas a soletrá-la. Soletrar era, para nós, comparar intuitivamente, e uma depois da outra, todas as letras que entravam na composição das duas palavras. Este exame verdadeiramente analítico fazia-se de maneira muito rápida; eu tocava com o extremo dum ponteiro na primeira letra da outra palavra; fazíamos o mesmo com a segunda, e assim continuávamos até que Victor, que procurava sempre encontrar na sua palavra as letras que lhe assinalava na minha, chegasse a descobrir a primeira que estabelecia a diferença entre as duas palavras.

XI. Em breve não foi necessário recorrer a um exame tão detalhado para o fazer rectificar os seus erros. Bastava-me, pois, fazê-lo fixar um instante os olhos sobre a palavra que tomava por outra para que notasse a diferença, e posso dizer que o erro era rectificado quase imediatamente. Assim foi exercitado e aperfeiçoado esse sentido importante, cuja fraquíssima mobilidade tinha levado ao fracasso as primeiras tentativas que se fizeram para fixar o olhar e donde nasceram, igualmente, as primeiras suspeitas de idiotismo ².

¹ *D a educação dum homem selvagem.* (A. L. M.)

² Ver, em *D a educação dum homem selvagem*, o Relatório de Pinel. (A. L. M.)

XII. Tendo terminado assim a educação do sentido da vista, ocupei-me do tacto. Embora esteja longe de compartilhar a opinião de Buffon³ e de Condillac⁴ sobre o papel importante que concedem a esse sentido, não dei por perdidos os cuidados que podia consagrar ao tacto, nem sem interesse as observações que o desenvolvimento desse sentido nos poderia oferecer. Viu-se na primeira memória que este órgão, primitivamente dedicado à apreensão mecânica dos corpos, tinha recebido, graças ao efeito poderoso dos banhos quentes, a capacidade de retomar algumas das suas faculdades, entre outras as de perceber o frio e o calor, o áspero e o suave dos corpos. Mas, se se prestar atenção à natureza destas duas espécies de sensações, ver-se-á que são comuns à pele que cobre todas as partes do nosso corpo. O órgão do tacto, que só tinha recebido a sua parte da sensibilidade que eu havia despertado em todo o sistema cutâneo, apenas percebia até então como uma parte desse sistema, visto que não diferia dele por nenhuma função que lhe fosse particular.

XIII. As minhas primeiras experiências confirmaram a exactidão desta afirmação. Pus no fundo duma vasilha opaca, cuja abertura apenas permitia a entrada de um braço, castanhas aproximadamente do mesmo tamanho, mas cruas e frias. Uma das mãos do meu aluno estava no recipiente e a outra fora, aberta sobre os seus joelhos. Pus sobre esta uma castanha quente e pedi a Victor que retirasse outra do recipiente, o que fez correctamente. Apresentei-lhe uma fria; a que tirou do recipiente também o estava. Repeti esta experiência, e sempre com idêntico êxito. Não aconteceu o mesmo quando, em vez de fazer comparar a temperatura dos corpos, quis, por aquele meio, fazê-lo comparar a sua configuração. Ali começavam as funções exclusivas do tacto, e esse sentido ainda era novo. Pus no recipiente castanhas e bolotas, e sempre que apresentava um ou outro desses frutos a Victor pedia-lhe que tirasse uma semelhante do fundo do recipiente, mas tirava uma bolota por uma castanha ou uma castanha por uma bolota. Por conseguinte, era preciso pôr esse sentido como os outros no exercício das suas funções, e para isso proceder com ele da mesma maneira. Para este efeito, exercitei-o na comparação de corpos muito diferentes, não só pela forma, mas também pelo volume, como uma pedra e uma castanha, uma moeda e uma chave. Não foi sem esforço que consegui fazê-lo distinguir esses objectos pelo tacto. No momento em que deixou de os confundir, substituiu-os por outros menos distintos, como uma maçã, uma noz e pequenas pedras. Submeti imediatamente a este exame manual as castanhas e as bolotas e a comparação foi uma brincadeira para o aluno. Cheguei ao ponto de lhe fazer distinguir da mesma maneira as letras em metal, as mais parecidas na forma, como o B e o R, o I e o J, o C e o G³.

XIV. Esta espécie de exercício, do qual não esperava, como disse, grande êxito, contribuiu muito para aumentar a capacidade de atenção do nosso aluno; no

³ Georges -Louis Leclerc, Conde de Buffon, *Histoire des animaux*, 24 volumes, 1749-83. (A. L. M.)

⁴ Étienne Bonnot de Condillac, *loc. cit.* (A. L. M.)

³ Comeste breves parágrafos dedicados à educação do tacto, Itard desenvolve toda a prática da educação da mão que está na base do ensino pré-escolar nos nossos sistemas pedagógicos e que em teoria já destacara em *D a educação dum homem selvagem*. Compreende-se a justa admiração que tinham Maria Montessori e Ovide Décoly, os grandes defensores da educação sensorial, pela sua intuição e trabalho neste aspecto.

que se segue tive a ocasião de ver a sua fraca inteligência enfrentar-se com dificuldades muito mais embaraçosas, e nunca o vi adquirir um ar tão sério, calmo e meditativo, que se exprimia por todos os traços da sua fisionomia, como quando se tratava de decidir sobre as diferenças de forma dos corpos submetidos ao exame do tacto.

XV. Faltava, pois, ocupar-me do sentido do gosto e do olfacto. Este último era dum refinamento que ultrapassava qualquer aperfeiçoamento. Sabe-se que muito depois da sua entrada na sociedade este jovem selvagem conservava ainda o hábito de cheirar tudo o que se lhe apresentava, inclusivamente os corpos que consideramos inodoros¹. Durante os passeios pelo campo que muitas vezes fazia com ele, nos primeiros meses da sua estada em Paris, vi-o várias vezes parar, voltar-se para apanhar pedras, troncos secos de madeira, que só deitava fora depois de ter levado ao nariz, e muitas vezes com grande satisfação. Uma tarde que se tinha perdido na Rua de Enfer, tendo sido encontrado pela sua vigilante ao princípio da noite, só depois de lhe ter cheirado as mãos e os braços por duas ou três vezes consecutivas se decidiu a segui-la e deixou transparecer a alegria por a ter encontrado. A civilização nada poderia acrescentar à delicadeza do olfacto. Muito mais ligado, por outro lado, ao serviço das funções digestivas do que ao desenvolvimento das faculdades intelectuais, por esta razão encontrava-se fora do meu plano de instrução. Parece que, ligado em geral aos mesmos usos, o sentido do gosto, como do olfacto, deveria ser igualmente estranho à minha finalidade. Não pensei assim, pois considerei que o sentido do gosto ultrapassava as funções muito limitadas que lhe são atribuídas pela natureza, dado que a civilização o converteu em órgão de prazeres tão variados como numerosos. Por isso me pareceu vantajoso desenvolvê-lo ou, melhor ainda, pervertê-lo². Acho inútil enumerar todos os expedientes a que recorri para alcançar esta finalidade, e por meio dos quais cheguei, em pouco tempo, a despertar no nosso selvagem o gosto por uma quantidade de comidas que até então recusava constantemente. No entanto, no meio das novas aquisições deste sentido, Victor não testemunhou nenhuma espécie dessas preferências ávidas que constituem a glúdice. Muito diferente desses homens a quem chamaram selvagens e que num semigrau de civilização mostraram todos os vícios das grandes sociedades, sem oferecer as suas vantagens, Victor, habituando-se às novas comidas, ficou indiferente às bebidas fortes, e esta indiferença transformou-se em aversão em consequência duma confusão cujo efeito e circunstâncias talvez mereçam ser relatados. Victor jantava comigo na cidade. No fim da refeição pegou espontaneamente numa garrafa que continha um dos licores mais fortes, mas que, sem cor nem cheiro, se assemelhava perfeitamente à água. O nosso selvagem pegou nela e serviu meio copo, do qual, impelido sem dúvida pela sede, bebeu metade de um trago antes que o ardor provocado no estômago por esse líquido o prevenisse do engano. Mas, deitando fora o copo e o licor, levantou-se furioso, deu um salto do lugar até à porta e pôs-se a gritar e a correr pelos corredores e pela escada da cas,

¹ Ver *D a educação dum homem selvagem*

² Na época predominava, com respeito às funções e atributos do sentido do gosto, a teoria hedonista do famoso gastrónomo Brillat-Savarin (1755-1826), o autor duma *Physiologie du goût*, que parte do aforismo «O universo não é nada sem a vida e tudo o que vive se alimenta». (A. L. M.)

voltando para trás, sem parar, para recomeçar o mesmo circuito; semelhante a um animal profundamente ferido, que procurava na rapidez da sua corrida não, como dizem os poetas, fugir da seta que o dilacera, mas iludir com grandes movimentos uma dor que não pode mitigar recorrendo como o homem a uma mão benéfica.

XVI. Mas, apesar da sua aversão pelos licores, Victor tomou certo gosto pelo vinho, sem que, no entanto, a privação do mesmo o incomode quando não se lho dá. Inclusivamente, creio que conservou pela água uma marcante preferência. A maneira como bebe parece indicar que nela se encontra um vivo prazer. Prazer esse que, sem dúvida, responde a outra causa que não aos prazeres do órgão do gosto. Quase sempre no fim da refeição, mesmo quando não se tem sede, se vê, com o ar dum provador que se prepara para envolver o copo com um licor requintado, deitar no seu água pura, bebê-la aos sorvos e saboreá-la gota a gota. Porém, o que dá interesse a esta cena é o lugar onde acontece. É perto da janela, de pé, com os olhos voltados para o campo, que se põe o nosso bebedor, como se nesse momento de deleite esse filho da natureza procurasse reunir os dois únicos bens que sobreviveram à perda da sua liberdade: beber água límpida e ver o sol e o campo.

XVII. Deste modo se realizou o aperfeiçoamento dos sentidos. Todos, com excepção e levaram à alma do jovem selvagem uma quantidade de ideias até então desconhecidas. Mas estas ideias só deixaram nos seu cérebro um vestígio fugidio; para as fixar era preciso gravar mais os seus sinais respectivos ou, melhor dizendo, o valor desses sinais¹. Victor já os conhecia, porque eu tinha trabalhado a percepção dos objectos e das suas qualidades sensíveis paralelamente com a leitura das palavras que os representavam, sem procurar, no entanto, determinar o sentido. Victor, ensinado a distinguir pelo tacto um corpo redondo dum plano; pelos olhos, o papel vermelho do branco; pelo gosto, um licor ácido dum licor doce, tinha aprendido, ao mesmo tempo, a distinguir os nomes que exprimiam estas diferentes percepções, mas sem conhecer o valor representativo desses sinais. Por este conhecimento não ser domínio dos sentidos externos, era preciso recorrer às faculdades do espírito e pedir-lhes conta, se me posso exprimir assim, das ideias que tinham dado esses sinais. Foi este o objectivo duma nova série de experiências que constituem a matéria que se segue².

¹ Itard faz sua a ideia de Tomás de Aquino de que a alma ao nascer é *tabula rasa in qua nihil est scriptum* (tábua rasa onde nada está escrito), que adquire conhecimentos através da experiência, que lhe vem unicamente através dos sentidos, por que *nihil est scriptum in intellectu, nisi prius fuerit in sensu* (não há nada no intelecto que não tenha passado primeiro pelos sentidos), e que fora posteriormente retomada por Locke (loc. cit.) (A. L. M.)

² Ao princípio ortodoxo do sensualism, Itard acrescenta a correcção de Leibniz, ipse intellecto (excepto o intelecto), e destaca, adiantando-se à época, a importância do signo, do significante e do significado. Ver a este respeito Alberto L. Merani e Susana Merani, *La génesis del pensamiento*, Grijalbo, México, 1971. (A. L. M.)

Desenvolvimento das funções intelectuais

XVIII. Embora apresentados separadamente, os factos que compõem a série que acabamos de ler ligam-se, por várias razões, aos que serão matéria desta. Pois assim é, Monsenhor, a conexão íntima que liga o homem físico ao homem intelectual, dado que, embora os seus domínios pareçam e sejam, efectivamente, muito distintos, tudo se confunde nos limites em que se tocam essas duas ordens de funções. O seu desenvolvimento é simultâneo e a sua influência recíproca. Deste modo, embora dedicasse os meus esforços a exercitar os sentidos do nosso selvagem, o espírito tomava a sua parte dos cuidados exclusivamente dados à educação desses órgãos e seguia a mesma ordem de desenvolvimento. Concebe-se, com efeito, que ensinando os sentidos a perceber e distinguir novos objectos, forcei a atenção a deter-se nos mesmos, o juízo a compará-los e a memória a retê-los. Desta maneira, nada era posto de parte nestes exercícios; tudo ia para o espírito; tudo punha em jogo as faculdades da inteligência e as preparava para a grande tarefa da comunicação das ideias. Eu já me tinha assegurado antes de que era possível conseguir que o aluno designasse o objecto que queria por meio de letras ordenadas de forma a formar uma palavra correspondente. Falei no meu opúsculo sobre esta criança², deste primeiro passo dado no conhecimento dos sinais escritos, e não tive receio de assinalar como uma época importante da sua educação, como o êxito mais agradável e mais brilhante que nunca se tinha obtido com um ser caído, como este, no último grau do embrutecimento. Mas algumas observações vieram depois, ao aclarar a natureza deste resultado, desvanecer as esperanças que tinha alimentado. Observei que Victor, em vez de reproduzir algumas palavras com que estava familiarizado para pedir as coisas que elas dominavam e manifestar o desejo ou a necessidade que sentia, só recorria a elas em determinados momentos, e sempre à vista do objecto desejado. Assim, por exemplo, por mais que gostasse de leite, só no momento em que costumava bebê-lo e no mesmo instante em que o via é que emitia a palavra, ou melhor, é que a formava da forma conveniente. Para aclarar a suspeita que me provocava esta espécie de reserva, experimentei atrasar a hora em que o tomava e foi em vão que esperei que o aluno manifestasse por escrito os seus desejos, embora urgentes. Só quando a chávena apareceu é que a palavra leite foi formada. Recorri a outra prova: enquanto bebia, e sem dar a esta atitude nenhuma aparência de castigo, tirei-lhe uma chávena que continha leite e fechei-a num armário. Se a palavra *leite* fosse para Victor o sinal distintivo da coisa e da expressão do desejo que por ela sentia, não restam dúvidas de que depois desta súbita privação, continuando o desejo a fazer-se sentir, a palavra *leite* teria sido imediatamente reproduzida. Não o foi; e daqui concluí que a formação deste sinal, em vez de ser para o aluno a expressão dos seus desejos, era apenas uma espécie de exercício preliminar, com o qual fazia proceder maquinalmente a satisfação dos seus apetites. Por conseguinte, era preciso voltar sobre os nossos passos e trabalhar em novas bases. Resignei-me a isto com coragem, convencido de que, se não tinha sido compreendido pelo meu aluno, a culpa era mais minha

² Da educação dum homem selvagem. (A. L. M.)

do que dele. Ao reflectir, com efeito, sobre as causas que podiam dar lugar a esta acepção defeituosa dos sinais escritos, reconheci não ter dado, neste primeiros exemplos da enunciação das ideias, a extrema simplicidade que tinha posto no começo dos meus outros meios de instrução e que havia assegurado o seu êxito. Assim, embora a palavra *leite* seja para nós um sinal simples, podia ser para Victor a expressão confusa desse líquido alimentício, do copo que o continha e do desejo de que era objecto.

XIX. Outros sinais variados com que o tinha familiarizado apresentavam, quanto à sua aplicação, o mesmo defeito de precisão. Um vício ainda maior apresentava o nosso método de enunciação. Fazia-se, como disse, dispendo numa mesma linha, e numa ordem conveniente, letras metálicas, de maneira a dar-lhes o nome de cada objecto. Mas a relação que existia entre a coisa e a palavra não era bastante imediata para ser completamente apreendida pelo aluno. Para fazer desaparecer esta dificuldade, era preciso estabelecer entre cada objecto e o seu sinal uma união mais directa e uma espécie de identidade que os fixasse simultaneamente na memória; era ainda preciso que os primeiros objectos admitidos neste novo método de enunciação fossem reduzidos à sua maior simplicidade, de forma que os seus sinais não pudessem prevalecer, de modo nenhum, sobre os seus acessórios. Para este plano, dispus nas prateleiras duma estante vários objectos simples, como uma caneta, uma chave, uma faca, uma caixa, etc., colocados directamente sobre um papel onde estava escrito o seu nome. Estes nomes não eram novos para o aluno; conhecia-os e tinha aprendido a distingui-los segundo as modalidades de leitura que assinala antes.

XX. Tratava-se, pois, de familiarizar os seus olhos com o contraste de cada um desses nomes debaixo do objecto que representava. Esta disposição foi depressa compreendida; tive a prova ao deslocar os objectos e voltando a colocar primeiro as etiquetas noutra ordem, pois vi o aluno pôr cuidadosamente cada coisa sobre o seu nome. Diversifiquei as provas e esta diversidade permitiu-me fazer várias observações relativas ao grau de impressão que causava, sobre o *sensorium*¹ do nosso selvagem, a imagem desses sinais escritos. Deste modo, quando deixava todos esses objectos num dos cantos do quarto e mudava todas as etiquetas para outro e, mostrando-os sucessivamente a Victor, o obrigava a ir buscar cada objecto que correspondia ao nome escrito, era preciso, para que me trouxesse a coisa, que não perdesse de vista, um instante que fosse, os caracteres que serviam para a designar. Se se afastava o suficiente para não poder ler a etiqueta; se, depois de lha ter mostrado bem, a cobria com a minha mão, logo que a imagem da palavra escapava ao aluno este ficava com um ar inquieto e ansioso e pegava ao acaso no primeiro objecto que encontrava.

XXI. O resultado desta experiência era pouco encorajante e, efectivamente, ter-me-ia desencorajado por completo se não me tivesse apercebido, repetindo-a frequentemente, de que a duração da impressão se ia tornando lentamente cada vez menos curta no cérebro do meu aluno. Depressa lhe bastou uma olhadela à palavra que eu assinalava para ir, sem pressa e sem hesitações, buscar o objecto

¹ Itard emprega a expressão *sensorium*, com o sentido de *sensorium proprium*, ou seja de pensamento, que lhera Alcmeón de Crotona (520 a. C.) ao distingui-lo do *sensorium comune* ou sensibilidade. Hoje entende-se por *sensorium* ou *sensorio* o cérebro, considerado como centro de todas as sensações. (A. L. M.)

perdido. Ao cabo de algum tempo pude fazer a experiência em maior e mandá-lo do meu quarto ao seu buscar um objecto qualquer mostrando-lhe o nome. A duração da percepção diminuiu primeiro que a duração do trajecto; mas Victor, num acto de inteligência muito digno de ser assinalado, procurou e encontrou na agilidade das suas pernas um meio seguro para tornar a duração da impressão maior do que a da corrida. Logo que tinha lido bem, partia como uma flecha e veio voltar imediatamente com o objecto pedido na mão. No entanto, mais duma vez a recordação da palavra lhe escapou no caminho; ouvia-o então parar e retomar o trajecto do meu quarto com um ar tímido e confuso. Algumas vezes bastava-lhe olhar uma colecção completa de nomes para reconhecer e reter que lhe tinha escapado; outras vezes, a imagem do nome tinha-se apagado da sua memória de tal maneira que era preciso mostrar-lho outra vez: o que me pedia pegando-me na mão e fazendo passar o meu dedo indicador por toda essa série de nomes até assinalar o que tinha esquecido.

XXII. Este exercício foi seguido de outro que, dando mais trabalho à memória, contribuiu grandemente para a desenvolver. Até então tinha-me limitado a pedir um objecto de cada vez; pedi primeiro dois, depois três, e logo imediatamente quatro, assinalando um número igual de sinais ao aluno, que, sentindo a dificuldade de os reter todos, os percorria com uma atenção ávida. Até que eu os tirava de vez da sua visão. A partir desse momento nada de espera nem de incerteza; tomava a toda a pressa o caminho do quarto, donde trazia os objectos pedidos. Chegado ao meu, o seu primeiro cuidado, antes de me dar, era passar os olhos pela lista, confrontá-la com os objectos que trazia e que me entregava depois de se ter assegurado, com esta prova, de que não se tinha esquecido de nada ou enganado. Esta última experiência deu, primeiro, resultados muito variáveis, mas por fim as dificuldades que apresentava foram superadas, por sua vez. Então, o aluno, seguro da sua memória, não ligava à vantagem que lhe dava a agilidade das suas pernas, entregava-se tranquilamente a este exercício, parava muitas vezes no corredor, punha a cabeça na janela duma das extremidades, saudava, com alguns gritos agudos, o espectáculo do campo, que desse lado é a perder de vista, retomava o caminho do quarto a ali fazia o seu pequeno carregamento, renovava a sua homenagem e vinha ter comigo seguro de que o que trazia estava certo.

XXIII. Foi assim que, restabelecida em toda a dimensão das suas funções, a memória conseguiu reter os sinais do pensamento, enquanto que, por outro lado, a inteligência adquiria todo o seu valor. Tal é, pelo menos, a conclusão que penso dever tirar dos factos precedentes, quando vi Victor servir-se a cada instante, tanto nos nossos exercícios como espontaneamente, das diversas palavras cujo sentido lhe tinha ensinado, pedir-me os vários objectos que representavam, mostrar-me ou dar-me a coisa quando o fazia ler o nome, ou apontar-me a palavra quando lhe indicava a coisa. Quem podia assegurar de que, finalmente, havia chegado ao ponto que me tinha obrigado a voltar sobre os meus passos e a dar uma volta tão grande? O que aconteceu nesta época fez-me crer, por um momento, que me encontrava mais longe dele do que nunca.

XXIV. Um dia em que tinha levado Victor comigo e que mandei, como de costume, ir buscar ao seu quarto vários objectos que lhe mostrei sobre um catálogo, arranjei-me para fechar bem a minha porta e retirar a chave da

fechadura sem que ele visse. Feito isto, voltei ao meu escritório, onde ele estava, e, mostrando-lhe o catálogo, pedi-lhe alguns dos objectos ali escritos, tendo o cuidado de que esses objectos se encontrassem no meu quarto. Partiu imediatamente; mas, tendo encontrado a porta fechada e procurando em vão a chave por todo o lado, veio ter comigo, pegou-me na mão e conduziu-me à porta da entrada, como para me fazer ver que não a podia abrir. Fingi-me surpreendido, procurando a chave por todo o lado até ao ponto de tentar abrir a porta pela força. Por último, renunciado a todas estas tentativas inúteis, levei Victor de novo ao meu escritório e, mostrando-lhe outra vez as mesmas palavras, disse-lhe por sinais, que visse se à sua volta não havia objectos parecidos. As palavras assinaladas eram bengala, fole, escova, copo, faca. Todos estes objectos se encontravam separadamente no meu escritório, mas de maneira a não serem facilmente detectáveis. Victor viu-os e não tocou em nenhuma. Não tive maior êxito quando tentei que os reconhecesse reunidos numa mesa, e foi inútil pedir-lhos um por um, mostrando-lhe sucessivamente os nomes. Segui outro caminho: recortei os nomes dos objectos, fazendo assim simples etiquetas que pus nas mãos de Victor e conduzindo-o deste modo nos primeiros passos. Fi-lo pôr sobre cada coisa o nome que servia para a designar. Tudo foi inútil e tive o inexprimível desgosto de ver que o meu aluno desconhecia todos esses objectos, ou melhor, as relações que os ligavam aos seus sinais, e, com um ar estupefacto indescritível, olhar indiferentemente esses caracteres, ininteligíveis para ele. Senti-me fraquejar de impaciência e de desencorajamento.

Fui sentar-me ao fundo do quarto e pus-me a considerar com amargura aquele infeliz, a quem as singularidades da situação reduziriam à triste alternativa de ser enviado, como um verdadeiro idiota, para algum dos nossos hospícios, ou de adquirir com esforços inauditos um pouco de instrução ainda inútil para o seu bem-estar. «Infeliz», disse-lhe como se me pudesse entender, sinceramente triste, «dado que as minhas esperanças estão perdidas e os teus esforços são infrutíferos, retoma o caminho dos teus bosques e com ele o gosto da vida primitiva; ou, se os teus novos desejos te fazem dependente da sociedade, expia a desgraça de lhe ser inútil e vai morrer em Bicêtre de miséria e tédio.» Se tivesse reconhecido menos o alcance da inteligência do meu aluno, teria podido acreditar que não havia sido completamente compreendido; mas, mal acabei estas palavras, vi que compreendeu com os lamentos mais vivos, o seu peito respirava com ruído, fechava os olhos e as lágrimas escapavam-lhe das pálpebras fechadas.

XXV. Muitas vezes tinha notado que emoções semelhantes, quando chegavam até às lágrimas, criavam uma espécie de crise salutar, que desenvolvia subitamente a inteligência e a tornava mais apta a superar imediatamente depois a dificuldade que parecia insuperável uns minutos antes. Também tinha reparado que, se durante o ponto máximo da emoção abandonava de improviso o tom de censura para o substituir por modos ternos e algumas palavras de amizade e encorajamento, obtinha então um aumento da emoção, que redobrava o efeito que esperava. A ocasião era favorável e não hesitei em a aproveitar. Aproximei-me de Victor, disse-lhe palavras afectuosas, exprimindo-me com termos apropriados para que pudesse apanhar o sentido, assim como tive gestos de amizade ainda mais inteligíveis. As suas lágrimas redobraram, acompanhadas de suspiros e soluços;

redobrando as minhas carícias, levei a emoção ao máximo, e fiz, se me posso exprimir assim, tremer até à última fibra o homem moral. Quando toda esta excitação se acalmou completamente, voltei a colocar os mesmos objectos à frente dos olhos de Victor, e disse-lhe que mos assinalasse uns após os outros, à medida que lhe mostrava sucessivamente os nomes. Comecei por lhe pedir o livro: olhou-o primeiro bastante tempo, fez um movimento para lhe pegar com a mão e tentou surpreender nos meus olhos um sinal de aprovação ou desaprovação que o tirasse da incerteza. Teimei e a minha fisionomia ficou muda. Reduzido, pois, ao seu próprio juízo, concluiu que não era aquele o objecto pedido e os seus olhos procuraram por todos os cantos do quarto, detendo-se apenas nos livros que estavam espalhados na mesa e na chaminé.

Esta espécie de revista foi para mim um raio de luz. Abri imediatamente um armário cheio de livros e tirei uma dezena, entre os quais tive o cuidado de incluir um que era exactamente igual ao que Victor tinha deixado no seu quarto; vê-lo, apanhá-lo bruscamente e apresentar-mo foi para Victor questão dum instante.

XXVI. Suspendi aqui a experiência; o resultado chegava para me dar de novo as esperanças que com demasiada ligeireza abandonara e para me esclarecer sobre a natureza das dificuldades que esta experiência originava. Era evidente que o meu aluno, longe de ter concebido uma ideia falsa do valor dos sinais, fazia apenas uma aplicação demasiado rigorosa. Havia tomado as minhas lições à letra e, pelo facto de me ter limitado a dar a nomenclatura de objectos contidos no seu quarto, tinha-se convencido de que era apenas a esses objectos que isso se applicava. Assim, qualquer livro que não estivesse no seu quarto não era um livro para Victor, e para se decidir a dar-lhe o mesmo nome era preciso que uma semelhança perfeita estabelecesse entre um e outro uma identidade visível. Muito diferente, em relação à publicação das palavras, das crianças, que, quando começam a falar, dão aos nomes individuais o valor de nomes genéricos com o sentido restrito de nomes individuais. Donde podia vir esta estranha diferença? Deve-se, se não me engano, a uma grande sagacidade de observação visual, resultado necessário da educação particular dada ao sentido da vista. Eu tinha educado este órgão de tal maneira a apanhar, com comparações analíticas, as qualidades aparentes dos corpos e as suas diferenças de dimensão, de cor, de conformação, que entre dois corpos idênticos se encontravam sempre, para olhos desse modo exercitados, alguns pontos de dissemelhança que faziam crer numa diferença essencial. Determinada a origem do erro, era "fácil remediá-lo; tratava-se de estabelecer a identidade dos objectos, mostrando ao aluno a identidade dos seus usos ou das suas propriedades; era preciso fazer-lhe ver que essas qualidades comuns dão o mesmo nome a coisas aparentemente diferentes; numa palavra, tratava-se de lhe ensinar a considerar os objectos segundo os seus pontos comuns

ô não pela relação da sua diferença.

XXVII. Este novo estudo foi uma espécie de introdução ao trabalho das comparações. Ao principio, o aluno entregou-se-lhe com tão pouca reserva que começou a enganar-se de novo, ligando a mesma ideia e dando o mesmo nome a objectos que só tinham entre

si relações análogas nas suas formas ou nos seus usos. Assim, sob o nome de livro designava indistintamente uma resma de papel, um caderno, um jornal, um

registro, um folheto; qualquer bocado de madeira grande e estreita era uma bengala, enquanto que dava o nome de escova à vassoura e de vassoura à escova, e em breve, se não tivesse suprimido este exagero das identificações, teria visto Victor limitar-se ao emprego dum pequeno número de sinais, que applicaria, sem distinção, a uma quantidade de objectos completamente diferentes e que apenas têm de comum algumas das qualidades ou propriedades gerais dos corpos.

XXVIII. No meio destes erros, ou melhor, destas oscilações duma inteligência que tende sem cessar ao repouso, e que muda continuamente por meios artificiais, pensei ver desenvolver-se uma dessas faculdades características do homem, e do homem pensante, a faculdade de inventar. Considerando as coisas do pomo de vista da sua analogia ou das suas qualidades comuns, Victor concluía que, se havia entre diversos objectos semelhanças de forma, devia haver, nalgumas circunstâncias, identidade de usos e de funções. Não há dúvida de que a consciência era um pouco arriscada; mas dava lugar a juízos que, mesmo quando eram claramente errados, se convertiam

para ele noutros tantos meios de instrução. Lembro-me de que um dia, em que lhe pedi por escrito uma faca, se contentou, depois de procurar durante algum tempo, em me apresentar uma navalha que foi buscar a um dos quartos ao lado. Fingi aceitar. Quando a lição acabou, ofereci-lhe pão, como era hábito, e obriguei-o a cortá-lo em vez de o partir com as mãos como de costume. Dei-lhe, para o efeito, a navalha que me linha trazido peio nome de faca. Mostrou-se consequente e quis usá-la da mesma maneira, mas a pouca firmeza da folha impediu-o. Não dei a lição por terminada; peguei na navalha e servi-me dela, para o seu uso normal, em presença de Victor. A partir de então, esse instrumento já não era e não devia ser perante ele uma faca. Não tardei a comprová-lo. Peguei no seu caderno, apontei a palavra faca e o aluno mostrou-me imediatamente o que tinha na mão e que eu lhe entregara quando não conseguira utilizar a navalha. Para que o resultado fosse completo, faltava-me fazer a contraprova; era preciso que, pondo o caderno nas mãos do aluno e tocando por meu lado a navalha, Victor não me assinalasse nenhuma palavra, visto que ainda ignorava a que correspondia a essa instrumento; foi o que aconteceu.

XXIX. Outras vezes as substituições que fazia supunham comparações muito mais singulares. Lembro-me de que ao comer, um dia, na cidade, e querendo que lhe dessem um prato de lentilhas que se lhe apresentou quando a mesa ainda não estava posta, tirou um prato de cima da chaminé, e improvisou um talher com uma pequena taça de vidro, de forma circular, ladeada por uma borda saliente que podia assemelhar-se a uma colher.

XXX. Mas muitas vezes este género de expedientes eram muito mais felizes, mais bem achados, e mereciam com mais razão o nome de invenção. Não receio dar este nome à maneira como um dia arranjou um porta-lápis. Só uma vez no meu escritório eu lhe tinha feito usar este instrumento para pôr um bocadinho de giz que não podia segurar com os dedos. Poucos dias depois apresentou-se a mesma dificuldade, mas Victor estava no seu quarto e não tinha ao alcance da mão porta-lápis para pôr o giz. Cabe ao homem mais hábil ou mais inventivo dizer, ou antes, fazer o que fez para arranjar um. Pegou num utensílio ao acaso, empregado nas boas cozinhas, supérfluo nas mãos dum pobre selvagem, e que,

por esta razão, estava esquecido e inutilizado no fundo dum pequeno armário: uma agulha de lardear, em suma. Foi este o instrumento de que se serviu para substituir o que lhe faltava e que soube, com uma Segunda inspiração de imaginação verdadeiramente criadora, transformar num verdadeiro porta-lápis, substituindo os passadores por algumas voltas de fio. Perdoai, Monsenhor, a importância que conceda a este facto. É preciso ter vivido todas as angústias dum instrução tão penosa; é preciso ter seguido e dirigido este homem-planta na sua trabalhosa evolução, desde o primeiro acto de atenção até esta primeira chispa de imaginação, para se fazer uma ideia da alegria que senti, e perdoai-me agora que repita com uma espécie de ostentação um facto tão simples e tão vulgar. O que ainda acrescentarei à importância deste resultado, considerado como prova do melhor actual e como garantia dum melhoramento futuro é que, em vez de se apresentar isolado, e conseqüentemente visto como accidental, se juntou a uma série de outros, sem dúvida menos surpreendentes, mas que, tendo acontecido na mesma época e oriundos, evidentemente, da mesma fonte, se ofereciam aos olhos dum observador atento como resultados diferentes dum impulso geral. Efectivamente, é de destacar que, desde aquele momento, desapareceram espontaneamente uma quantidade de hábitos de rotina que o aluno tinha adquirido no modo como cumpria as pequenas ocupações que lhe eram prescritas. Abstendo-se de fazer analogias forçadas e de tirar conseqüências isoladas, pode-se, pelo menos penso eu, suspeitar que a nova maneira de encarar as coisas, fazendo nascer a ideia de realizar outras aplicações, teve de forçar necessariamente o aluno a sair do círculo uniforme desses hábitos de certo modo automáticos.

XXXI. Convencido de que tinha estabelecido completamente no espirito de Victor a relação dos objectos com os seus sinais, só me faltava aumentar sucessivamente o seu número. Se se compreendeu bem o processo pelo qual cheguei a estabelecer o valor dos primeiros

sinais, ter-se-á previsto que só podia aplicar-se aos objectos circunscritos e de pouco volume e que não se podia rotular da mesma maneira uma cama, um quarto, uma árvore, uma pessoa, assim como as partes constituintes e inseparáveis dum todo. Não encontrei nenhuma dificuldade em me fazer compreender o sentido dessas

novas palavras, embora não pudesse ligadas visivelmente com os objectos que representavam, como nas experiências precedentes. Chegou-me, para ser compreendido, indicar com o dedo a nova palavra e mostrar com a outra mão o objecto a que a palavra se referia. Houve um pouco de resistência em fazer-lhe compreender a nomenclatura das partes que entram na composição dum todo. Foi assim que as palavras dedos, mãos, braço, não puderam durante muito tempo oferecer ao aluno nenhum sinal distintivo. Esta confusão na atribuição dos sinais devia-se, evidentemente, ao facto de o aluno ainda não ter compreendido que as partes dum corpo/ consideradas separadamente, formavam por uma vez objectos distintos, que tinham o seu nome particular. Para lhe dar a ideia, peguei num livro encadernado, arranquei-lhe as capas e várias folhas, A medida que dava a Victor cada uma dessas partes em separado, escrevia o nome no quadro; depois, retomando das suas mãos esses diferentes objectos, fazia com que assinalasse, por sua vez, os nomes. Quando ficaram bem gravados na sua memória, pus no

lugar as partes separadas, e, ao pedir-lhe os nomes, designou-mas como antes; depois, sem lhe apresentar nenhuma em particular e mostrando-lhe o livro na sua totalidade, perguntei-lhe o nome: assinalou-me com o dedo a palavra *livro*.

XXXII. Não era preciso mais do que familiarizá-lo com a nomenclatura dos diversos corpos compostos, e, para que não confundisse os nomes próprios de cada uma das partes com o nome geral do objecto, nas demonstrações que lhe fazia, tive o cuidado, ao mostrar-lhe as primeiras, de tocar cada uma de imediato e contentava-me, para a aplicação do nome em geral, em indicar vagamente a coisa sem a tocar.

XXXIII. Desta demonstração passei à da qualidade dos corpos. Entrei aqui no campo das abstracções e penetrei nele com medo de não poder entrar ou de me ver imediatamente retido por dificuldades insuperáveis. Nenhuma se apresentou, e a minha primeira demonstração foi captada duma vez, embora se referisse a uma das qualidades mais abstractas dos corpos, a da extensão. Peguei em dois livros iguais mas de formato diferente: um era um in-18, o outro um in-8. Toquei no primeiro. Victor abriu o seu caderno e assinalou a palavra *livro*. Toquei no segundo, o aluno indicou novamente a mesma palavra. Repeti-o várias vezes q sempre com o mesmo resultado. Peguei imediatamente no livro mais pequeno e, entregando-o a Victor, fi-lo estender a mão aberta sobre a capa; esta ficava quase coberta. Fi-lo fazer o mesmo com o volume in-8; a sua mão cobria apenas metade. Para que não pudesse enganar-se sobre a minha intenção, mostrei-lhe a parte que ficava descoberta e levei-o a estender os dedos sobre ela: o que não pôde fazer sem destapar uma porção igual à que antes cobria. Depois desta experiência, que mostrava ao meu aluno de maneira tão palpável a diferença de extensão desses dois objectos, perguntei-lhe de novo o nome. Victor ficou na dúvida; sentia que o mesmo nome não se podia aplicar indistintamente a duas coisas que acabava de encontrar tão desiguais, isto era o que eu esperava. Escrevi então em dois papéis a palavra *livro* e pus um em cima de cada volume. Escrevi depois num terceiro a palavra *grande* e a palavra *pequeno* num quarto; coloquei-os junto às primeiras, um sobre o volume in-8 e o outro sobre o volume in-18. Depois de ter feito que Victor reparasse nesta disposição, peguei nas etiquetas, misturei-as e dei-lhas imediatamente para que as colocasse, o que fez convenientemente.

XXXIV. Tinha sido compreendido? O sentido respectivo das palavras *grande* e *pequeno* tinha sido apreendido? Para ter a certeza e a prova completa, procedi do seguinte modo: Fedi que me Trouxessem dois pregos de desigual comprimento; fi-los comparar mais ou menos da mesma maneira que os livros. Depois, tendo escrito em dois papéis a palavra *prego*, mostrei-lhos sem acrescentar os dois adjectivos *grande* e *pequeno*, esperando que, se a minha lição tinha sido compreendida applicasse aos pregos os mesmos sinais de grandeza relativa que lhe tinham servido para estabelecer a diferença de dimensão entre os dois livros. O que fez, e ião prontamente que a prova foi ainda mais concludente. Este, pois, o processo que utilizei para dar a ideia das qualidades de extensão. Empreguei-o com o mesmo êxito para as outras qualidades sensíveis dos corpos, como cor, peso, resistência, etc.

XXXV. Depois da explicação do adjectivo, veio a do verbo. Para que o aluno a compreendesse, só tive de submeter um objecto cujo nome conhecia a diversas

acções que eu designava, à medida que as executava, com o infinitivo do verbo que expressa essa acção. Peguei numa chave, por exemplo, escrevi o nome no quadro; depois, *tocando-a, lançando-a, apanhando-a, levando-a aos lábios, pondo-a no seu lugar*, etc., escrevi, ao mesmo tempo que executava cada uma dessas acções, numa coluna junto à palavra *chave*, os verbos *tocar, lançar, apanhar, beijar, pôr*. etc. Substituí, imediatamente, a palavra *chave* pelo nome de outro objecto com o qual fiz o mesmo, enquanto assinalava com o dedo os verbos já escritos. Aconteceu muitas vezes que ao substituir deste modo, e ao acaso, um objecto por outro para expressar o complemento dos mesmos verbos, havia entre eles e a natureza do objecto tal incompatibilidade que a acção pedida se tornava ridícula e impossível. A perplexidade que o aluno mostrava nessa altura acabava por ser tanto uma vantagem como uma grande satisfação para mim; para ele era uma ocasião para exercer o seu discernimento e para mim de recolher novas provas da sua inteligência. Um dia em que, por exemplo, por causa da mudança sucessiva do complemento dos verbos, se lhe depararam estranhas associações de palavras, *perder pedra, cortar chávena, comer escova*, saiu rapidamente da dúvida, mudando as duas acções indicadas pêlos dois primeiros verbos em outras duas menos incompatíveis com a natureza do seu complemento. Consequentemente, pegou num martelo para partir a pedra e deixou cair a chávena para a partir. Chegado ao terceiro verbo, e não lhe podendo encontrar substituto, procurou um para o complemento verbal, pegou num bocado de pão e comeu-o.

XXXVI. Reduzidos a nos arrastarmos penosamente e por circuitos infinitos no estudo destas dificuldades gramaticais, fizemos andar para a frente, como meio de instrução auxiliar e de diversão indispensável, o exercício da escrita. O começo deste trabalho ofereceu-me dificuldades sem numero, que, aliás, esperava. A escrita é um exercício de imitação e a imitação estava por nascer no nosso selvagem. Assim, quando lhe dei pela primeira vez um bocado de giz, que pus em posição adequada nos seus dedos, não consegui que fizesse nenhuma linha, nenhum traço que mostrasse no aluno a intenção de imitar o que me via fazer. Aqui ainda era preciso retroceder, e procurar tirar da inércia as faculdades de imitação, submetendo-as, como as outras, a uma espécie de educação gradual. Para executar este plano comecei por exercitar Víctor em actos de imitação grosseira, como levantar os braços, pôr o pé à frente, sentar-se, levantar-se ao mesmo tempo que eu, depois abrir a mão. fechá-la e repetir com os dedos uma quantidade de movi-

mentos, ao princípio simples, depois combinados, que fiz à frente dele. Em seguida, pus na mão dele e na minha uma grande vara de ponta aguçada que lhe fiz segurar como uma caneta, com a dupla intenção de dar força e firmeza aos seus dedos, pela dificuldade de manter em equilíbrio esse simulacro de caneta, e torná-los mais visíveis e, por conseguinte, susceptíveis de imitar até os mais pequenos movimentos da vara.

XXXVII. Assim preparados por estes exercícios preliminares. imitámo-nos no quadro, cada um com um bocado de giz. e colocando as nossas duas mãos à mesma altura, comecei por descer lenta e verticalmente até à base do quadro. O aluno fez o mesmo, seguindo exactamente a direcção e, dividindo a atenção entre

a sua linha e a minha, olhava duma para a outra sem cessar, como se quisesse confrontar sucessivamente todos os pontos.

O resultado foram duas linhas exactamente paralelas. As lições seguintes só foram um desenvolvimento do mesmo processo: não falarei dele. Direi apenas que o resultado foi tal que ao cabo de alguns meses Victor sabia copiar as palavras de que conhecia o valor, em breve reproduzi-las de memória e servir-se, por último, da escrita, por mais informe que fosse e assim tenha ficado, para exprimir os seus desejos, solicitar os meios para os satisfazer e entender pela mesma via os desejos ou as vontades que os outros exprimiam.

XXXVIII. Considerando as minhas experiências como um verdadeiro curso de imitação, achei que não as devia limitar a actos de imitação manual. Para isso recorri a vários processos que nada Tinham a ver com o mecanismo da escrita mas cujo efeito era muito mais apropriado para exercitar a inteligência. Entre outros, utilizei o seguinte; tracei num quadro dois círculos quase iguais, um face a mim e o outro à frente de Victor. Depois, sobre seis ou oito pontos da circunferência desses círculos, seis ou oito letras do alfabeto, as mesmas nos círculos, mas colocadas diferentemente. Tracei depois num dos círculos várias linhas que terminavam nas tetras colocadas sobre a sua circunferência: Victor fazia o mesmo sobre o outro círculo. Mas, como consequência da disposição diferente das letras, acontecia que a imitação mais exacta figurava uma imagem completamente diferente da que lhe apresentava como modelo. Daqui a ideia duma imitação totalmente particular, em que se tratava não de copiar passivamente determinada forma, mas de reproduzir o espírito e a maneira sem se ver limitado pela diferença de resultados. Não se trata duma repetição rotineira do que o aluno vira fazer e que se pode obter, até certo ponto, de alguns animais imitadores, mas duma imitação inteligente e racional, variável nos seus processos como nas suas aplicações, tal como se deve esperar do homem dotado do livre uso de todas as suas faculdades intelectuais.

XXXIX. De todos os fenómenos que mostram ao observador os primeiros desenvolvimentos da criança, o mais surpreendente é talvez a facilidade com que aprende a falar, e quando se pensa que a palavra, que é sem dúvida o acto mais admirável da imitação, é também o seu primeiro resultado, redobra-se de admiração por essa inteligência suprema¹ de que o homem é a obra-prima, e que, querendo fazer da palavra o principal motor da educação, não sujeitou a imitação ao desenvolvimento progressivo das outras faculdades e tornou-as, desde o começo, tão activa como fecunda. Mas esta faculdade imitativa, cuja influência se estende por toda a vida, aplica-se diferentemente, segundo as idades, e só é empregue na aprendizagem da palavra na mais tenra infância; depois, preside a outras funções e abandona. por assim dizer, o instrumento vocal; deste modo, uma criança, um adolescente inclusivamente, ao deixar a seu país natal, perde com toda a rapidez as maneiras, o tom, a linguagem, mas nunca as entoações da

¹ Note-se que, tendo os tempos mudado, existindo já o império napoleónico em França, ao redigir este «Relatório», Itard não fala da *natureza* como em *Da educação dum homem selvagem*, ou seja como essência que é fonte de propriedades ou de operações, mas de «Inteligência suprema». A ideologia do regime voltava, com as formas políticas, aos « clichés » do antigo regime. (A. L. M.)

voz que constituem o que se chama sotaque. Desta verdade fisiológica resulta que, ao despertar a imitação neste jovem selvagem já levado à adolescência, não se podia esperar que encontrasse no órgão da voz nenhuma disposição para aproveitar esse desenvolvimento das faculdades imitativas, suponho inclusivamente que não encontraria um segundo obstáculo na dureza obstinada do sentido do ouvido. Neste último aspecto, Victor podia ser considerado um surdo-mudo, embora ainda muito inferior a essa classe de seres essencialmente observadores e imitadores,

XL. No entanto, achei que não devia dar muita importância a esta diferença, nem renunciar à esperança de o fazer falar e a todas as vantagens que daí advêm, depois de ter tentado, para alcançar este resultado, o último meio de que dispunha: levá-lo ao uso da palavra não pelo sentido do ouvido, visto que este o impedia, mas pelo da vista. Devia, pois, nesta última tentativa, exercitar os olhos para que apreendessem o mecanismo da articulação dos sons e a voz para que os repetisse, por meio duma boa aplicação de todas as forças reunidas da atenção e da imitação. Durante mais dum ano todos os meus trabalhos, todos os nossos exercícios, se dirigiram para este fim. Para seguir paralelamente aqui o método da evolução gradual, fiz preceder o estudo da articulação visível dos seus sons pela imitação um pouco mais fácil dos movimentos dos músculos da cara, começando pelos mais ostensivos. Deste modo. Temos o professor e o aluno frente a frente, fazendo cada um mais caretas do que o outro, isto é, imprimindo aos músculos dos olhos, da testa, da boca, dos maxilares, movimentas de toda a espécie; concentrando gradualmente as experiências nos músculos dos lábios e, depois de ter insistido no estudo dos movimentos nesta parte do órgão da palavra, fazer os mesmos exercícios com a língua, mas muito mais diversificados e durante mais tempo¹.

XLI. Preparado deste modo, o órgão da palavra devia prestar-se, segundo me parecia, sem esforço à imitação dos sons articulados, e considerei este resultado tão próximo como infalível. Fui decepcionado e tudo o que consegui obter dessa grande série de sons reduziu-se à emissão de alguns monossílabos informes, por vezes agudos, por vezes graves, e ainda muito menos nítidos do que os obtidos nas primeiras tentativas. No entanto, insisti e lutei, ainda durante bastante tempo, contra a obstinação do órgão, até que, por fim, vendo que a continuidade dos meus cuidados e a sucessão do tempo nada mudavam, me resignei a concluir ali as minhas últimas tentativas em favor da palavra e abandonei o meu aluno a um mutismo incurável.

¹ Este parágrafo é a síntese mais original e completa, e historicamente a primeira, do método que se emprega actualmente para «tirar da mudez» os surdos-mudos. No próprio Instituto do abade de L'Epée, ainda sob a direcção de abade Sicard, que levaram ao seu desenvolvimento máximo o método dactilológico, Itard cria, um quarto de século antes do que normalmente se afirma, o método fonético hoje utilizado e que ele próprio não achou importante empregar com os surdos-mudos pela sua grande capacidade de atenção e de imitação, agarrando-se assim à tradição da famosa instituição em que trabalhava. (A. L. M.)

Desenvolvimento das Faculdades Afectivas

XLII. Vistes, Monsenhor, a civilização, tirando do seu profundo embotamento as faculdades intelectuais do nosso selvagem, determinar primeiro a aplicação aos objectos dos seus desejos e alargar a esfera das suas ideias para além da sua existência animal. Vossa Excelência vai ver, na mesma ordem de desenvolvimento, as faculdades afectivas, despertadas primeiro pelo sentimento da necessidade do instinto de conservação, darem imediatamente origem a sentimentos menos interessados, a movimentos mais expansivos e a alguns desses sentimentos gerais que fazem a glória e a honra do coração humano.

XLIII. À sua entrada na sociedade, Victor, insensível aos cuidados que se tinha para com ele e confundindo a curiosidade com o interesse da benevolência, não deu durante muito tempo nenhum testemunho de atenção à pessoa que cuidava dele. Aproximava-se quando se via forçado peia necessidade e afastava-se quando se sentia satisfeito; só via nela a mão que o nutria, e nessa mão apenas o que continha. Deste modo, do ponto de vista da sua existência moral, Victor era uma criança nos primeiros dias da sua vida, que passa do seio da mãe ao da ama e deste para outro, sem encontrar outra diferença que a quantidade ou a qualidade do líquido que lhe serve de alimento. Com a mesma diferença, o nosso selvagem, ao sair dos bosques, viu mudar em diversas circunstâncias as pessoas que o vigiavam e, depois de ter sido recolhido, tratado e levado a Paris por um pobre camponês do Aveyron, que lhe testemunhou uma ternura paternal, viu-se separado do mesmo sem dor nem remorso¹.

XLIV. Entregue durante os três primeiros meses da sua chegada à Instituição às inoportunidades dos curiosos ociosos da capital e às daqueles que, sob o título especioso de observadores, o incomodavam da mesma maneira; vagueando pelos corredores e pelo jardim da casa nas épocas mais rigorosas do ano; mal acompanhado; sentindo muitas vezes a fome, viu-se dum momento para o outro querido, acarinhado por uma vigilante cheia de doçura, de bondade e de inteligência, sem que essa mudança parecesse despeitar no seu coração o mínimo sentimento de gratidão. Se reflectirmos nisto não temos de que nos surpreender. Efectivamente, que podiam os gestos mais ternos, os cuidados mais afectuosos, sobre um ser tão impassível e que lhe importava estar bem vestido, bem calçado, comodamente alojado e deitado numa boa cama. a ele que, endurecido pelas intempéries das estações, insensível às vantagens da vida social, só conhecia a liberdade, e apenas via uma prisão no alojamento mais cómodo? Para o levar à gratidão, precisava de bens doutra espécie, de natureza a serem apreciados peio ser extraordinário a que se destinavam, e, para isto, condescender aos seus gostos, e fazê-lo feliz à sua maneira. Guiei-me fielmente por esta ideia como indicação principal do tratamento moral daquela criança. Dei a conhecer os primeiros êxitos. Disse, no meu primeiro Relatório, como tinha conseguido fazer com que gostasse da sua vigilante e tornar-lhe suportável a vida social. Mas este affecto, por vivo que parecesse, ainda podia ser considerado um cálculo de egoísmo. Tive a ocasião de o suspeitar quando observei que depois de

¹ A situação de Victor, e o quadro que a seguir é descrito por Itard, corresponde ao quadro clínico de abandono que hoje, com a denominação de Spitz, chamamos «hospitalismo». (A. L. M.)

horas, e inclusivamente de dias, de ausência Victor voltava para junto daquela que tratava dele com demonstrações de amizade cuja vivacidade tinha por medida muito menos o tamanho da ausência do que as vantagens reais que lhe dava o seu regresso e as privações que tinha sofrido durante essa separação. Não menos interesseiro nas suas carícias, primeiro serviu-se delas para manifestar os seus desejos e não para mostrar a sua gratidão, de forma que, se se observasse com atenção quando acabava de comer bem, Victor oferecia o triste espectáculo dum ser a quem nada do que o rodeava interessava, visto que nesse momento todos os seus desejos estavam satisfeitos. No entanto, a multiplicidade sempre crescente das suas necessidades, ao aumentar cada vez mais as suas relações connosco e os nossos cuidados para com ele, abriu finalmente o coração endurecido a sentimentos nada equívocos de gratidão e de amizade. Entre as numerosas passagens que posso citar como provas desta transformação favorável, recordarei os dois que se seguem.

XLV. A última vez que, arrastado por antigas reminiscências e pela sua paixão pela liberdade dos campos, o nosso selvagem fugiu de casa, caminhou em direcção a Senlis e chegou ao bosque, donde não tardou a sair, sem duvida por causa da fome e da impossibilidade de poder, a partir de agora, bastar-se a si próprio. Tendo-se aproximado dos campos vizinhos, caiu nas mãos da Polícia, que o prendeu como vagabundo e o conservou como tal durante quinze dias. Reconhecido ao fim desse tempo, foi levado para Paris e internado no Templo¹, onde a Senhora Guérin, sua vigilante, se apresentou para o reclamar. Muitos curiosos se tinham reunido para verem esta entrevista, que foi verdadeiramente emocionante. Mal viu entrar a sua vigilante, Victor empalideceu e perdeu por uns momentos os sentidos; mas, sentindo que a Senhora Guérin o beijava e o acariciava, reanimou-se subitamente, manifestando a sua alegria com gritos agudos, movimentos convulsivos das mãos e os traços expansivos dum rosto radiante. Mostrou-se, aos olhos de quem assistia, como um filho afectuoso que, pelo seu próprio desejo, vem lançar-se nos braços daquela que lhe deu a vida, e não como um fugitivo que regressa forçado sob a vigilância dum guarda.

XLVI. Não mostrou menos sensibilidade na sua entrevista comigo. Foi na manhã do dia seguinte. Victor ainda estava na cama. Quando me viu aparecer sentou-se e, inclinando a cabeça, estendeu os braços para mim. Porém, vendo que em vez de me aproximar ficava de pé, imóvel diante dele, com um ar frio e um gesto de descontentamento, caiu na cama, tapou-se com os cobertores e começou a chorar. Aumentei a emoção com as minhas censuras, proferidas em tom forte e ameaçador; o pranto redobrou, acompanhado de grandes e profundos suspiros. Quando pensei ter alcançado o ponto máximo de excitação das suas faculdades afectivas, fui sentar-me na cama do meu pobre arrependido. Tinha sido sempre este o sinal do perdão. Victor entendeu-me, fez os primeiros passos de reconciliação e tudo foi esquecido.

XLVII. Mais ou menos na mesma época, o marido da Senhora Guérin caiu doente e foi tratado fora de casa sem que Victor o soubesse. Este tinha, entre as suas pequenas obrigações, a de pôr a mesa para a refeição e continuou a colocar

¹ Le Temple, antigo mosteiro fortificado dos Templários, que foi durante muito tempo utilizado em Paris como Prisão. Luís XVI esteve detido na sua torre, em 1792. Foi demolido em 1811. (A. L. M.)

o talher do Senhor Guérin. e embora todos os dias lhe dissessem que o tirasse, no próprio dia em que este morreu o seu talher ainda foi posto na mesa. Adivinha-se o efeito que devia causar na Senhora Guérin uma atenção tão dolorosa para ela. Testemunha daquela cena de dor, Victor compreendeu que era a causa e, seja porque se pôs a pensar que tinha feito mal ou que penetrasse no fundo do motivo do desespero da sua vigilante, sentiu quão inútil e fora do lugar fora a atenção que acabava de ter e, por iniciativa própria, levantou o talher, pô-lo tristemente no armário e nunca mais o voltou a tirar.

XLVIII. Isto é um affecto triste, totalmente do domínio do homem civilizado. Mas outro que o não é menos é a morosidade profunda em que cai o meu jovem aluno sempre que, durante as nossas lições, depois do ter lutado em vão, com todas as forças da sua atenção, contra alguma dificuldade nova, se vê na impossibilidade de a superar. é então que, penetrado pelo sentimento da sua impotência e comovido talvez pela inutilidade dos meus esforços, o vejo molhar com as suas lágrimas esses caracteres ininteligíveis para ele, sem que nenhuma palavra de censura, nenhum castigo, tivesse provocado as lágrimas.

XLIX. A civilização, ao multiplicar os seus affectos tristes, teve de aumentar necessariamente as suas alegrias. Não falarei das que nascem da satisfação das suas novas necessidades. Embora tenham ajudado enormemente o desenvolvimento das faculdades affectivas, são, se posso dizê-lo, tão animais que não podem ser admitidas como provas directas da sensibilidade do coração. Mas citarei como tais o zelo que põe e o prazer que sente em responder às pessoas de quem gosta e, inclusivamente, adiantar-se aos seus desejos com os pequenos serviços que estão ao seu alcance. Isto é, sobretudo, o que se nota nas suas relações com a Senhora Guérin: assinalarei ainda, como sentimento duma alma civilizada, a satisfação que se reflecte em todos os seus traços e que muitas vezes até se anuncia com grandes gargalhadas quando, detido nas nossas lições por alguma dificuldade, acaba por superá-la com as suas próprias forças ou quando, contente com os seus pequenos progressos, lhe testemunho a minha satisfação com elogios e estímulos. Não são nos seus exercícios se mostra sensível ao prazer de fazer bem, mas também nas mais pequenas ocupações domésticas de que está encarregado, sobretudo se essas ocupações são de natureza tal que exigem um grande emprego das forças musculares. Quando, por exemplo, o mandam cortar lenha, vê-se, à medida que a serra penetra profundamente, que o seu ardor e os seus esforços redobram e entrega-se, no momento em que a separação dos dois bocados se vai dar, a movimentos extraordinários de alegria, que se estaria tentado a relacionar com um delírio maníaco se não se explicassem naturalmente, por um lado pela necessidade de movimento dum ser tão activo, por outro pela natureza dessa ocupação, que, oferecendo-lhe ao mesmo tempo um exercício salutar, um mecanismo que

o diverte e um resultado eficaz às suas necessidades, permite-lhe de maneira muito evidente a reunião do que lhe agrada e do que é útil.

L. Mas, ao mesmo tempo que a alma do nosso selvagem se abre algumas das alegrias do homem civilizado, não deixa por isso de se mostrar sensível às da sua vida primitiva. Sente sempre a mesma paixão pelo campo, o mesmo êxtase ao ver uma lua cheia, um campo coberto de neve. e as mesmas reacções ao barulho dum vendaval. É um facto que a sua paixão pela liberdade dos campos se

encontra temperada pelas afeições sociais e semi-satisfeita com os passeios frequentes ao ar livre; mas é ainda apenas uma paixão mal extinta e, para a avivar, basta uma linda tarde de Verão, a vista dum bosque frondoso ou a interrupção momentânea dos seus passeios quotidianos. Foi esta a causa da sua última fuga. A Senhora Guérin, de cama com dores reumáticas, durante os quinze dias que durou a sua doença não pôde levar o seu aluno a passear. Suportou pacientemente essa privação, pois percebia bem a causa. Mas, ao surpreender a sua vigilante fora do leito, deixou escapar uma alegria que se tornou ainda mais viva quando, decorridos alguns dias, viu a Senhora Guérin pronta para sair, e ei-lo imediatamente disposto a segui-la. Ela, porém, não o levou. Dissimulou o seu descontentamento e, quando à hora da refeição o mandaram à cozinha buscar os pratos, aproveitou o momento em que o portão do pátio estava aberto para dar passagem a um carro, meteu-se por detrás dele e correu para a rua, chegando rapidamente à porta de Enfer.

LI. As transformações realizarias pela civilização na alma do jovem não se limitavam a despertar nela afeições e alegrias desconhecidas, mas também fizeram nascer alguns desses sentimentos que constituem o que chamamos rectidão do coração, assim como o sentimento interior de justiça. O nosso selvagem era ao mesmo tempo tão pouco susceptível, ao sair do bosque, que durante muito Tempo foi precisa grande vigilância para impedir que se entregasse à sua insaciável capacidade. Compreende-se que, sentindo então uma única necessidade, a fome, a finalidade de todas as suas rapinas se limitasse ao pequeno número de objectos que eram de seu gosto. Ao princípio, tirava-os mais do que os roubava, e fazia-o com uma naturalidade, um à-vontade, uma simplicidade, que tinham algo de comovente e que levavam a alma a sonhar com aqueles tempos primitivos em que a ideia de propriedade ainda não tinha nascido no cérebro do homem. Para reprimir a inclinação natural para o roubo, utilizei alguns castigos aplicados em flagrante delicto. Obtive o que a sociedade obtém em geral, com o aparato aterrorizador das suas penas; uma modificação do vicio em vez duma verdadeira correcção; foi assim que Victor roubou subtilmente o que até então se tinha contentado em tirar abertamente. Achei que devia tentar outro maio de correcção e, para o fazer sentir mais vivamente o inconveniente dos seus roubos, empregámos com ele o direito de represálias. Assim, vítima da lei do mais forte, arrancava-se-lhe das mãos e comia-se diante dele um fruto desejado e que muitas vezes só tinha sido a recompensa justa da sua docilidade; ou, despojado de maneira mais subtil do que violenta, encontrava os bolsos vazios das pequenas provisões que tinha guardado como reserva um pouco antes.

LII. Estes últimos meios de repressão tiveram um êxito que nunca havia esperado e puseram fim à capacidade do meu aluno. No entanto, esta correcção não se me apresentava como prova segura de que tinha inspirado ao meu aluno o sentimento interior de justiça. Pressentia perfeitamente que, apesar do cuidado que tivera em dar às minhas atitudes todas as formas dum roubo injusto e manifesto, não era certo que Victor visse nelas algo mais que o castigo das suas próprias más acções, e por isso se tinha corrigido com receio de novas privações e não por um sentimento desinteressado da ordem morai. Para esclarecer esta dúvida, e obter um resultado menos equívoco, achei que devia pôr à prova o coração do meu aluno com outra espécie de injustiça que, não tendo nenhuma

relação com a natureza da falta, não parecesse ser o castigo merecido, e fosse, para ele, tão horrível como irritante. Escolhi, para esta experiência verdadeiramente penosa, um dia em que, tendo ocupado, Victor durante duas horas com as nossas lições e em que estava satisfeito igualmente da sua obediência e da sua inteligência, só tinha elogios e recompensas a dar-lhe. Preparava-se, sem dúvida, para eles, a julgar pelo ar de alegria que reflectia nos seus traços, como em todas as atitudes do seu corpo. Mas qual não foi a sua surpresa ao ver que em vez das recompensas do costume, em vez da atitude que com tanto direito devia esperar e que nunca recebia sem as mais vivas demonstrações de alegria, tomando uma expressão severa e ameaçadora, apagando com todos os sinais exteriores do descontentamento o que acabava de elogiar e aplaudir, espalhando por todos os cantos do quarto os seus cadernos e cartões e pegando-lhe por fim por um braço, o arrastava violentamente para um quarto escuro que, no princípio da sua estada em Paris, lhe tinha servido algumas vezes de prisão. Deixou-se conduzir resignado até quase ao umbral da porta. Aí, saindo imediatamente da sua obediência habitual, firmando-se com os pés e com as mãos na porta, opôs-me uma vigorosa resistência que me agradou, porquanto era nova nele e nunca, disposto a sofrer igual castigo quando o merecia, tinha desmentido um só instante a sua submissão com a dúvida mais ligeira que fosse. No entanto, insisti para ver até que ponto levava a sua resistência e, empregando todas as minhas forças, tentei levantá-lo do chão para o meter no quarto. Esta tentativa excitou a sua fúria. Indignado, vermelho de cólera, debateu-se entre os meus braços com uma violência para a qual durante algum tempo os meus esforços foram infrutíferos; mas, por fim, sentindo-se sucumbir pela lei do mais forte, tentou o último recurso do mais fraco: lançou-se sobre as minhas mãos e nelas deixou a marca profunda dos seus dentes. Que felicidade, se nesse momento pudesse ser compreendido pelo meu aluno e dizer-lhe até que ponto mesmo a dor da sua dentada enchia a minha alma de satisfação e me recompensava de todos os meus esforços! Era para menos? Era um acto inegável de que o sentimento do Justo e do injusto, essa base eterna da ordem social, não era estranho ao coração do meu aluno. Ao dar-lhe este sentimento, ou melhor, ao provocar o seu desenvolvimento, acabava de elevar o homem selvagem ao mais afio nível do homem moral, pelo mais nítido dos seus caracteres e a mais nobre das suas atribuições.

LIII. Ao falar das faculdades intellectuais do nosso selvagem, não dissimulei os obstáculos que tinham parado o desenvolvimento de algumas delas e impus-me o dever de assinalar exactamente todas as lacunas da sua inteligência. Fiel ao mesmo plano na história dos affectos desse jovem, descobrirei a parte dura do seu coração com a mesma facilidade com que apresentei a parte civilizada. Não deixarei em silêncio que, embora se tornasse sensível à gratidão e à amizade, embora pareça sentir fortemente o prazer de ser útil, Victor continuou a ser essencialmente egoísta. Cheio de simpatia e cordialidade quando os serviços que lhe pedem não se opõem aos seus desejos, continua a ignorar o dever que não faz contas às privações nem aos sacrificios, e o doce sentimento da piedade ainda está por nascer nele. Se nas suas relações com a sua vigilante o vimos compartilhar por vezes a sua tristeza, isto não era mais do que um acto de imitação idêntico ao que faz chorar uma criança que vê chorar a mãe ou a ama.

Para compreender os males do outro é preciso lê-los conhecido ou, pelo menos, poder imaginá-los; isto não se pode esperar duma criança ou dum ser como Victor, estranho a todas as dores e privações que fazem parte dos nossos sofrimentos morais.

LIV. Mas o que parece ainda mais surpreendente no sistema afectivo deste jovem e fora de qualquer explicação é a sua indiferença para com as mulheres, no meio dos movimentos impetuosos duma puberdade muito pronunciada. Eu próprio aspirava à chegada dessa época, como fonte de novas sensações para o meu aluno e de observações interessantes para mim, analisando cuidadosamente todos os fenómenos precusores desta crise moral, esperando todos os dias que um sopro desse sentimento universal, que move e multiplica todos os seres, viesse animar este e engrandecer a sua existência moral. Vi chegar, ou melhor, rebentar, essa puberdade tão desejada e o nosso jovem selvagem consumir-se com desejos duma violência extrema e duma surpreendente continuidade. sem pressentir qual era o fim, e sem sentir por nenhuma mulher o mínimo sentimento de preferência. Em vez dessa veemência expansiva que precipita um sexo para o outro, só vi nele uma espécie de instinto cego e fracamente pronunciado que, na verdade, o fazia preferir a convivência das mulheres à dos homens, mas sem que o coração tomasse parte nessa distinção. Foi assim que, numa reunião de mulheres, o vi várias vezes procurar com uma delas a satisfação dos seus desejos, sentar-se ao seu lado, beliscar-lhe suavemente a mão, o braço e os joelhos e continuar até que, sentindo os seus desejos inquietos aumentar, em vez de se acalmar com essas simples carícias, e não entrevedo nenhum fim às suas penosas emoções, mudava imediatamente de atitude, recusava a que tinha procurado com uma espécie de diligência e dirigia-se imediatamente a outra, com a qual se comportava da mesma maneira. No entanto, um dia levou os seus ataques um pouco mais longe. Depois de ter utilizado as mesmas carícias, pegou na senhora pelas duas mãos e arrastou-a, sem violência porém, para cima duma cama.

Ali, muito embaraçado pela sua capacidade, mostrando nas suas maneiras e na expressão extraordinária da sua fisionomia uma mistura indescritível de alegria e de tristeza, de coragem e de incerteza, solicitou insistentemente as carícias da senhora apresentando-lhe, pois, as maçãs do rosto, andou à volta dela lentamente e com ar de meditação, acabou por se rançar sobre os seus ombros abraçando-lhe estreitamente o peito. Foi tudo, e essas demonstrações amorosas terminaram, como as outras, com um movimento de despeito que lhe fez recusar o objecto das suas efémeras inclinações.

LV. Embora, depois desta época, esta infeliz jovem não tenha sido menos atormentado pela efervescência dos seus órgãos, deixou pelo menos de procurar nas suas carícias impotentes o alívio para os seus desejos inquietos. Mas esta resignação, em vez de suavizar a situação, só serviu para o exasperar, e fazer encontrar a este infeliz um motivo de desespero e um desejo imperioso que não espera satisfazer. Deste modo, quando, apesar do recurso aos banhos dum regime calmante e de exercícios violentos, essa tempestade dos sentidos rebenta de novo, dá-se uma mudança total no carácter do jovem, por natureza doce, e, passando subitamente da tristeza à ansiedade e da ansiedade à cólera, desgostase das suas maiores alegrias, suspira, chora/ dá grilos agudos, rasga as roupas e

encoleriza-se - por vezes ao ponto de arranhar e morder a sua vigilante. Mas, embora nessa altura ceda a uma fúria cega que não pode dominar, testemunha depois um verdadeiro arrependimento e beija a mão ou o braço que acaba de morder. Neste estado, o pulso acelera-se e o rosto está vermelho e inchado; e, por vezes, o sangue brota-lhe pelo nariz e pelos ouvidos, o que põe fim ao acesso e afasta por muito tempo a recidiva, sobretudo se essa hemorragia é abundante. Partindo desta observação para remediar este estado, e não podendo ou não me atrevendo a fazer algo de melhor, tive de tentar o uso da sangria, embora com muitas reservas, persuadido de que o mais indicado é acalmar essa efervescência vital e não extingui-la. Mas devo dizer que, se obtive um pouco de calma por esse meio e muitos outros que seria inútil enumerar aqui, o efeito só foi passageiro e que dessa continuidade de desejos, quer violentos quer indeterminados, resultou um estado habitual de inquietação e de sofrimento que travou continuamente o caminho da sua laboriosa educação.

LVI. Assim foi aquela época crítica que prometia tanto, e que sem dúvida teria respondido a todas as esperanças que nela tínhamos posto se. em vez de concentrar toda a sua actividade nos sentidos, tivesse animado com o mesmo fogo o sistema moral e levado a esse coração insensível a chama das paixões. No entanto, não esconderei que, tendo agora reflectido profundamente, compreendo que ao contar com o desenvolvimento dos fenómenos da puberdade o fazia comparando o meu aluno com um adolescente vulgar, no qual o amor pelas mulheres precede bastantes vezes, ou pelo menos acompanha sempre, a excitação dos órgãos sexuais. Esta concordância das nossas necessidades e dos nossos gostos não se podia encontrar num ser a quem a educação não tinha ensinado a distinguir um homem duma mulher e que só instintivamente entrevia essa diferença, sem fazer a aplicação à sua situação presente. Não duvidei de que, se me tivesse atrevido a fazer com que este jovem descobrisse o segredo das suas inquietações e a finalidade dos seus desejos, teria tirado disso uma vantagem incalculável. Mas, por outro lado, supondo que me tivesse sido permitido tentar semelhante experiência, não seria de temer ter dado a conhecer ao nosso selvagem uma necessidade que teria procurado satisfazer tão publicamente como as outras e que o teria levado a actos duma indecência repugnante? Tive de me deter, assustado por semelhante resultado, e resignar-me a ver, como em tantas outras circunstâncias, desvanecerem-se as minhas esperanças perante um obstáculo imprevisto.

É esta. Monsenhor, a história das transformações ocorridas no sistema das faculdades afectivas do *Selvagem de Aveyron*. Com esta secção terminam necessariamente todos os factos relativos ao desenvolvimento do meu aluno no espaço de quatro anos. Um grande número desses factos depõe a favor da sua possibilidade de aperfeiçoamento, enquanto que outros parecem negá-la. Achei meu dever apresentar sem distinção tanto uns como outros e contar com a mesma verdade tanto os meus fracassos como os meus êxitos. Esta surpreendente disparidade dos resultados provoca uma certa incerteza quanto à opinião que se pode expressar sobre este jovem e dá origem a uma espécie de discordância entre as consequências que se apresentam após os factos expostos nesta Memória. Deste modo, agrupando os que se encontram disseminados nos parágrafos VI, VII, XVIII, XX, XLI, LIII e LIV, não se pode deixar de concluir:1.º)

que. em consequência da nulidade quase absoluta dos órgãos do ouvido e da palavra, a educação deste jovem está e estará para sempre incompleta; 2.º) que, em consequência da grande inacção, as faculdades intelectuais desenvolvem-se de maneira lenta e penosa e esse desenvolvimento, que nas crianças criadas na civilização é fruto natural do tempo e das circunstâncias, é aqui o resultado lento e laborioso duma educação que deve actuar em tudo e da que se têm de empregar os meios mais poderosos para obter os efeitos mais pequenos; 3.º) que as faculdades afectivas saindo com a mesma lentidão do seu grande embotamento, se encontram subordinadas, ao serem aplicadas, a um profundo sentimento de egoísmo e que a puberdade, em vez de lhes ter imprimido um grande movimento de expansão, parece que só se pronunciou fortemente para provar que existe no homem uma relação entre as necessidades dos seus sentidos e os sentimentos do coração, e este acordo simpático é, como a maioria das paixões grandes e generosas, o feliz fruto da sua educação. Mas, se se recapitular as transformações felizes acontecidas no estado deste jovem, e particularmente os factos consignados nos parágrafos IX, X, XI, XII, XIV, XXI, XXV, XXVIII, XLIV, XLV, XLVI, XLVII, e XLIX, deve-se encarar a sua educação de um ponto de vista mais favorável e admitir como conclusões rigorosamente justas: 1.º) que o aperfeiçoamento da vista e do tacto e os novos prazeres do gosto, ao multiplicarem as sensações e as ideias do nosso jovem selvagem, contribuíram grandemente para o desenvolvimento das faculdades intelectuais; 2.º) que, considerando este desenvolvimento em toda a sua extensão, se encontra, entre outras transformações felizes, o conhecimento do valor convencional dos sinais do pensamento, a aplicação deste conhecimento à designação dos objectos e à enunciação das suas qualidades e das suas acções, donde a extensão das relações do aluno com as pessoas que o rodeiam, a faculdade de lhes expressar os seus desejos, de receber ordens e de realizar com elas um livre e contínuo intercâmbio de pensamentos; 3.º) que, apesar do seu gosto imoderado pela liberdade dos campos e da sua indiferença pela maioria dos prazeres da vida social, Victor mostra-se reconhecido pelos cuidados que se têm para com ele, susceptível duma amizade carinhosa, sensível ao prazer de se conduzir bem, envergonhado com

os seus erros e arrependido das suas reacções violentas; 4.º) e que, por último. Monsenhor, qualquer que seja o ponto do vista com que se encare esta grande experiência, considerando-a como a educação metódica dum homem selvagem, ou limitando-se a vê-la como o tratamento físico e moral de um desses seres infelizes por natureza, repelidos pela sociedade e abandonados pela medicina os cuidados que se tiveram para com ele, os que ainda se devem ter, as transformações que se darão, as que se podem esperar, a voz da humanidade, o interessa que inspira o abandono tão absoluto e um destino tão singular, tudo recomenda este jovem tão extraordinário à atenção dos sábios, à solicitude dos nossos administradores e à protecção do Governo.